

37

Livro-Texto

**ANOTAÇÕES PARA UMA VISÃO DE  
PERNAMBUCO NO INÍCIO  
DO SÉCULO XX**

**Severino Vicente da Silva**



**ANOTAÇÕES PARA UMA  
VISÃO DE PERNAMBUCO NO  
INÍCIO DO SÉCULO XX**



Severino Vicente da Silva

**ANOTAÇÕES PARA UMA  
VISÃO DE PERNAMBUCO NO  
INÍCIO DO SÉCULO XX**



Recife, 2018

## Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

Vice-Reitor: Prof. Silvio Romero Marques

Diretora da Editora: Prof<sup>a</sup> Maria José de Matos Luna

Editora associada à



### Comissão Editorial

Presidente: Prof<sup>a</sup> Maria José de Matos Luna

*Titulares:* Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covaleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

*Suplentes:* Alexsandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

*Editores Executivos:* Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Rogério Luiz Covaleski e Sílvia Helena Lima Schwamborn

### Créditos

Revisor: o autor

Capa e Projeto Gráfico: EdUFPE

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-14080

---

S586a Silva, Severino Vicente da.  
Anotações para uma visão de Pernambuco no início do século XX [recurso eletrônico] / Severino Vicente da Silva. – Recife : Editora UFPE, 2018.  
(Coleção Livro-Texto).

Inclui referências.  
ISBN 978-85-415-0983-1 (online)

1. Pernambuco – História – Século XX. 2. Historiografia. I. Título. II. Título da coleção.

981.34

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2018-017)

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

## SÉRIE LIVRO-TEXTO

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pautada pelos princípios da democracia, transparência, qualidade e compromisso social, assume o Ensino Superior como um bem público e um direito de todos os cidadãos. Neste sentido, estimula a melhoria das condições de trabalho docente, a inserção de metodologias de ensino inovadoras e a articulação dos conhecimentos teóricos e práticos nas diferentes áreas do saber como instrumentos de promoção da formação científica, humanística e artística que prepare nossos estudantes para a intervenção na realidade, segundo o compromisso com o desenvolvimento integral e sustentável, a equidade e a justiça social.

Assim, a UFPE, por intermédio da Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e da sua Editora (EdUFPE), oferta à comunidade acadêmica e à sociedade mais um título da Série Livro-Texto, com o objetivo de contribuir para a formação da biblioteca básica do estudante de graduação e divulgação do conhecimento produzido pelos docentes desta universidade.

Os livros desta série contemplam diferentes áreas do saber e representam o esforço dos docentes e da universidade para a produção, sistematização e divulgação do conhecimento, um dos seus principais objetivos.

É, portanto, com grande satisfação que apresentamos mais um livro da série, que, assim, passa a contar com 37 títulos: *Anotações para uma Visão de Pernambuco no Início do Século XX*, de autoria de Severino Vicente da Silva.

Recife, dezembro de 2014

Prof<sup>a</sup> Ana Maria Santos Cabral  
*Pró-Reitora para Assuntos Acadêmicos*



## APRESENTAÇÃO

À medida que somos convidados a ministrar uma disciplina, nos vemos na obrigação de retomar a dinâmica estudantil, voltando a leituras já realizadas e descortinando novos universos, aqueles que nos passaram despercebidos quando as fizemos tempos atrás. O nosso saber de então era bem mais minúsculo que o atual, mas a petulância de nos vermos sábios aos vinte anos nos impedia de aprender. Apenas líamos “por cima”, sem soletrar o sentido das palavras e dos gestos. Ao invés de termos o conhecimento de cor, o tínhamos de memória. E, como em alguns programas radiofônicos ou televisivos, somos premiados pela quantidade de conhecimento acumulado, embora não digerido. Com o passar dos anos pode ser que alguns de nós venhamos a nos tornar sábio e passemos a buscar mais a qualidade do saber e das coisas ao invés da quantidade. A maioria de nós continua a realizar a tarefa sísifa de acumular coisas, títulos e outras miniaturas de representação de poder. Isso continua a nos impedir de compreender os processos que ocorrem ao nosso lado e conosco. Podemos continuar a enxergar o mundo, se não nos cuidarmos, como nos indicaram os primeiros adultos, ilustrados ou não, com os quais convivíamos. Podemos continuar, com a singela alegria, a não perceber as contradições, os desvios de rota, as opções estranhas que nossos antepassados fizeram e, (como eles), podemos acreditar na confusão do familiar com o público. E isso pode acontecer conosco ao nos julgamos o mais sagaz político, o mais sábio dos mestres, o maior conhecedor da história e da alma humana. É quase sempre assim que nos vemos no silêncio de nosso quarto, ao acordarmos naqueles instantes iniciais em que não estamos inconscientes, mas não queremos assumir a consciência de pessoa acordada.

A leitura da historiografia nos sugere muitas rotas que poderiam ter sido trilhadas na construção das sociedades. A História forma um emaranhado que cabe ao historiador desvelar, entender que as opções geram consequências que

não eram desejadas. A história nunca é apenas o desejo de um só homem ou mulher, de um só grupo; gestada por muitos e diversos desejos, ela escapa dos protagonistas; a rigor alguns se tornam protagonistas se, aqueles que eles jamais conhecerão assim o desejarem. Os que não viveram a história, a partir da que vivem, apontam como é que os que já viveram, pensaram, agiram e desejaram o mundo. Por isso vivemos querendo construir o futuro, embora saibamos que, no futuro, nos construirão como nós construímos os nossos pais.

Relendo alguns livros, lendo outros pela primeira vez, reconstruí algumas ideias sobre a história de Pernambuco. Aparentemente desgostei de algumas ideias que gostava, revi certos conceitos e os surpreendi como mitos que se auto-revelavam, e que eu não percebia. Foi assim com o Hino de Pernambuco que afirma que “no passado teu nome era uma mito, um sol a brilhar no infinito” para mais adiante afirmar melancolicamente: “o primeiro, talvez, no porvir.” Essa dúvida que o poeta carregava em seu íntimo ao comparar o passado ao seu presente, deve ter inspirado Robert Levine em sua explicação de Pernambuco, uma explicação que incomoda bastante aos que, como eu cantava, entoam os versos cívicos sem perceber a ironia que o poeta faz de si mesmo.

Este texto é resultado de aulas e reflexões que tenho feito sobre a história de Pernambuco nos últimos cinco anos. Estes anos que me levaram de volta a algumas de minhas origens, carregado com uma bagagem maior que aquela inicial que possuía no exercício de minha vocação que se tornou profissão.

Este é um manual de iniciação, esta é sua única pretensão: ser um pretexto para que sejam lidos e criados outros textos. Resulta das conversas com gente da Mata Norte que complementavam informações recebidas nos livros e nas conversas com os mais velhos; resulta, também, das tentativas de respostas aos alunos que frequentaram as aulas da disciplina Pernambuco II, que veio à minha responsabilidade graças à bondade de meus colegas, eles me permitiram sair um pouco das leituras sobre a Europa, tema da disciplina História Moderna, para refletir um pouco mais sobre a minha herança mais próxima.

Agradeço aos alunos do curso de Bacharelado em História da Universidade Federal de Pernambuco, aos eventuais alunos de cursos de Especialização para os quais fui convidado a auxiliar. Sem esses desafios esse roteiro de estudo não teria sido sistematizado, ainda tão necessário de melhora.

# 01

## Da colônia à república

Sendo uma das primeiras regiões americanas tocadas pelos portugueses em sua saga do século XVI, a história de Pernambuco quase se confunde com a própria história do Brasil nos primeiros duzentos anos. Apenas no final do século XVIII é que teve início um processo que foi tornando Pernambuco uma região periférica nas tomadas de decisões, tanto na época colonial como no período nacional, especialmente o período republicano, pois ainda se pode perceber a marca forte de Pernambuco na política da nação durante o Império.

Região que desenvolveu, com sucesso, a primeira tentativa portuguesa de ocupação econômica e política do território<sup>1</sup>, Pernambuco construiu uma elite que vem mantendo a sua íntima e permanente decisão de agarrar-se à monocultura da cana de açúcar que tem lhe garantido o poder desde a fase de domínio colonial português. Inicialmente, ancorado em Igarassu, onde estabeleceu uma primeira vila; mais tarde Duarte Coelho fez surgir uma povoação em uma das colinas de Olinda, de onde partiu para a conquista das terras do sul até os limites da capitania, a Foz do Rio São Francisco. Mantiveram-se, esses colonos portugueses, agarrados à margem do Atlântico e apegaram-se ao sucesso doce que o açúcar proporcionou durante longo período.<sup>2</sup> Apoiados em seu passado, as elites econômicas de Pernambuco não perceberam, não puderam, ou não

---

1 Referimos aqui ao que foi iniciado por Duarte Coelho Pereira e consolidado por seus sucessores na Capitania de Pernambuco. Da pequena vila de Olinda saíram os movimentos para conquista do litoral nordestino, bem como o movimento em direção do Agreste e Sertão.

2 MELLO, Evaldo Cabral de. A outra independência. O federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Editorial 34, 2004. P 62

quiseram perceber, as mudanças que vinham ocorrendo ao longo da história do Brasil e da história mundial. Redefinições da política econômica e da administração colonial, provocadas pela descoberta de veios auríferos na região das Gerais, e transformações ocorridas a partir da Revolução Industrial inglesa, provocaram uma reestruturação da economia mundial devido ao processo de industrialização, mas apenas tardiamente foram percebidas pelos senhores de engenho que formavam a elite pernambucana.

Já em final do século XVIII, a transferência da capital colonial da Bahia para o Rio de Janeiro<sup>3</sup>, pôs o Norte (como se dizia à época) em desvantagem no relacionamento político com as capitanias do sul. As atenções das autoridades coloniais portuguesas voltaram-se mais constantemente para o sul, situação que se agravou com a transferência forçada da Corte portuguesa para o Brasil e que foi estabelecer-se no Rio de Janeiro no início do século XIX. Em 1815, após a derrota de Napoleão Bonaparte, ocorreu o fim da colônia portuguesa na América, pois o regente Dom João estabeleceu o Brasil como Reino, unido ao Reino de Portugal e Algarves. Assim é que desde então, Dom João I é rei do Brasil e sua pessoa une o Reino do Brasil ao Reino de Portugal.<sup>4</sup> Por isso, quando ocorrem, a partir de 1821, as pressões para a recolonização do Brasil, José Bonifácio de Andrade e Silva e o Príncipe Regente fazem o Manifesto às Nações denunciando a prática de recolonização portuguesa<sup>5</sup>.

A Independência, as lutas e revoluções não vitoriosas de 1817 e 1824 foram fatores para a criação de um mito de rebeldia e liberdade<sup>6</sup>. As rebeldias daque-

---

3 1763 foi o ano em que o Vice-Reino teve sua sede transferida para o Rio de Janeiro, perdendo, a Bahia, o privilégio que recebera desde a chegada de Dom Tomé de Souza em 1549.

4 MAXWELL, Kenneth. Por que o Brasil foi diferente? O contexto da independência. In viagem incompleta: a experiência brasileira. Formação: histórias. Carlos Guilherme MOTA (organizador) São Paulo: SENAC, 2000.

5 <https://ia600700.us.archive.org/1/items/manifestodoprinc00pedr/manifestodoprinc00pedr.pdf>

6 Em relação aos movimentos de 1817 e 1824 foram criadas algumas interpretações que valorizaram aspectos heroicos dos participantes e, sacrificaram uma análise mais acurada dos motivos de seus fracassos. Também aqui há de se convir que a historiografia, criada pelo Instituto Histórico Geográfico do Rio de Janeiro foi prejudicial e preconceituosa para com o Norte e Nordeste. Aquele Instituto, ao criar uma ideia de Brasil, colocou como parte fundante do Brasil os acontecimentos do Sete de Setembro de 1822 como a base da nacionalidade, pondo em segundo plano a existência de um Reino do Brasil, associado ao reino português desde 1815, fazendo crer que os acontecimentos de 1822 significaram a separação do Brasil Colonial do Império português quando, o que ocorreu de fato foi o fim de uma união entre dois reinos, dois Estados que até então estavam associados. Esta é a razão dos livros didáticos colocarem o pai de Pedro I como João VI (

les anos provocaram perdas territoriais a Pernambuco: em 1817, Pernambuco foi castigado com a perda de Alagoas, em 1824 a chamada Comarca do São Francisco, que levava a então Província até Paracatu, região próxima à nascente do rio São Francisco, foi tomada de Pernambuco e entregue à Minas Gerais e, posteriormente, entregue à Bahia. Ao mesmo tempo as elites econômicas pernambucanas continuavam a não perceber os problemas enfrentados por uma população crescente, e crescentemente afastada das riquezas e dos benefícios gerados pelo seu trabalho. Aliás, foi o temor do “Haiti” que impediu a libertação dos escravos em 1824. Preferindo aliar-se às elites das outras regiões, em detrimento de uma possível aliança com outros setores nordestinos, Pernambuco foi caminhando, “invicto”, pois nenhuma de suas revoluções foi vitoriosa militar e politicamente<sup>7</sup>, embora jamais tenha sido fragorosamente derrotado, para uma situação de subalternidade.

Vários pernambucanos assumiram, durante o Império, postos de liderança na Nação (Pedro Araújo Lima, João Alfredo, p.ex.) e isto pouco significou em decisões e mudanças positivas para a Província e sua população. Parece que esses pernambucanos de projeção nacional, preocupavam-se mais em garantir os privilégios de sua classe, os proprietários e senhores de engenhos, do que promover a inserção das populações pernambucanas e nordestinas no contexto nacional. Essas lideranças confundiam os interesses da Província com os seus interesses pessoais. Entretanto, desde o final do Império Pernambuco vem declinando econômica e politicamente no cenário nacional.<sup>8</sup> Ou seja, a

---

de Portugal) e não João I do Brasil. Além disso, aquele Instituto não reconheceu a grandeza das propostas de nação das outras partes do Brasil, gerando a base da subordinação existente até a atualidade. A esse respeito veja-se as observações de Laurentino Gomes em 1822: *como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. P 24-25.

7 Muitas foram as revoltas dos pernambucanos contra o poder dominante, desde o Tempo dos Flamengos quando levantou-se em armas para a expulsão dos batavos e, sem o apoio do Reino, Pernambuco restaurou-se mas pagou alto preço por sua fidelidade a Portugal; em 1710, a revolta dos olindenses contra a ascensão do Recife à vila levou à eclosão da Guerra dos Mascates, da qual todos saíram vitoriosos e Olinda perdeu o cetro do poder local; em 1817, a Revolução dos Padres, a mais bela das revoluções não conseguiu superar o temor que fazia a recente Independência do Haiti, levando à um acordo com o Império Português, no qual perdeu-se a Comarca de Alagoas; situação semelhante ocorreu com a Confederação do Equador que, se garantiu a Pernambuco o heroísmo de Frei Caneca, teve como consequência a perda da Comarca do São Francisco; A Revolução Praieira pacificou os ânimos revolucionários do Leão do Norte.

8 EVINE, Robert, Pernambuco e a Federação Brasileira, 1889-1937, in História Geral da Civilização Brasi-

proclamação da República não impediu o declínio do Estado, embora alguns de seus líderes viessem a ocupar a vice-presidência da República<sup>9</sup>. Lembremos ainda que João Barbalho de Uchoa Cavalcanti foi Ministro da Instrução Pública dos Transportes, Ministro da Agricultura no governo do Marechal Deodoro da Fonseca e, José Higyno Duarte Pereira foi ministro da Justiça da Floriano Peixoto.

Robert Levine, analisando a posição de Pernambuco diante da Federação, no espaço temporal que vem da Proclamação da República até o Estado Novo, aponta quatro fases no eclipse político de Pernambuco. A primeira, diz ele, *foi assinalada pela intervenção federal de 1892 e pela imposição de um oficial militar, Alexandre José Barbosa Lima, como governador*, fase que se põe entre 1889 e 1896. A segunda fase ocorre entre os anos de 1896 e 1911, período em que Pernambuco ficou sob o comando da oligarquia dominada por Francisco de Assis Rosa e Silva. A terceira fase corre entre os anos de 1911 e 1930, após a campanha *salvacionista* que levou Hermes da Fonseca ao poder e pôs termo ao domínio do Rosismo. A quarta fase, 1930 a 1937 *assinalou a perda dos restos da influência política de Pernambuco*, tendo o Estado, após 1935, sido reduzido a zero a sua influência nacional após o levante de 1935, ainda que uma das figuras exponenciais do regime tenha sido Agamenon Magalhães.

No dizer de Manuel Correia de Andrade “*Pernambuco e o Recife mudavam lentamente, sem, no entanto transformar as estruturas sociais*”. Mantendo estruturas tradicionais, desatento à necessidade de aumentar a faixa de inclusão social, Pernambuco foi perdendo espaços políticos. Isto se deveu, ainda segundo Levine, em *decorrência do declínio global do Nordeste durante esse período, do seu isolamento geográfico, do seu atraso tecnológico e da sua incapacidade de unir-se para defender interesses comuns*.<sup>10</sup>

Pernambuco do início do século XX continuou mantendo as mesmas práticas de poder, pois as estruturas sociais pouco mudaram. Entre 1890 e 1910 foram criadas 37 usinas no Estado, sendo majoritariamente postas na Zona da Mata Sul, com algumas na Mata Norte e no Recife.<sup>11</sup> A introdução das usinas

---

leira, Tomo III, vol. I, org. de Boris Fausto, São Paulo, Difel, 1975 [122-155]

9 É o caso de Rosa e Silva.

10 Levine, Opus cit. [123-125]

11 ANDRADE, Manuel Correia de. História das usinas de açúcar de Pernambuco. 2ª. Edição. Recife:

na transição dos séculos XIX e XX serviu para um novo tipo de acomodação das elites, sem trazer maiores benefícios para a totalidade dos pernambucanos. Ainda deve-se notar que o estabelecimento das usinas favoreceram condições para o fortalecimento do latifúndio, promovendo a concentração de terras, com a compra dos engenhos de fogo morto que não podiam cocorrer com a produção mais moderna. Entretanto, houve alguma modernização. Mas era uma modernização que não conseguia andar conjuntamente, como nos indicam os trilhos das ferrovias: enquanto as ferrovias particulares utilizavam bitolas estreitas (0.60 ou 0.80 cm) as ferrovias estaduais utilizavam bitola larga.<sup>12</sup> A busca de economia na utilização da bitola estreita, alargava os prejuízos para a economia geral do estado. Essa modernização, além da tardia introdução das usinas no mundo da cana de açúcar, inclui o estabelecimento de fábricas<sup>13</sup> que aproveitavam o crescimento do plantio do algodão no Agreste, bem como no Sertão, o que gerou a criação de povoações e cidades nessas regiões.

No início do século XX, foram realizadas algumas obras que deram à capital pernambucana uma nova feição, uma vez que foram abertas novas ruas, melhoramentos no sistema de transporte para a população, com uma ampliação dos limites urbanos da cidade, estendendo-se para além da Soledade, atingindo os bairros de Aflitos, Casa Amarela, Água Fria e outros. Contudo, a situação de higiene vivida na cidade, dita Veneza Brasileira, provocou a notoriedade maior dos médicos sanitaristas como Otávio de Freitas e Gouveia de Barros. Se as condições sanitárias e de esgotamento da cidade a tornava insalubre, a situação de pobreza e miséria que era exposta nas ruas marcou a memória de Gregório Bezerra<sup>14</sup>, conforme ele relata em suas Memórias de jovem que chega à capital vindo da Mata Sul do Estado.

---

Editora da UFPE, 2001. [50-57]

12 Idem p. 62

13 SILVA, Severino Vicente da. Pretinhas do Congo: uma nação africana na Jurema da Mata Norte. Olinda: Editora Reviva, 2001.

14 ARRAIS, Raimundo. Recife, culturas e confrontos. Natal: Editora Universitária EDUFRN, 1998. [64]



## 02 Pernambuco na República Velha

Graças aos problemas gerados pela disputa do poder nos intestinos do Estado, durante o período da República Velha, Pernambuco sofreu a ausência de interesse do governo central em atender as suas reivindicações, ao mesmo tempo em que os estados do sul tinham facilitado o crédito agrícola. Apenas em 1933 foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool, que veio a oferecer um pequeno alívio aos produtores nordestinos, mas *que equivalia tão-somente a uma pequena parte da ajuda fornecida aos cafeicultores do sul*.<sup>1</sup> Simultaneamente, a política fiscal reduzia Pernambuco a uma situação de “pária”.

Em 1893, o governador de Pernambuco declarou que a economia do Estado não suportaria o peso representado pelos pequenos impostos que o Estado era obrigado a lançar na ausência de socorro federal. Sucessivas administrações estaduais aumentaram a carga, evitando um imposto sobre a propriedade agrícola, mas lançando impostos repressivos, como tributo sobre vendas comerciais, licenças, armazenagem, documentos, transporte marítimo e ferroviário e até animais, lucros comerciais e “indústrias e profissões”...

Esse declínio do prestígio de Pernambuco e da região pode ser medido nos exemplos seguintes. Em 1906, quando o poder do grupo liderado por Francisco da Rosa e Silva alcançava o auge, uma associação de lavradores da região solicitou um empréstimo ao Banco do Brasil no valor de 4.0000 contos e rece-

1 ARRAIS, Raimundo. Recife, culturas e confrontos. Natal: Editora Universitária EDUFRN, 1998. [64]

beu uma proposta de 200 contos. No ano de 1934, Pernambuco e os satélites (Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará) receberam 7,72% de todos os empréstimos estaduais concedidos pelo Banco do Brasil, enquanto que Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul receberam 65,92% e o Distrito Federal recebeu 11,13%.

A economia de Pernambuco manteve-se agrícola e resistia teimosamente à mudanças, com um mercado interno restrito, e embaraçada por um setor de transporte bastante precário. A competição entre os estados, de certa maneira exigida pelo governo federal, dificultava alianças regionais, em que pese a influência de Pernambuco sobre Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e partes do Ceará e Piauí. Cada um desses estados, enfrentando os problemas decorrentes das secas, ficava à mercê do governo federal, voltado preferencialmente para as regiões do sudeste e sul. Governadores de Pernambuco evitavam qualquer forma de compromisso que viesse a por em risco o seu poder e hegemonia na região. E isto significava a manutenção de uma agricultura pouco competitiva no mercado que se ampliava.

As relações com os demais estados da região ainda eram dificultadas por questões de limites geográficos, acendendo a rivalidade na região. A região de Petrolina foi causa de dissenso entre Pernambuco e Bahia; a região de Paulo Afonso era disputada entre Pernambuco e Alagoas; com a Paraíba, ocorriam problemas no sertão oriental e central. A construção das estradas de ferro no final do século XIX e início do século XX, tendo Recife como ponto inicial, pode ser compreendida como uma tentativa de expandir a influência de Pernambuco sobre o Ceará, Piauí e Paraíba. O mesmo pode ser dito da malha de ferrovias plantada também na região da Mata Sul, em direção de Alagoas e do rio São Francisco. Parece que Pernambuco teria como objetivo manter, ou criar, uma hegemonia na região no Estado republicano que se formava. A disputa entre as lideranças políticas dos diversos estados do Nordeste provocou mortes, individual e coletivamente. Um exemplo é o que ocorreu com o socorro às vítimas da seca de 1877-80:

A falta de cooperação regional contribuiu para que os funcionários encarregados dos socorros impedissem a ampla migração dos refugiados para o lito-

ral, situação que exacerbou a calamidade, espalhando moléstias e chegando quase a histeria.<sup>2</sup>

O cangaço, fenômeno que remonta ao século XIX e avança até a quarta década do século XX, um dos subprodutos da Lei de Terras de 1850<sup>3</sup>, mostrou a incapacidade isolada dos governos estaduais em confrontar e derrotar esses grupos. Os interesses dos chefes locais, que se utilizavam desses grupos de cangaceiros para garantir a hegemonia na área de sua influência, inibia a ação dos governos. Os governadores do Estado necessitavam do apoio desses chefes, conhecidos como ‘coronéis’, para garantir a eleição de candidatos que dessem suporte e manutenção dos acordos nacionais decorrentes da “política dos governadores” estabelecida por Campos Sales. Todos esses dados dificultaram a superação do cangaço, o que só veio a ocorrer na década de 30 do século XX, após a celebração de pactos entre as polícias de diversos estados e a intervenção do governo federal. O marco simbólico dessa vitória foi a destruição do bando de Lampião – Virgulino Ferreira, na Grota de Angicos, SE.

Talvez esses pactos entre os estados e suas polícias fossem devido ao pequeno contingente de força pública. A inexpressiva força policial deve ter sido justificativa para diversas intervenções federais nos estados da região. Em 1914, a polícia pernambucana contava com 1500 homens e, em 1930 aproximava-se a 3000.<sup>4</sup> A fragilidade da força policial também auxiliou a manutenção dos poderes locais, os coronéis que dominavam a política, de terras, homens, em suas propriedades e no Estado. Na luta contra o cangaço nos primeiros anos do século XX deve-se considerar que os sertões não possuíam estradas que facilitassem o transporte das tropas, diferentemente do que ocorreu no Agreste Setentrional, beneficiado pelo estabelecimento das estradas de ferro que acompanhavam o roteiro dos engenhos, como demonstra o transporte de Silvino Ferreira que, ferido no momento da prisão, foi transportado de trem para desde Taquaritinga ao Recife, em 1914.

---

2 Idem p. 135

3 Lei 601 de 18 de setembro de 1850, estabeleceu que a terra só poderia ser adquirida através de compra, tornando quase impossível aos lavradores e ex- escravos serem possuidores de terras onde trabalhar.

4 Em junho de 2012 estimavam-se cerca de 30 mil homens na Força Pública de Pernambuco. [http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?p=190&doing\\_wp\\_cron=1384715379.8200800418853759765625](http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?p=190&doing_wp_cron=1384715379.8200800418853759765625)

Entretanto, a capital do estado, Recife, apresentava-se, e era vista como metrópole. Para ela se dirigiam jovens de famílias de cabedal, provenientes dos diversos estados do então Norte do Brasil em busca da formação na tradicional Faculdade de Direito, o primeiro dos cursos jurídicos estabelecidos no Brasil. Do Piauí veio o jovem Sigismundo Gonçalves que veio a ser governador de Pernambuco. Assis Chateaubriand, criador dos Diários Associados, veio da Paraíba; Nilo Pereira, que se tornou escritor e influenciou as orientações culturais como Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP - durante o Estado Novo, veio do Rio Grande do Norte. Muitos viam Pernambuco epicentro de um fenômeno civilizacional, como está explícito no título do livro de Décio de Lyra Rabello, *O Nordeste: Pernambuco, centro e origem de toda civilização nordestina*, publicado em 1932. Ao mesmo tempo, entretanto, os que viviam na capital, embora provenientes das zonas rurais do estado ou de outros estados, cultivavam o hábito de ver os habitantes das cidades do interior de modo pouco atencioso, para evitar dizer preconceituoso, pois para eles havia sempre um chiste diminuidor de suas características.

Desde a Abertura dos Portos às Nações Amigas ocorrida em 1808, Recife fortaleceu-se como porto e a presença estrangeira era bastante acentuada na capital pernambucana e teve grande influência no comportamento dos seus habitantes. Eram ingleses, alemães, franceses, portugueses, aqui estabelecidos representando casas comerciais de seus países. Em 1920, conta-se em vinte e um os consulados no Recife, uma cidade portuária, centro do comércio regional.<sup>5</sup> *O Recife assumiu o papel de intermediário comercial de todo o Nordeste, pois era desta cidade que partiam todas as estradas principais da região;...*<sup>6</sup> Firmas comerciais, companhias de navegação, bancos e casas diplomáticas fizeram florescer uma comunidade estrangeira, que mantinha clubes, inicialmente fechados, mas gradativamente abertos à elite local, como resultado de negócios ou casamentos. Embora a Primeira Guerra do século XX (1914 – 1919) não afetasse Pernambuco mais que outras regiões, após o conflito muitas firmas europeias afastaram-se de Pernambuco e da região. Foi a oportunidade

---

5 Alagoas e Paraíba dependiam das linhas ferroviárias de Pernambuco e do porto do Recife.

6 MOREIRA, Fernando Diniz. A construção de uma cidade moderna: Recife (1909-1926). Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife, 1964. Mimeo. P 71.

para o aumento de firmas norte-americanas que já estavam presentes desde meados do século XIX, mas a refluxos as firmas europeia é um indicativo da tendência econômica negativa.

## 2.1 A GUERRA DOS DEUSES E A EDUCAÇÃO

A modernização do Recife vinha ocorrendo desde a atuação do Conde da Boa vista, na segunda metade do século XIX, como se percebe pelo estabelecimento do fornecimento de água para a cidade, novas construções de prédios e passeios públicos, pontes, estabelecimento de fábricas, trouxeram para Pernambuco engenheiros, padres, freiras e pastores que deram nova vida à cidade que se tornava internacional.<sup>7</sup> Este é um aspecto ainda pouco mencionado e estudado: a chegada e penetração de missionários protestantes (congregacionais, evangélicos) no território de Pernambuco desde o último quartel do XIX.<sup>8</sup> A presença do catolicismo foi constante, entretanto, nem sempre os padres estiveram presentes de modo a manter o rebanho; poucos padres e a pesada estrutura burocrática do Estado (durante o período português e do Império) e as dificuldades de reorganização da estrutura eclesiástica no início da República, de certa forma facilitaram a possibilidade de adesão às novas ofertas religiosas que chegavam. No que se refere a Pernambuco, sabemos da presença de cristãos não católicos estabelecendo-se na capital desde a Abertura dos Portos determinada pelo príncipe Dom João, sendo estes, ingleses, na sua maioria. Na segunda metade do século XIX, as missões saídas da Escócia e dos Estados Unidos começam a frutificar na formação de pequenos núcleos que se expandem de maneira lenta. Nos sertões<sup>9</sup> e no Agreste, os missionários evangélicos chegaram pela via férrea e pelo comércio. Para o caso do Agreste, vejamos o quadro organizado por Cláudio Roberto:

---

7 SILVA, Severino Vicente da. As religiões no Brasil: trilhas antigas e novas. In **História das Religiões no Brasil**, vol. I. Syllvana Brandão (organizadora). Recife: Editora Universitária UFPE, 2001.

8 A esse respeito publiquei um pequeno artigo sobre o protestantismo no vale do São Francisco e recebi de Cláudio Roberto Souza, um artigo intitulado Notas para uma história do protestantismo na Zona da Mata Norte de Pernambuco, um exercício em disciplina no curso de mestrado da UFPE.

9 SILVA, Severino Vicente da. Aspectos da religiosidade no médio São Francisco. In *Traduções e tradições: a cultura imaterial em Pernambuco*. Isabel Cristina Martins Guillen (organizadora). Recife: Editora Universitária, UFPE, 2008.

**TABELA 1** – Estações ferroviárias / abertura de igrejas evangélicas

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS/ABERTURA DE IGREJAS EVANGÉLICAS		
MUNICÍPIO/ LOCALIDADE	ESTAÇÃO FERROVIÁRIA	IGREJA
NAZARÉ DA MATA	1882	Presbiterianos, 1890; batistas, 1900.
TIMBAÚBA	1888	Batistas, 1900. Congregacionais, 1910
SIRIGI (SÃO VICENTE)	Ramal Timbaúba	Batistas, 1903.
SÃO VICENTE	Ramal Timbaúba	Batistas, 1914.
PIRAUÁ	Ramal Timbaúba	Congregacionais, 1910
GOIANA	Não há ferrovia, mas a cidade já se liga a Recife por estrada de rodagem no início do século.	Presbiterianos, 1900. Batistas, 1892.
CAMPINA GRANDE	1907	Batistas, 1923. Congregacionais, 1920.
VICÊNCIA	Ramal Pureza, 1883	Batistas, 1941.
ALIANÇA	1883	Batistas, 1935
LIMOEIRO		Batistas, 1901.

No sertão do São Francisco, os missionários protestantes são, em grande parte ou sua maioria, advindos da Bahia<sup>10</sup>, como que seguindo a mesma rota dos vaqueiros da Casa da Torre, nos tempos de dominação lusitana. Observa-se que igrejas de Oeiras, no Piauí, formam-se a partir de missões saídas da Bahia.<sup>11</sup> Passagem, hoje Petrolina, foi ponto de onde saíram missionários na direção de Cabrobó e Belém do São Francisco, ainda nas duas primeiras décadas do século XX.

Aqui poderíamos fazer um pequeno debate sobre a formação de uma rede educacional que então se forma em Pernambuco, mas sem uma atuação

10 SILVA, Severino Vicente da. Protestantismo no sertão do Médio São Francisco. In Os sertões: espaços, tempos movimentos. Suzana CAVANI e Tânia BRANDÃO (organizadoras). Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

11 SOUZA, Robério Américo do Carmo. Vaqueiros de Deus: a expansão do protestantismo pelo sertão cearense nas primeiras décadas do século XX. Tese doutoral. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

clara e positiva do Estado. A formação escolar é uma característica do mundo moderno e a formação de sistemas nacionais de educação pode ser percebida nos países europeus desde o início do século XIX, tendência que se aprofunda a partir do aprofundamento da Revolução industrial. O processo de Romani-zação da igreja católica no final do século XIX fez com que os bispos fossem buscar na Europa padres e freiras para uma “re catolização”. Nesse período os bispos de Olinda trouxeram várias congregações para auxiliá-lo na tarefa da manutenção e crescimento da fé. Assim notamos, no Recife, a presença das Irmãs Doroteias (1866), das Filhas de Santana (1879), das Damas Cristãs (1896), Missionárias Beneditinas (1903), Sagrada Família (1903) aqui chega-das para atender a evangelização dos pobres. Contudo, após algum tempo, além da evangelização elas passaram a atender a necessidade da formação intelectual das jovens das famílias que viam ser mais interessantes terem suas filhas educadas por europeias no Brasil. Essas congregações, por necessida-des de sua missão e pelo chamamento dos bispos diocesanos também esta-beleceram colégios em cidades do interior, como o caso das Damas Cristãs, em Vitória de Santo Antão e Garanhuns; Dorotéias, em Pesqueira e Carpina; Sagrada Família; Camaragibe, relacionada com a residência em Casa Forte, no Recife e em Goiana. Semelhante situação ocorria com congregações masculi-nas que também vieram na virada do século e nas primeiras décadas, como é o caso dos Padres do Sagrado Coração que foram convidados e trazidos para dar assistência aos operários das fábricas estabelecidas na Várzea, em Camaragibe, Paulista, Macaxeira, Barro; dos Irmãos Maristas; dos Salesianos que criaram oficinas em regiões do Recife, formando sapateiros, mecânicos, gráficos, etc.. Chegados com o objetivo de educar os operários e seus filhos, essas congrega-ções viram-se animadas a assumir a educação formal dos jovens das famílias de nível médio e dos mais abastados, em colégios que foram construídos com doações. Nas dioceses do Sertão (Petrolina, Pesqueira), Agreste (Garanhuns) Mata Norte (Nazaré) foram criados colégios diocesanos e uma larga rede de escolas paróquias, sob responsabilidade de seus párocos, em um esforço para conter a expansão dos “nova seita” que sempre atuaram com a educação. Essa contribuição dos católicos na criação de escolas que completada pela atuação das igrejas protestantes que foram se firmando no período inicial da Repú-blica. O uso da leitura foi sempre básico e necessário para a expansão do movi-

mento reformista religioso iniciado no século XVI. A leitura da Palavra de Deus exigia o letramento, a alfabetização. Assim nota-se a presença de escolas de orientação cristã não católica, especialmente os Presbiterianos e Batistas. A criação do Colégio XV de Novembro em Garanhuns forçou o surgimento do Colégio Diocesano naquela cidade.

Assim, com a luta pelas almas, supria-se a ausência (pouca presença) do Estado na educação formal. Entretanto, isso não quer dizer a inexistência total de escolas criadas pelo poder público, mas elas eram em número insuficiente para atender as demandas sociais. Cabrobó, no Sertão do São Francisco, em 1903 tinha apenas “uma cadeira pública” que lhe foi tomada quando Belém do São Francisco passou a ser a sede do município.<sup>12</sup>

## 2.2 O PORTO E OS TRANSPORTES

Dificuldades são notadas para Pernambuco na economia por sua dependência em relação à exportação de seus produtos por conta de sua relação com o exterior. O porto natural do Recife não recebeu a devida atenção dos ocupantes do poder central, de forma que os navios de porte só podiam ancorar à distância, obrigando o traslado dos passageiros em balsas. O porto era importante para a economia do estado, mas, as querelas entre as oligarquias, em muito atravancaram o seu desenvolvimento. De certa maneira, havendo uma modernização mais rápida e vigorosa poderia fazer diminuir o poder oligárquico que se perpetuava. Veja-se o caso do transporte do açúcar:..

O açúcar proveniente da Zona da Mata Sul através da Estrada de Ferro “Recife and São Francisco Railway Company”, cujo terminal se encontrava no terminal do Forte das Cinco Pontas que estava a aproximadamente 1 quilômetro dos antigos e precários armazéns. (...) A Estrada de Ferro Central de Pernambuco, que se dirigia para o oeste, enfrentava o mesmo problema, pois seu terminal também estava situado fora da ilha do Bairro do Recife. Apenas o terminal da linha Great Western se encontrava próximo do porto, no extremo da ilha.<sup>13</sup>

---

12 FERRAZ, Arisson de Souza. Cabrobó, Cidade Pernambucana. São Paulo de Piratininga: Editora Safady Limitada, 1966. P 113

13 MOREIRA, Fernando Diniz. A construção de uma cidade moderna: Recife(1909-1926). Dissertação de

Mas não parece ter havido boa vontade das autoridades federais em auxiliar o porto do Recife. Após cinquenta anos de funcionamento, em 1908 faliu a Companhia de Navegação Pernambucana. Entretanto, logo depois desse acontecimento, o governo federal concedeu à Companhia Baiana de Navegação o dobro dos subsídios que eram concedidos à Companhia Pernambucana. Também os comerciantes pernambucanos reclamavam de que as firmas de cabotagem com sede no Rio de Janeiro discriminavam os produtos de Pernambuco.<sup>14</sup>

No início do século, 1908, foi realizado um convênio com uma companhia francesa visando a melhoria e modernização do porto, entretanto as obras arrastaram-se até 1917, com a falência da Société de Construction du Port. de Pernambuco.<sup>15</sup> Fatores diversos levaram à breca os intentos de modernização do porto: cargos administrativos ocupados por interesses políticos, incapacidade de conseguir apoio político no legislativo federal e a recusa dos fazendeiros em aquiescer no imposto territorial para conseguir fundos necessários para as obras. *Tamanho atraso dessas obras podem ter as mais diversas explicações, mas não podemos arriscar que a falta de função política do já decadente Estado talvez tenha o peso principal, atropelando necessidades técnicas tão prementes.*<sup>16</sup> O que impediu um declínio maior e mais rápido do porto do Recife foi o fracasso da modernização dos demais portos do Nordeste. Assim Pernambuco pode, por mais tempo, ainda manter seu raio de influência política.

Nas primeiras décadas do século XX, as usinas de Pernambuco passaram a ter um novo desafio além dos produtores de açúcar da América Central,

---

no Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife, 1964. Mimeo. P 82

14 Estaria Pernambucano pagando os juros decorrentes dos movimentos de 1817 e 1824 que punham, e põem, em questão a historiografia gerada no Segundo Império que criou uma imagem do Brasil em torno da epopeia do Rio de Janeiro, de São Paulo e da Casa de Bragança?

15 Em 1932, a administração do porto passou inteiramente para o governo federal, suscitando receios de que as autoridades federais aumentassem a ajuda aos portos nordestinos rivais (Cabedelo, Natal, Maceió, Fortaleza). Em 1935, para coroar a eficiência administrativa, organizou-se uma comissão central do porto, a Diretoria das Docas e Obras do Porto do Recife, órgão que sobreviveu até 1947, quando as suas funções foram divididas. Mas as melhorias a longo prazo, pleiteadas havia mais de um século, nunca se concretizaram, embora construções importantes fossem reiniciadas em 1969. Por volta da década de 1950, Recife passara para o quinto lugar entre os portos nacionais, depois de Santos, Rio, Salvador, Vitória e Belém. Levine, opus cit. 147

16 MOREIRA, Fernando Diniz. Opus cit. P 83/84

começaram a enfrentar também a produção açucareira do sul do país, mas não apenas. Aos poucos, restringia-se o mercado do açúcar pernambucano, uma vez que o Sudeste fazia crescer a produção desses produtos. A produção do algodão crescia vagarosamente tanto no Sertão quanto no Agreste. Embora fizesse surgir algumas fábricas no Recife, em Goiana, Paulista, a sua atividade não foi o suficiente para enfrentar a falta de crédito e os inadequados serviços de transporte. Não havendo estrada de ferro ligando Recife a Goiana, essa cidade continuava utilizando a navegação de cabotagem para a exportação de sua produção. As ferrovias seguiam os canais e não as indústrias que se estabeleceram na virada do século XIX e nos primeiros anos do novo.<sup>17</sup> Por outro lado, as fábricas e usinas do sul do país pagavam salários três vezes maiores que as de Pernambuco, o que fazia aquecer o seu mercado, enquanto o mercado consumidor dos pernambucanos ampliava-se timidamente.

Dominando uma região que continha um quinto da população do Brasil, o Recife não conseguiu criar um mercado local dinâmico, em virtude do padrão regional de vida, de simples subsistência. Com as vendas de açúcar atingindo um estado de equilíbrio relativamente baixo na década de 1920, Pernambuco continuou sendo um importador de mercadorias, incluindo gêneros alimentícios como charque, fumo, arroz e feijão.<sup>18</sup>

No dizer de Souza Barros:

tinha-se de partir para novas tarefas e isso requeria espírito de iniciativa, homens capazes de forjar outros rumos, de se arriscarem para um salto ao desconhecido que a posição timorata dos acomodados, dos que apenas herdaram fortuna mas não souberam criar, era incapaz de promover.<sup>19</sup>

Embora enfrentando esses problemas, pode-se lembrar que os meios de transporte que ligavam Pernambuco aos demais espaços do país também

---

17 Aqui parece haver algo a ser estudado: a saída da produção goianense no início do século XX bem como as dificuldades da fábrica de Paulista

18 Levine, opus cit. P. 148

19 SOUZA BARROS. A década 20 em Pernambuco [uma interpretação] Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985. p. 54

tinham papel especial. Paquetes saíam do seu porto para os estados litorâneos. Tomemos como exemplo as viagens do educador Pe. Felix Barreto<sup>20</sup>

Algumas que precisou viajar para ao Rio de Janeiro a fim de tratar de assunto ao colégio junto ao Ministério da educação, ia sempre via marítima, geralmente nos paquetes da linha italiana (Netúnia, Oceania, etc.) e regressava via aera. Certa vez nos anos de 30, fui assistir sua chegada do Rio em um hidroavião da Panair, que descia na bacia do Cais de Santa Rita. De frente do Grande Hotel onde ele desembarcava ligeiro como sempre andava e em seguida aos cumprimentos mostrava com certa vaidade as revistas do Rio deste mesmo dia. A Careta, O Malho, etc. como a dizer que as distancias haviam encurtado com o avião.<sup>21</sup>

A modernização dos meios de transporte vinha ocorrendo desde final do século XIX com os bondes puxados por burros, fazendo ligação do Recife aos arrabaldes de Casa Forte, Caxangá, e Olinda. Mais difícil foi a ligação com as demais cidades. Em 1903, ocorreu a experiência de ônibus ligando Goiana a Recife, em viagem de uma coletiva que levava doze horas. Este primeiro experimento de transporte coletivo foi iniciativa do industrial, que veio a ser prefeito de Goiana e governador de Pernambuco, Manuel Borba. De maneira geral, nunca houve uma preocupação com a criação de estradas, as poucas existentes eram veredas para cavalos ou carros de bois. A pequena vida social dos engenhos não estimulava a construção de estrada que os ligasse. As estradas de ferro eram construídas mais em função do transporte de carga, especialmente do açúcar, e pouca preocupação com passageiros. Aliás, a pequena monetarização da sociedade não estimulava a manutenção de transportes para a população.

O que podemos entender é que a inserção do Brasil, de Pernambuco em particular, no processo de industrialização mundial é feito de modo a tornar o país em região periférica, fornecedora de matéria prima (café, açúcar, algodão,

---

20 Padre Felix Pimentel Barreto, nasceu em Vitória de Santo Antão em 1892 e morreu em 1948. Foi vice-diretor do Ginásio do Recife que era dirigido pelo Monsenhor Fabrício. Após a morte de Fabrício, compra o prédio da Nunes Machado com o Caminho Novo; foi deputado na década de 1930; foi governador de Pernambuco em 1935; foi um dos fundadores da Universidade do Recife, em 1947;

21 MENEZES, José Rafael de. O educador Pe. Felix Barreto. Recife: Comuncarf Editora, 2000 [35

etc.).<sup>22</sup> Talvez isso possa ser apontado como uma característica da dita República Velha;

## 2.3 MODERNIZAÇÃO, MODERNIDADES

Além dos transportes, no início do século XX o Recife, mais tarde outras cidades pernambucanas, conheceu o charme do cinema.

“Em 1909, foram inaugurados os cinema Pathé, na Rua Barão de Vitória nº 45, com 320 lugares, seguido do Cinema Carlos Gomes, do Cine Palace no subúrbio da Várzea, e do Cinema Royal, na Rua Nova e, em 1910, o Cine-Teatro Helvética, na Rua da Imperatriz”. Depois, foram inaugurados os cinemas Politeama, Moderno, este, com uma excelente orquestra, e o Santa Isabel conhecido como o mais luxuoso cinema do Norte.<sup>23</sup>

Na década de vinte ocorreu o Ciclo do Recife.

O Ciclo do Recife foi um dos mais importantes e mais movimentados do cinema mudo regionalista, durando cerca de nove anos. Reuniu inúmeros jovens, de diversas categorias profissionais, que dividiam o tempo entre a profissão e a arte de fazer cinema. Destacaram-se, nesta fase áurea os jovens: Edson Chagas, Gentil Roiz, Ary Severo e Jota Soares, que se uniram em favor do resgate da memória nacional, porque até então os filmes que chegavam ao Brasil e faziam sucesso no mundo inteiro eram os norte-americanos, totalmente dissociados do contexto da sociedade brasileira.<sup>24</sup>

Evidente que uma metrópole tenha seus espaços de lazer e, nas décadas iniciais do século o Recife tinha seu encanto para os boêmios que buscavam o divertimento nas suas noites, especialmente após a chegada da iluminação elétrica, nos anos vinte. Nos cafés, como o Chile, estabelecido na Praça da Independência, além das cervejas e dos dados que rolavam à sorte, a polícia

---

22 LIMA, Heitor Ferreira. História político-econômica e industrial do Brasil. Coleção Brasileira vol. 347. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1ª edição, 1975 [ 253]

23 A modernidade das salas de cinema do Recife

24 Regina Coeli Machado. [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=520&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=520&Itemid=1)

encontrou o comércio da cocaína. À noite “todos os gatos são pardos” e no Continental ou no Lafaeyte, as classes sociais perdiam seus limites nos braços das mulheres.<sup>25</sup>

## 2.4 OS GOVERNADORES E SEUS GOVERNOS

O último governante de Pernambuco durante o império foi Sigismundo Antonio Gonçalves. Tomou posse no mesmo dia em que foi proclamada a República. Entre o dia 15 de novembro de 1889 até 7 de abril de 1892, Pernambuco teve 11 presidentes: José Cerqueira de Aguiar Lima; José Semeão de Oliveira; Albino Gonçalves Meira (Paraibano de origem, era considerado político de confiança de Martins Junior); Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti; Henrique Pereira de Lucena – Barão de Lucena;

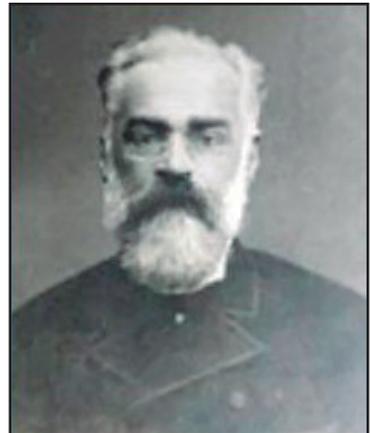


FIG. 01. Henrique Pereira dos Santos

José Antonio Correia da Silva; José Maria de Albuquerque Melo; Antonio Epaminondas de Barros Correia – Barão de Contendas; Ambrósio Machado da Cunha Cavalcanti. A simples enunciação dos nomes desses governantes

---

25 COUCEIRO, Silvia Costa. “Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920” Tese doutoral, Departamento de História, UFPE, 2003.

chama atenção à ausência das lideranças republicanas, como José Isodoro Martins Junior.

Ao lado e, às vezes contra os republicanos, José Mariano Carneiro da Cunha, líder do Partido Autonomista, que terminou por receber antigos monarquistas convertidos em republicanos dias após a proclamação da República (Barão de Lucena). Os Autonomistas dominaram a política até a ascensão de Floriano Peixoto.<sup>26</sup>

### ALEXANDRE JOSÉ BARBOSA LIMA (1892-1896)

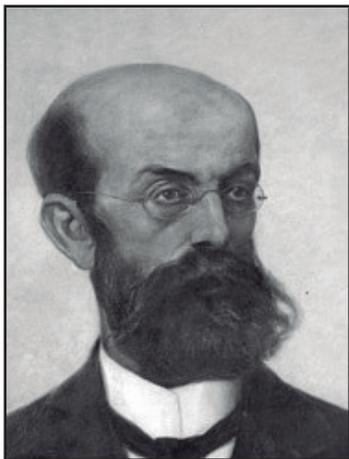


FIG. 02. Barbosa Lima

Nasceu no Recife em 1862, mas sua formação ocorreu em Tocantins, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Iniciou sua militância política quando era professor na Escola Militar de Fortaleza. Desde o início, apresentou-se como um florianista, e, em 1892, foi eleito governador de Pernambuco, Governando por quatro anos. Nesse período deu atenção especial à saúde e a educação. Criou a Inspetoria de Higiene do Estado e, por conta da situação precária do Lazareto do Pina, único isolamento do Recife, fretou um navio, onde eram recolhidas e tratadas as pes-

---

26 HOFFNAGEL, Marc. Tensões e conflitos na consolidação da república em Pernambuco: a revolta de triunfo. Recife: Revista CLIO – Revista de Pesquisa Histórica. Volume 28.2

soas com doenças infecciosas. Aumentou as redes de esgotos e galerias pluviais, entregando o serviço à Recife Drainage Company, ampliou a rede telegráfica e incentivou a navegação costeira e fluvial. Na área de educação, construiu escolas na maioria das cidades, criou a Escola de Engenharia, ajudou a Escola Industrial Frei Caneca, destinada ao ensino dos órfãos e carentes, tendo mandado contratar especialistas nesse tipo de educação na Bélgica e na Alemanha.

A chegada Barbosa Lima ao poder representa o declínio da influência de Martins Junior, ou seja, da ala mais radical do republicanismo, nos espaços de Pernambuco.

O fato é que as adversidades políticas que o estado de Pernambuco enfrentou nesse período de instabilidade política tiveram repercussões intensas e profundas em grande parte das cidades do interior. O fim da gestão melancólica (sic) e autoritária de Barbosa Lima contribuiu para que no âmbito do estado o PRF de Rosa e Silva, constituído a partir de 1893, controlasse o poder político, procurando fazer alianças com os coronéis do interior.<sup>27</sup>

No que tange à expansão das ferrovias, meio de transporte muito utilizado no início do século XX, abriu a linha Recife –Olinda –Igarassu –Goiana –Itambé, iniciou a de Garanhuns a Bom Conselho e deu continuação à ferrovia Recife –Caruaru –Pesqueira.

Essa fase inicial de Pernambuco na República pode ser entendida como aprendizado para os republicanos locais, que nem sempre foram republicanos desde os primeiros momentos do lançamento da idéia. Nesses anos iniciais, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto governaram Pernambuco à distância, pois eles pareciam não confiar muito nas vocações republicanas. Barão de Lucena era homem de confiança Deodoro enquanto Barbosa Lima era homem de Floriano. Luiz Delgado entende que a segunda metade do governo de Barbosa Lima teria sido marcada pelo interesse de demonstrar fidelidade florianista, o que afastou de si as colunas de sustentação dadas por José Mariano e outros republicanos liberais. Esse esforço de parecer mais florianista que Floriano teria sido motivado por falatório de que, inicialmente Barbosa Lima teria

---

27 SILVA JUNIOR, Waldemar Alves da. O coronelismo em Salgueiro, uma trajetória política do coronel Veremundo Soares. (1920-1945). Recife: Edições Bagaço, 2008. [193]

flertado com a Revolta da Armada. De qualquer maneira, o que essa situação provocou foi à ascensão de Francisco da Rosa e Silva como mente operadora da política pernambucana nas décadas seguintes.<sup>28</sup> O interregno foi presidido por JOAQUIM CORREIA DE ARAÚJO que governou de 1896 a 1899. Com ele começa os Tempos de Rosa e Silva.

Tempos de Rosa e Silva é o que ocorreu entre 1896 e 1911. Foi o período do domínio político de Francisco de Assis Rosa e Silva. Nascido em 1857, Rosa e Silva ingressa na Faculdade de Direito do Recife com 16 anos e, mais tarde passa a exercer influência social através do jornal literário *Congresso literário e luta*. No ano de 1881 ingressa no partido no Partido Conservador e nele se mantém até 1898, tornando-se republicano, vindo a ser vice-presidente da república no governo de Campos Sales. Principal representante dos interesses do setor açucareiro manteve amplo domínio sobre a política de Pernambuco, elegendo quatro governadores, no ano de 1901 comprou o jornal Diário de Pernambuco; seu poder é contestado pelo general Dantas Barreto, em 1910. Perde parte de seu prestígio, mas se mantém na arena política, como senador, até a sua morte, em 1929.

#### SIGISMUNDO ANTONIO GONÇALVES (1899 -1890)

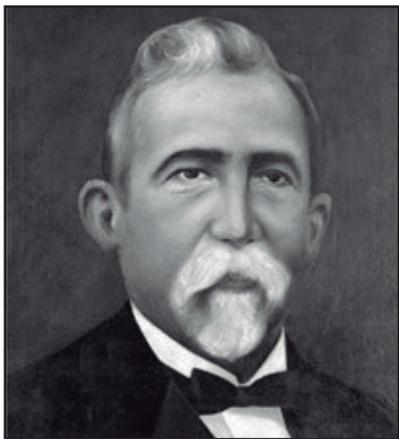


FIG. 03. Sigismundo Gonçalves

---

28 DELGADO, Luiz. Gestos e vozes de Pernambuco. Recife: editora Universitária UFPE, 1970. [262ss]

Nasceu no Piauí, no ano de 1845. Fez seus estudos na Faculdade de Direito do Recife e, durante o Império, exerceu cargos de magistratura nas províncias de Pernambuco, Maranhão, Pará, sendo o último governador da Província de Pernambuco, pois assumiu o cargo no mesmo dia em que foi decretado o fim do Império. Posteriormente foi também presidente do Estado de Pernambuco, governando até abril de setembro de 1898 a 1900. Em seu governo, mandou a polícia provocar o incêndio que destruiu o moderno centro de compras no bairro do Derby, uma iniciativa do empresário Delmiro Gouveia. O incêndio tinha como objetivo levar o empresário à falência e ocorrido por ordem de Rosa e Silva, então senador da República. Sob a chancela do Conselheiro Rosa e Silva voltou a presidir Pernambuco em 1904.

ANTONIO GONÇALVES FERREIRA (1900 – 1904)

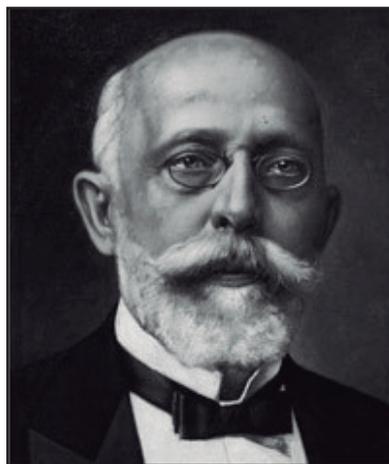


FIG. 04. Antonio Gonçalves Ferreira

O domínio de Francisco de Assis Rosa e Silva pode ser medido, também, pela criação de novos municípios no Estado, promovendo reformas e acomodações nas relações políticas das regiões. Um exemplo é a criação do município de Belém do São Francisco (103) em relação à Cabrobó. As relações de poder do rosismo, embora tivesse sua base principal no sucrocracia, não dispensava o apoio dos grupos políticos do Sertão e Agreste.

## SIGISMUNDO ANTONIO GONÇALVES (1904 -1908)

Parte integrante do grupo Rosista, Sigismundo Gonçalves, como muitos jovens, veio do Piauí para realizar a sua formação em ciência jurídica, mas não retornou ao seu torrão de origem, fazendo em Pernambuco a sua carreira política, vindo a se tornar homem de confiança de Francisco da Rosa e Silva. Esta foi um período de modernização do Recife, como o início das obras de alargamento das ruas do bairro do Recife. Esse processo de modernização da cidade vinha acompanhado de uma onda violência no Recife, que via sua população crescendo rapidamente desde o final da escravatura e a crise que ocorria nas relações de trabalho na região do açúcar. Assim é que foi Criada a Segurança Noturna –SN -, como estava assinalado nos uniformes dos seguranças, mas que o povo lia com SEGURANÇA NENHUMA.<sup>29</sup>

Nas duas últimas décadas do século XIX a população começa a ocupar as ruas da cidade de maneira mais livre. “a rua é do povo como o céu é do condor” é verso de Castro Alves escrito no Recife louvando as reuniões públicas e as liberdades que estavam sendo conquistadas na luta pelo fim da escravidão no Brasil.

Ainda que não haja sido uma iniciativa governamental, vale ressaltar que esse processo de modernização do Recife vem acompanhado de iniciativas na área da educação. Novas instituições chegam, como o é o caso da Associação Cristã dos Moços, aqui chegada em 1907, localizada no Cais do Capibaribe, nº 40. A ACM introduziu a prática de esportes, para os jovens das camadas mais abastadas, daí a pratica do turfe, que foi o primeiro esporte praticado no Recife. Os bairros Hipódromo, Prado e Derby são testemunhas deste tempo.<sup>30</sup>

Aquelas décadas, juntamente com as primeiras do século XX, também é o tempo da invenção do carnaval e, é em 1907 que a imprensa chama atenção ao modo de como se está dançando os acordes dos metais nas ruas da cidade.

---

29 ARRAIS, Raimundo. Recife, culturas e confrontos [73]

30 OLIVEIRA, Paulo Fernandes Associação Cristã De Moços: Aspectos Do Esforço Civilizador Brasileiro Na Cidade De Recife No Final Da Primeira Década Do Século XX. [http://www.uel.br/grupoestudo/processocivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W\\_Oliveira2.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processocivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W_Oliveira2.pdf)

Tudo Ferve tudo freve, é o frevo que é reconhecido e escrito nas páginas do Jornal Pequeno, 9 de fevereiro daquele ano. O frevo e o passo, a dança e música, nascidas na proibição da capoeira e da criatividade da população vêm apresentar parte do caráter menos cordato da população, um comportamento contido como é apresentado nos desfiles dos Maracatus de Baque Virado, herdeiro das procissões da Irmandade do Rosário dos Pretos. De certa maneira, a invenção do frevo está relacionada às múltiplas violências sofridas pelas camadas mais pobres da população<sup>31</sup>. Fenômeno semelhante também ocorre nos sítios dos engenhos, nas pontas de ruas da Mata Norte do Estado, onde a criatividade de homens livres descendentes de escravos faz surgir o Cavalinho Marinho, o Bumba Meu Boi, o Caboclinho, o Caboclo de Lança e o Maracatu Rural.<sup>32</sup>

#### HERCULANO BANDEIRA (1908 -1911)

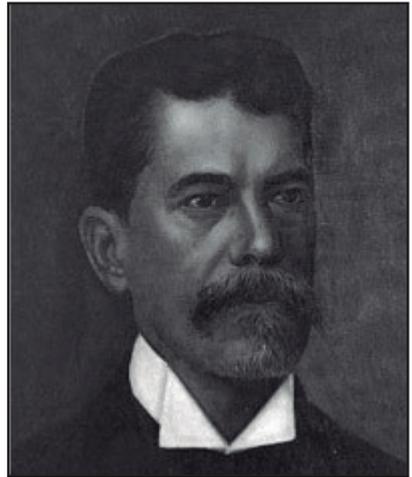


FIG. 05. Herculano Bandeira

Neste governo a arquitetura deve ser mencionada como uma expressão do crescimento de Pernambuco, asseverado pela construção de prédios ecléticos, ocupantes da nova Rua do Bom Jesus, avenida rio Branco. Exemplificando

31 DUARTE, Rui. História Social do Frevo. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A. S/d.

32 SILVA, Severino Vicente da. Festa de Caboclo. 2ª edição. Recife: Associação Reviva, 2011.

citamos o prédio Associação Comercial, de 1915; o Edifício Luciano, na av. Rio Branco, de 1910. O engenheiro Saturnino de Brito foi contratado para modernizar o serviço de abastecimento de água da capital (a água era proveniente do reservatório da Prata, Dois Irmãos), bem como o serviço de esgotos, e para isso foi construída a estação Cabanga. . Em 1908 foi criado o Hino de Pernambuco, com letra de Oscar Brandão da Rocha e música de Nicolino Milano. Os católicos ligados à devoção a Nossa Senhora do Carmo mostraram a sua dedicação e força conseguindo que a Senhora do Carmo fosse considerada Padroeira do Recife, ao lado de Santo Antônio. A força dessa devoção está ligada ao crescente comércio do Recife e ao processo de Romanização em curso. A proclamação da República mostrou a necessidade de atualização da presença da Igreja Católica Romana nos espaços sócio políticos no Brasil e, no processo de Romanização, é criada a Arquidiocese de Olinda e Recife em 1810.<sup>33</sup> Nessa época, ocorre à chegada dos padres salesianos e dos Irmãos Maristas, que estabelecem seus colégios e oratórios, inicialmente no bairro da Boa Vista..

No mesmo ano de 1910, a seis de abril, um grupo de jovens liderados Augusto Joaquim Pereira, fez a primeira emissão radiofônica a partir do parque Treze de Maio sendo ouvido em vários pontos do Recife. Assim nasceu a Rádio Clube de Pernambuco<sup>34</sup>.

Ao chegar tempo das novas eleições, as tensões na política nacional decorrentes da d e local levaram o grupo rosista estabelecer uma estratégia eleitoral para enfrentar o candidato General Dantas Barreto, e ela consistiu no afastamento de Herculano Bandeira.

---

33 Silva Severino Vicente da . Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da igreja progressista na Arquidiocese de Olinda e Recife. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2010.

34 [http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Rádio+Clube+de+Pernambuco&ltr=r&id\\_perso=782](http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Rádio+Clube+de+Pernambuco&ltr=r&id_perso=782)

## ESTÁCIO DE ALBUQUERQUE COIMBRA (1911)



FIG. 06. Estácio Coimbra

Nasceu em Barreiros, no ano de 1872. Filhos de donos de engenho, Estácio Coimbra foi o proprietário da Usina Central de Barreiros. Fez carreira política sob a proteção de Francisco de Assis Rosa e Silva. Presidente da Assembleia legislativa assumiu o governo após a renúncia de Herculano Bandeira, em uma manobra que visava beneficiar Francisco da Rosa e Silva, então candidato ao governo, enfrentando o general Emídio Dantas Barreto, que se licenciara do cargo de Ministro do Exército. Aquela foi uma das campanhas mais tumultuosas da história eleitoral de Pernambuco. Em algumas cidades não houve eleições, que foi o caso de Águas Belas, por conta da atuação de grupos de bandedeiros; em outras o candidato da oposição quase não teve votos em Triunfo não houve um só voto para Dantas Barreto. A situação era de tensão e o governador Estácio Coimbra decidiu sair do Recife, indo para a sua propriedade, em Barreiros, após tiros atingirem a sede do governo. O general que era um “dantista” entendeu que Estácio Coimbra, ao retirar-se do Recife, deixava vago o cargo de governador.

O Diário de Pernambuco anunciou a vitória à Rosa e Silva por pequena margem de voto. Entretanto a Assembleia reconheceu a vitória de Dantas

Barreto que recebeu o cargo do presidente da Câmara, o padre João da Costa Bezerra que assumiu a governança do Estado sob a orientação do general Carlos Pinto.

#### JOÃO DA COSTA BEZERRA DE CARVALHO (1911)

Quando Estácio Coimbra retirou-se do Recife, o general Carlos Pinto, entendendo que o governo estava vacante mandou buscar o presidente da Câmara, o padre João da Costa Bezerra Carvalho, que estava em Glória do Goitá, onde era vigário, para realizar a posse a Dantas Barreto.

#### EMÍDIO DANTAS BARRETO (1911-1915)

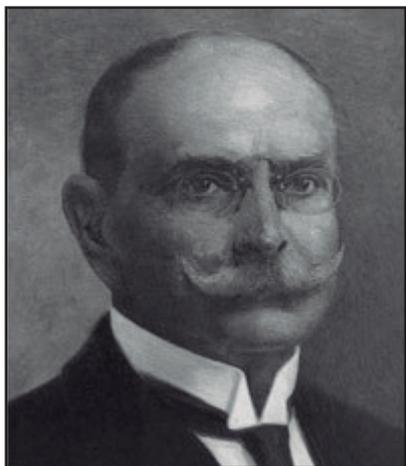


FIG. 07. Dantas Barreto

Nasceu em Bom Conselho, em 1850, aos quinze anos, ainda analfabeto, entrou no exército e foi para a Guerra do Paraguai, onde se destacou por bravura e inteligência. O militar participou, ainda, da Revolta da Armada, tendo sido um combatente ativo da Guerra de Canudos, como comandante do 25º Batalhão de Infantaria e, posteriormente, como comandante da terceira brigada. Alcançou o generalato em 1908. Foi às urnas contra Rosa e Silva, e após uma disputa em que ocorreram vários confrontos, perdeu por

uma diferença próxima a 2000 votos. Os confrontos continuaram inclusive na Praça da Independência, onde estava situado o Diário de Pernambuco, jornal que então pertencia a Rosa e Silva. Esses e outros incidentes levaram o governador Estácio Coimbra a solicitar intervenção federal, tendo o Congresso reconhecido a vitória de Dantas Barretos por uma margem de 1.164 votos, dando fim ao domínio da oligarquia rosista que dominava o Estado desde 1896. Um coco popular assim dizia: *O pau rolou, caiu, / Rosas mur-chou / Dantas Subiu.*<sup>35</sup>

Como era comum na República Velha, a mudança de governo significava a mudança em toda a estrutura de poder, assim as lideranças mudaram:

	Rosista	Dantista
Sertânia (Alagoa de Baixo)	Albuquerque Né	Jacinto Antunes
São José do Egito	José Ferreira Santana	Domingues Alves de Siqueira
Afogados de Ingazeira	Paulino Rafael	João Alves dos Passos
Flores	José Alves de Góis	José Cordeiro de Siqueira Campos
Triunfo	Deodato Monteiro	Felinto Vanderlei
Serra Talhada	Monteiro Dinis	Antonio Moraes de Carvalho
Belmonte	Moraes de Carvalho	João Lucas de Carvalho
Granito	João Peixoto de Alencar	João Florêncio de Alencar
Petrolina	Cornélio Padilha	Souza Filho
Ouricuri	Honorato Marinho	Anísio coelho
Belém	Carvalho Pires	Caribé
Jatobá	Gomes Lima	Aureliano Menezes
Floresta	Cazé	Correia da Cruz
Águas Belas	Montezuma	Constantino Lins de Albuquerque
Pedra	Dinis de Almeida	Tenório Cavalcanti
Bom Conselho	Lívio Vanderlei	Vilela

35 ANJOS, João Alfredo dos. A Revolução pernambucana de 1911. Movimento popular liderado pelo general Dantas Barreto contras a oligarquia do conselheiro Rosa e Silva. Recife Prefeitura do Recife/ Secretaria de Cultura/ Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2009.

	Rosista	Dantista
Pesqueira	Sinésio Cavalcanti	Sátiro Leite
Boa Vista (Arcoverde)	Manuel Florêncio de Barros	Manuel Florêncio de Barros Filho

Tudo isso, porém, constituía rotina, fato normal, ninguém estranhando porque sempre fora assim, desde a Monarquia: subindo uma facção seguia-se a derrubada, não se deixando pedra sobre pedra, na costumeira linha de “aos vencidos, morte ou comiseração e, ao vencedor as batatas”, do apólogo de Quincas Borba, em Machado de Assis”.<sup>36</sup>

Dantas Barreto, no governo, pôs como sua principal preocupação o desmantelamento da ação dos bandoleiros, apodados de Cangaceiros, que atuavam no interior do Estado. Especial atenção foi dada a Antonio Silvino, com atuação no Agreste de Pernambuco e na Paraíba, preso a 27 de novembro de 1914. O Cangaço deve ser compreendido como fenômeno social gerado pela estrutura fundiária que foi sendo estabelecida desde o período com período português com a criação das Capitânicas Hereditárias, o sistema de Sesmarias que favoreceu a concentração de terras em poder de pequeno grupo de famílias e, no período do Império, com o estabelecimento da Lei de Terras. Tal sistema, aliado ao uso da escravidão como forma de controle da força de trabalho e produção, levou à formação de uma sociedade que prendeu a terra na mão de alguns e, com isso levou ao controle dos homens. Ao determinar que, a posse da terra seria permitida apenas através da compra, aqueles que viviam por décadas nas terras perderam sua posse e, aqueles que possuíam condições de registrar terras em seu nome engalfinharam-se em guerras para aumentar suas propriedades. Alguns antigos posseiros e pequenos proprietários viram-se forçados a reagir violentamente, solitários ou em bandos, outros reduzidos à canga do trabalho nas fazendas e, também, à canga das armas no serviço dos donos das terras. Apenas na década de 1930 o cangaço recebeu a condenação, embora tenha sido recuperado como exemplo de revolta a caminho da revolução social posteriormente.

36 COSTA PORTO, José da. Os tempos de Dantas Barreto. Recife: Editora Universitária, UFPE, 1973. [15]

Devem ser lembradas também as obras realizadas para a ampliação e modernização da área portuária do Recife, inclusive com a demolição da Igreja do Corpo Santo, a Matriz de São Pedro Gonçalves, paróquia do Recife. As peças e as irmandades que funcionavam no Corpo Santo foram levadas para a Madre de Deus. A Igreja do Corpo Santo foi construída no local da antiga Ermida de Sant'Elmo, protetor dos pescadores; também foi nela que, de acordo com tradicional lenda recifense, Jesus teria sido recebido para passar a noite ali, como mendigo, após ter sido recusado no convento do Carmo.

Apesar desse esforço de modernização da época, Dantas Barreto recusou apoiar o projeto de Delmiro Gouveia de trazer a eletricidade desde Paulo Afonso até o Recife. Ora, Delmiro Gouveia havia sido um opositor de Rosa e Silva e deve ter ficado frustrado com a negativa de Dantas, de sua desconfiança quanto ao projeto, uma vez que Delmiro nada lhe pedia além da permissão para trazer a eletricidade para o Recife. Como nada pedira, Dantas achou que estava barato demais e não podia aceitar.

Mas era tempo da guerra, a Guerra Mundial e muitos comerciantes e religiosos eram provenientes de países com o quais o Brasil estava em guerra após 1917, razão que levou grupos a depredarem lojas comerciais e até mesmo ocorreu à tentativa de invadir o convento de Santo Antônio, localizado na Rua do Imperador, pois era bastante elevado o número de padres de origem alemã que ali habitava. Também começava a guerra das novas eleições, tanto a presidencial quanto para escolha do novo governador de Pernambuco. Um dantista ganha à eleição, mas logo vai trazer de volta o rosismo.

#### MANUEL ANTONIO PEREIRA BORBA (1915-1919)

Nasceu em Timbaúba, no ano de 1864. A sua atuação está ligada ao comércio e à indústria. Foi ele um dos fundadores da Companhia de Tecidos e Fiação Goyana, criada ainda no século em 1894 e tentou estabelecer uma comunicação rodoviária entre Recife e Goiana, mas com resultado píffio. Seu perfil modernizante o levou a apoiar Dantas Barreto na disputa com Rosa e Silva. Como governador criou a Imprensa Oficial, introduziu o gado Nelore com o objetivo de melhorar o rebanho do Estado. Também promoveu a construção de pontes, abertura de estradas. Tendo uma preocupação com a identidade do

Estado oficializou a bandeira de Pernambuco. No sertão, a política de Manuel Borba levou a rompimentos com grupos rosistas, como no caso de Salgueiro, ao beneficiar a família Soares para a prefeitura, elegendo Bejamim Othon Soares, afastando a família Sá, ligada aos rosistas, ainda remanescentes do período monárquico.<sup>37</sup> Ao término do seu governo estava aliado aos usineiros, o que favoreceu o retorno de Rosa e Silva, resultado de uma política dúbia entre rosistas e dantistas, mas favorecendo os rosistas, também afetando os algodoiros ligados aos interesses de Francisco Pessoa de Queiroz.<sup>38</sup>



FIG. 08. Manuel Borba

O governo de Manuel Borba tem início com o conflito europeu em andamento. A sociedade discute a participação do Brasil na Guerra que veio a tornar-se mundial.<sup>39</sup> O Brasil pretende a neutralidade e, ao mesmo tempo, Olavo

---

37 SILVA JUNIOR, Waldemar Alves da. O coronelismo em Salgueiro, uma trajetória política do coronel Veremundo Soares. (1920-1945). Recife: Edições Bagaço, 2008. [128]

38 SILVA JUNIOR, Waldemar Alves da. O coronelismo em Salgueiro, uma trajetória política do coronel Veremundo Soares. (1920-1945). Recife: Edições Bagaço, 2008. [98ss].

39 Uma política de alianças vinha sendo cultivada pelas nações europeias desde o início da segunda década do século XX; duas grandes alianças resumiam os conflitos de interesses que levaram à guerra: a Tríplice Aliança formada pela Inglaterra, França e Rússia, e, depois Estados Unidos da América do Norte; e a Tríplice Entente cujos membros eram Alemanha, Império Dual (Áustria e Hungria), Itália e, posteriormente, o Japão.

Bilac age na formação de uma Liga da Defesa Nacional e a formação de linhas de tiro para adestramento militar. No jornal A Tribuna, da Arquidiocese de Olinda e Recife, o padre Paulo Pequeno propugna pela neutralidade, mas Dom Sebastião Leme assume a presidência da Liga organizada pelo poeta autor do Hino da Bandeira Nacional. O naufrágio do navio Paraná impõe a declaração de guerra à Tríplice Entente. A guerra atinge a muitos moradores de Pernambuco, especialmente aos comerciantes alemães e italianos da Praça do Recife. Religiosos católicos de origens germânica e italiana que, desde final do século XIX, aportaram no Recife para renovação das ordens de São Bento, do Carmo e São Francisco passaram a ser vistos como possíveis infiltrados. O Convento de Santo Antônio, na Rua do Imperador quase foi invadido pela turba inebriada de nacionalismo contra os alemães. O Recife estava em guerra.<sup>40</sup> JOSÉ HENRIQUE CARNEIRO DA CUNHA o substituiu, governado de 18 a 24 de dezembro 1919, quando ocorreu a posse do novo presidente.

JOSÉ RUFINO BEZERRA CAVALCANTI (1919-1922)



FIG. 09. José Rufino Bezerra

---

40 SILVA Severino Vicente da. A primeira guerra na Tribuna Religiosa: o nascimento da neo-cristandade. DISSERTAÇÃO DE Mestrado, Departamento de História da UFPE, 1986.

Membro da oligarquia açucareira, José Rufino Bezerra Cavalcanti foi ministro da agricultura de Wenceslau Braz<sup>41</sup>, que o fez ministro ao saber que, embora tenha tido mais votos que Rosa e Silva para o Senado, fora “dego-lado’ por Pinheiro Machado. Seu governo pautou-se no esforço de unir usi-neiros e comerciantes. Em seu governo, juntamente com Lima Castro, prefeito do Recife, solicitou colaboração especial da população para fazer as calçadas das ruas Riachuelo, Hospício, Aurora, entre outras<sup>42</sup>. Entretanto José Rufino morreu no exercício do cargo após ataque cardíaco. A sua morte promoveu um sentimento que poderia ter levado o Estado a uma “guerra civil”. Em um período de dois anos Pernambuco foi governado por OTÁVIO HAMILTON TAVARES BARRETO que exerceu a função no período de 10/1920 a 03/1921) e por SEVERINO MARQUES DE QUEIROZ PINHEIRO que governou entre 03/1921 e 10/1922. A situação foi contornada politicamente pela escolha consensual dos diversos grupos por Sérgio Loreto.

#### SÉRGIO TEIXEIRA LINS DE BARROS LORETO (1922-1926)

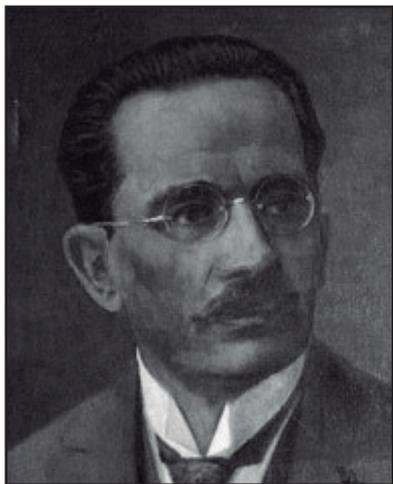


FIG. 10. Sérgio Loreto

---

41 Wenceslau Braz governou o Brasil de 1914 a 1918

42 [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Rufino\\_Bezerra\\_Cavalcanti](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Rufino_Bezerra_Cavalcanti)

Nascido em Águas Belas no ano de 1870 Quando escolhido para governar o Estado, Sérgio Loreto atuava como Juiz Federal no Rio de Janeiro e, sua escolha baseou-se na ideia de que ele poderia unir as muitas facções porque ele estaria afastado das lutas políticas intestinas. Governou Pernambuco com Mão de ferro, com o apoio das elites urbanas ligadas ao comércio. Reorganizou o serviço público, especialmente na área de saúde, colocando à frente deste o médico Amaury de Medeiros, seu genro. O médico Amaury de Medeiros criou setores especializados para combater a malária, a tuberculose, a sífilis e para tratar as doenças mentais. Abriu uma rede de hospitais que atendia aos municípios de Goiana, Cabo, Bonito, Canhotinho, Olinda, Nazaré da Mata, Ribeirão, além de 26 postos de saúde no interior do Estado. Reformou o Hospital Santa Águeda, hoje chamado Oswaldo Cruz,<sup>43</sup> conseguindo erradicar a varíola, a febre amarela e diminuir significativamente o índice de mortalidade de crianças e adultos.

O quadriênio de Sérgio Loreto segundo Valdemar de oliveira: “A validação do Derby, da Avenida Boa Viagem, drenada em 1924, ligada ao Recife por linhas de Bondes. Esta avenida, construída a onze quilômetros da cidade, passa a ser apontada pela elite como símbolo da modernização que chega ao Estado, chegando a ser comparada com a Torre Eiffel.<sup>44</sup> O ajardinamento de espaços vazios no Recife, a intensiva arborização da Cidade, a abertura de vias de penetração para o interior, o prosseguimento dos planos de saneamento”<sup>45</sup> Após o período eleitoral, JÚLIO DE MELO administra o Estado de outubro a dezembro de 1926, fazendo a transição para Estácio Coimbra.

## ESTÁCIO DE ALBUQUERQUE MELO COIMBRA (1926 – 1930)

Este é o segundo período de governo de Estácio Coimbra. Ele foi eleito após longas negociações políticas entre os grupos políticos de Pernambuco e a presidência da República que, em um acordo de cavaleiros, garantiu a recon-

---

43 GASPARG, Lúcia. Sérgio Loreto. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. acesso em 08/02/2014.

44 MOREIRA, Fernando Diniz. Opus cit. P 131

45 Souza Barros, p. 73

*dução de Manuel Borba ao Senado e seis vagas para deputados federais. Além da distribuição equitativa entre o borbismo e o estacismo.*<sup>46</sup>

Embora não se possa dizer que tenha sido fruto de seus esforços como governante, deve-se lembrar que em 1927 foi inaugurada a 27 de julho de 1927 a Faculdade de Medicina.<sup>47</sup> A criação da faculdade de medicina ocorreu em um momento em que, no Recife, ocorria também um enfrentamento entre as curas tradicionais e a prática da cura científica, trazida pela prática médica, como nos atesta o seguinte texto, também do artigo de Sylvania Couceiro

Em Afogados, Beberibe, Pina, Encruzilhada e outras localidades, os cultos eram realizados, contando muitas vezes com a presença não apenas dos praticantes descendentes dos escravos, mas também com senhoras e senhores abastados, representantes de conhecidas famílias da cidade. Gonçalves Fernandes, que na década de trinta escreveu “Xangôs do Nordeste”, conta o caso de um rico português que, gravemente doente, procurou o pai-de-santo Adão, considerado pelo autor o mais respeitado babalorixá do Recife na época.<sup>48</sup>

Tendo voltado ao governo de Pernambuco após ter sido vice-presidente de Artur Bernardes, sempre com o apoio de Rosa e Silva, Estácio Coimbra viu-se a enfrentar um conflito com a Paraíba por conta da política controle de fronteiras, praticada pelo presidente João Pessoa, que visava diminuir a sangria de impostos que prejudicava os interesses da Paraíba. Estácio Coimbra é acusado de apoiar os revoltosos de Princesa, contra o governador João Pessoa, favorecendo a passagem de armas para o Coronel José Pereira. Após as eleições de 1930, na qual foram derrotados Getúlio Vargas e João Pessoa, o assassinato deste último, em uma casa de sorvetes no Recife, provocou a eclosão da chamada Revolução de 1930.

---

46 SILVA JUNIOR opus cit [110]

47 COUCEIRO, Sylvania Costa. Médicos e “charlatões”: conflitos e convivências em torno do ‘poder de cura’ no Recife dos anos 1920. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, n. 10, v. 5, abr./jun.2004 (Dossiê História Cultural, ISSN 1518-3394) Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>

48 idem.

## 03 | A revolução de 1930

As mudanças pelas quais a sociedade brasileira vinha atravessando desde o início da década de vinte fizeram surgir novos projetos sociais e políticos que não aceitavam os princípios básicos da República Oligárquica que havia se instalado desde a presidência de Prudente de Moraes, mais especialmente por Campos Sales. O crescimento da população e o processo de urbanização crescente exigiam novas regras e novos atores sociais vinham se impondo aos tradicionais coronéis. Naquele ano, estima-se que a população do país era de pouco mais de 37 milhões, dos quais 23 milhões era analfabeta. Além disso, o desencanto com federalismo, aplicado desde o início da República, mais beneficiava os estados do Sul que aqueles do Norte e Nordeste. Evidentemente, também ocorria desconforto entre as oligarquias governantes nos estados abaixo da Bahia.

O ano do centenário da Independência (1922) parece ter sido como um novo descobrimento do Brasil. Naquele ano ocorreu a Semana de Arte Moderna em São Paulo, marco inicial de criação de uma estética mais brasileira, sentida e provocada por jovens da elite paulista. Também foi o momento da insurgência dos novos oficiais do exército, unidos em um movimento conhecido como Tenentismo que, ultrapassando os muros dos quartéis: iniciado no Rio de Janeiro espalhou-se para o Rio Grande do Sul e São Paulo, tendo recebido a adesão de setores civis que viam, na ação dos jovens oficiais, a possibilidade do surgimento de novas formas de participação na vida política. O ideário dos oficiais coincidia com alguns objetivos de trabalhadores (repouso semanal, férias, salário mínimo etc.) e de setores políticos (voto secreto, organização da educação). Naquele mesmo ano de 1922, setores do operariado caminha-

vam para a superação do anarcosindicalismo e, influenciados pelos sucessos da Revolução Russa, criaram o Partido Comunista Brasileiro, acontecimento que contou com participação do pernambucano Cristiano Machado. Outros setores sociais e instituições procuravam uma nova forma de participação na vida social do país, o que foi o caso da Igreja Católica ao criar o Centro Dom Vital e da revista A Ordem, sob a coordenação do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme.

No Recife, o Diário de Pernambuco entrega ao jovem Gilberto Freyre a incumbência de organizar o Livro do Nordeste. Era o ano de 1925.

... Os debates intelectuais ocorridos no Recife na década de 1920, ocasião em que a capital se dividia em dois centros de cultura: o do jornal Diário de Pernambuco e o do Jornal do Comércio. Dois centros, duas propostas de cultura, dois projetos políticos de classe. O principal articulador do primeiro centro foi Gilberto Freyre, que propunha “a defesa regional, a nível político, cultural, artístico”, pretendendo, com isso, “desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste”. O outro centro tinha como principal idealizador Joaquim Inojosa, que procurava seguir a palavra de ordem do Modernismo de São Paulo, “especialmente naquele primeiro grito de urgência na destruição do passado”.<sup>1</sup>

Em 1926 o Centro Regionalista do Nordeste publicou o Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre, que teve fortes influências nos anos posteriores, especialmente na literatura e nas artes plásticas. Desse movimento participaram Graciliano Ramos, Alfredo Pirucha, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, João Cabral de Melo e é tido como reação ao paulistocentrismo.<sup>2</sup>

Os anos seguintes foram de movimentação. O presidente Artur Bernardes viu-se obrigado a governar, de 1922 a 1926, em constante Estado de Sítio, assediado por levantes Tenentistas e a Coluna Miguel Costa/Luiz Carlos Prestes que atravessou o país tentando promover um levante social. Washington Luiz,

---

1 COSTA PINTO, João Alberto da. Gilberto Freyre: Cultura E Conflitos Políticos Em Pernambuco (1923-1945). <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/revistaplurais/article/viewFile/67/92>.

2 Veja explicações Gilberto Freyre no endereço <http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf> acessado em 08/02/2014.

que governou de 1926 a 1930, ainda teve que enfrentar os momentos finais da Coluna Prestes, movimento iniciado ainda no governo do seu antecessor.

Internacionalmente, o Brasil foi afetado pelo fim da Belle Époque. Ainda que não tivesse recebido todas as benesses do avanço do capitalismo no pós Primeira Guerra, o Brasil teve que enfrentar a crise econômica de 1929, uma vez que os produtos brasileiros de exportação, basicamente sobremesa, tiveram seus preços em queda no mercado internacional.

Quando chegou um novo ano eleitoral, a oligarquia do “Café - Com - Leite” cindiu-se. Enquanto o presidente da República, Washington Luis, pretendia a continuação de São Paulo no poder, o presidente mineiro, Antônio Carlos Magalhães, exigia o seu turno na presidência. Não atendido, o líder mineiro juntou-se às oligarquias dissidentes do Rio Grande do Sul (Getúlio Vargas) e da Paraíba (João Pessoa), carreando outros insatisfeitos na Aliança Liberal.

Entretanto no confronto eleitoral, o Partido Republicano Paulista - Perrepista - alcançou maior número de votos, em uma eleição tão fraudulenta quanto outras que ocorreram ao longo da República Velha, foi tratada a “bico-de-pena”. Enquanto parte da Aliança Liberal reconhecia a derrota, setores mais extremos buscavam um pavio para acender a revolução. O fortuito assassinato de João Pessoa, presidente da Paraíba e candidato derrotado à vice-presidência, na Confeitaria Glória, no Recife, foi o estopim para o início da chamada Revolução de 1930.

### **3.1 O MOVIMENTO DE 1930 EM PERNAMBUCO**

Desde 1926, governava Pernambuco, o Sr. Estácio Coimbra. Este usineiro governava como achava conveniente, menosprezando os políticos que o acompanhavam, tendo maquinado para impedir uma possível candidatura de Manuel Borba ao Senado, aliado no passado e agora visto como um possível opositor. Praticou uma política de proteção à agroindústria açucareira, disputando o mercado de exportação com o Rio de Janeiro. No campo social, teve uma preocupação em promover alguma modificação no sistema educacional, convidando o professor Antônio Carneiro Leão para chefiar o então Departamento de Educação. Atuou como Secretário de Estado do Interior, Justiça e Educação do Estado de Pernambuco em 1929 e 1930. Marcante foi a

experiência na Escola Normal, com a introdução de aulas práticas de biologia para as normalistas, colocando-as em contato com os fatos da vida, inclusive levando-as a observar as etapas da reprodução animal, provocou uma onda de protesto de vários setores da sociedade, que saíram às ruas em defesa da moral e dos costumes. A Igreja Católica, então liderada pelo arcebispo Dom Miguel Valverde, promoveu uma campanha pela remoção do diretor da Escola Normal, o professor Alfredo Freire. Os jornais Diários da Manhã e Diário da Tarde, de propriedade de Carlos Lima Cavalcanti, utilizaram-se do episódio para desgastar o governo de Estácio Coimbra.

Outro desgaste para o presidente foi a atuação da polícia, sempre acusada de arbitrariedades. A inabilidade política de Estácio Coimbra revelou-se ainda na não aceitação de sua candidatura à vice-presidência na chapa da Aliança Liberal, deixando espaço para João Pessoa, presidente da Paraíba, com quem travava um contencioso político administrativo regional.

Tendo assumindo a candidatura, João Pessoa, então presidente da Paraíba, ficou politicamente isolado na região, uma vez que não foi acompanhado pelo seu vice-presidente, João Lyra, pelo ex-presidente da Paraíba, João Suassuna, nem pelo chefe político da cidade de Princesa, José Pereira. Esse coronel do sertão paraibano entrou em choque com o presidente João Pessoa decorrência da política de proteção às fronteiras da Paraíba, que procurava evitar a perda de divisas, da produção agrícola, para Pernambuco. Os políticos do sertão paraibano mantinham estreitos laços comerciais com Pernambuco, uma vez que o algodão, por eles produzidos, era exportado por comerciantes pernambucanos, especialmente os irmãos Pessoa de Queiroz, parentes de João Pessoa, mas antagônicos políticos. O estabelecimento de porteiros alfandegários<sup>3</sup> nas estradas para garantir a exportação do algodão pelos portos paraibanos levou José Pereira a proclamar a República de Princesa, no que contou com o apoio de Estácio Coimbra e do presidente Washington Luiz. O contencioso regional tornava-se nacional e tudo indica que armas e munições chegavam até Zé Pereira pelo sertão de Pernambuco, com ciência de Estácio Coimbra.

Ao mesmo tempo, para a sucessão estadual, sem considerar os líderes do Partido Republicano Paulista, seção de Pernambuco – os “perrepiristas” -, Está-

---

3 Um dos apelidos dados a João Pessoa – João Porteira – advém dessa prática.

cio Coimbra indicou o jornalista e escritor José Maria Belo, seu primo, para o cargo. Vários perreperistas romperam com o governador e com o partido, como foi o caso de Eurico Chaves, proprietário de engenho e advogado. Apesar da oposição, José Maria Belo foi eleito, mas não tomou posse por conta dos eventos revolucionários que seguiram ao pleito.

A vitória nacional de Júlio Prestes à presidência da República promoveu uma grande depuração na representação liberal da Paraíba, realizada pela Comissão de Verificação<sup>4</sup> da Câmara dos Deputados, ao mesmo tempo em que foi garantida a eleição dos aliancistas de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. Evidentemente, tais manobras geraram insatisfação entre os aliancistas da Paraíba por conta deste tratamento diferenciado dado, pelos sulistas, aos seus aliados do Norte. Essa insatisfação foi aumentada pelo assassinato do presidente João Pessoa na Confeitaria Glória, no centro do Recife, quando se confraternizava com os amigos Caio Lima Cavalcanti, Agamenon Magalhães e Alfredo Dias<sup>5</sup>. Note-se que o assassinato de João Pessoa ocorreu por conta de questões pessoais e locais não referentes ao embate político que se travava.<sup>6</sup>

Mas esse assassinato, sua repercussão e a forma que foi utilizado pelos derrotados nas recentes eleições provocaram um movimento que pôs fim ao domínio oligárquico que dominava a República no período. Quando o movimento revolucionário tomou conta do país, a população do Recife pareceu assumir a vanguarda do movimento.

Segundo Barbosa Lima Sobrinho, 'o movimento do Recife foi o único popular' (. ) Em Pernambuco fora apenas o povo, quase que por si só com três ou quatro oficiais destemidos que souberam tomar partido da descoordenação e da inércia do adversário<sup>7</sup>.

---

4 A Comissão de Verificação da Câmara era composta por cinco deputados e, desde o governo de Campos Sales, promovia a diplomação dos eleitos, após a depuração, expelindo os candidatos de oposição do governo.

5 Andrade, Manuel Correia, Pernambuco Imortal, p. 301

6 O Assassinato de João Pessoa ocorreu quando a conspiração revolucionária regredia: morte de Siqueira Campos, publicação do manifesto de Carlos Prestes aderindo ao comunismo e afastando-se da Aliança Liberal, disposição de Getúlio Vargas e Antonio Carlos em sair do processo revolucionário. O Assassinato de João Pessoa por José Dantas reacende a revolução.

7 Leôncio Basbaun, História Sincera da República, vol.2, Editora Alfa Ômega, 1968,{282}

E Costa Porto diz que

No Recife, entretanto, as coisas andaram mal, fracassando as investidas contra o QG do 21 e outras posições legalistas de prontidão desde as primeiras horas na noite<sup>8</sup>. Juarez Távora que chegara a Recife para dirigir as operações, percebendo a reação vai buscar reforços na Paraíba. Entretanto, Antônio Muniz de Faria, à frente de um grupo, tomou o depósito de armas do exército na Soledade. Surpreendentemente o *presidente* Estácio Coimbra retira-se para Barreiros, depois para a Bahia e finalmente sai do país deixando o espaço para a formação de um governo revolucionário.

### 3.2 O GOVERNO DE CARLOS LIMA CAVALCANTI – 1930 - 1937

O comando revolucionário no Nordeste ficou a cargo de Juarez Távora. Juarez Távora indicou como líder do governo revolucionário, em Pernambuco, a Carlos de Lima Cavalcanti,



FIG. II. Carlos de Lima Cavalcanti

---

8 Costa Porto, Os Tempos de Lima Cavalcanti, Secretaria de Educação de Pernambuco, Recife, 1977, {28}

Um político tradicional, ligado à velha oligarquia açucareira, que atuara na década de vinte, sob a liderança de Borba e apoiara, e depois rompera, com Sérgio Loreto e com Estácio Coimbra porque não o colocara na lista para deputado federal.<sup>9</sup>

Carlos de Lima Cavalcanti nasceu em 1892, no município de Amaraji, filho de dono da Usina Caeté. Estudou na Faculdade de Direito do Recife, mas terminou seu bacharelado em São Paulo. É que, em 1911, tendo se envolvido na política em defesa da candidatura de Francisco da Rosa e Silva, enfrentando o seu pai, que era partidário da candidatura de Dantas Barreto, com a derrota rosista, viu-se forçado a um “exílio” em São Paulo. Retornando a Pernambuco para auxiliar o pai na administração da Usina, logo em 1919 abandona o Rosismo, filiando-se ao Partido Republicano Conservador, fundado por Dantas Barreto com o objetivo de levar Manoel Borba ao governo. Quando ocorreu o rompimento de Dantista e Borbistas, Carlos de Lima Cavalcanti manteve-se ao lado de Manoel Borba.

Na disputa presidencial (1923) entre Nilo Peçanha e Artur Bernardes, Carlos de Lima Cavalcanti manteve-se com Bernardes, apoiando José Bezerra para o governo de Pernambuco. Neste pleito Lima Cavalcanti foi eleito Deputado Estadual. Com a morte de José Bezerra, nova eleição foi realizada e Carlos de Lima, ao apoiar José Henrique Carneiro da Cunha, ficou em oposição aos Pessoa de Queiróz, a Dantas Barreto e a Estácio Coimbra, que eram apoiadores da candidatura de Carlos Lima Braga, então prefeito do Recife. A vitória de Carneiro da Cunha provocou novas lutas políticas no Estado; teme-se uma intervenção em Pernambuco. O presidente do Clube Militar do Rio de Janeiro, Hermes da Fonseca, é preso por conta de um telegrama enviado à tropa de Pernambuco sobre a sua atuação nos eventos em andamento. Ânimos acirrados, Joaquim Pimenta levou operários a ocupar prédios públicos. Para evitar maior crise e uma nova eleição, escolheu-se um tércio, Sérgio Loreto, que deveria governar Pernambuco até 1926 considerando todas as facções políticas. Entretanto, tendo Sérgio Loreto não cumprido o pacto, Manoel Borba e Carlos de Lima Cavalcanti passaram a fazer oposição jornalística aos governos estadual e federal, e para tal ação foram criados os jornais Diário da Manhã e Diário da

---

9 Manuel Correia de Andrade, Pernambuco Imortal, vol.11, p.11, Jornal do Comércio, Recife

Tarde, os quais têm destacado papel na campanha da Aliança Liberal, o que faz do usineiro Carlos de Lima Cavalcanti, um dos “tenentes civis”.<sup>10</sup>

No dia 21 daquele mês (setembro de 1927), é fundado o Partido Democrático Nacional (PDN) e duas de suas principais lideranças, Joaquim Francisco de Assis Brasil e Maurício Lacerda, articulam a Caravana Democrática, que parte do Rio de Janeiro, em julho de 1928, com destino ao Norte do Brasil, como eram citadas as duas regiões. O objetivo é congregar as oposições numa ampla ação contra o Governo Federal e as oligarquias locais. O usineiro Carlos de Lima Cavalcanti, o general Dantas Barreto e correligionários de ambos fundam a seção pernambucana do PDN, ao mesmo tempo em que os seguidores de Manoel Borba criam o Partido Republicano Democráticos (PRD) no Estado. Os dois partidos decidem fundir-se, em 1929, no País, originando a Frente Liberal, que apoiaria a Aliança Liberal. O resultado da fusão é a defesa de uma chapa que tem o presidente do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, candidato à Presidência da República, em 1930, e o presidente da Paraíba, João Pessoa, como vice.

Os dois saem como oposição à chapa oficial que tem o paulista Júlio Prestes candidata a presidente e o gaúcho Vital Soares a vice, chapa apoiada pelo presidente Washington Luís. A Aliança Liberal reúne os Governos do Rio Grande do Sul, da Paraíba e de Minas Gerais, que haviam rompido com o Governo Federal, contra o presidente Washington Luís, apoiado pelos demais Estados.<sup>11</sup>

A Revolução ocorreu militarmente, em Pernambuco, na conquista dos quartéis da Soledade e Derby e nas ruas. Ao seu término se contabilizou 38 mortos e 120 feridos.

Juracy Magalhães deu posse a Carlos de Lima Cavalcanti, como interventor em Pernambuco, por ordem de Juarez Távora, no Q.G. do 21. Era 5 de outubro de 1930. Lauro Borba foi feito prefeito do Recife. A 24 de outubro,

---

10 Foram com siderados “Tenentes Civis” Osvaldo Aranha, Virgílio de Melo Franco, Pedro Ernesto Batista, José Américo de Almeida e Carlos de Lima Cavalcanti.

11 MACIEL, Ayrton. Carlos de Lima Cavalcanti: Todo poder ao Rei. Série Parlamentar, Século XX. Recife: Assembleia Legislativa de Pernambuco, 2001.

Getúlio Vargas estabeleceu o governo dos Estados por meio de Interventorias. Carlos de Lima Cavalcanti é confirmado Interventor de Pernambuco.

Seguindo o rastro próprio das revoluções vitoriosas, o novo governo procurou fazer uma “faxina”<sup>12</sup> em tudo quanto lembrasse o governo anterior, seja através de demissões, seja através de prisões. Comissão formada por Al Sampaio, João Cleofas<sup>13</sup> e Arruda Falcão promoveu a reorganização das chefias públicas.

A equipe de governo de Carlos de Lima Cavalcanti estava formada com representantes das mais diversas tendências ideológicas, posteriormente ativos e brilhantes na política de Pernambuco, como Etelvino Lins, José do Rego Maciel, Nelson Coutinho, entre outros.

Algumas medidas administrativas foram realizadas, a exemplo da criação do Instituto de Pesquisa Agrônomicas – IPA, o Serviço de Higiene Mental, a Escola Rural Modelo, a Diretoria de Produção Animal. Note-se a construção de uma malha rodoviária ligando a capital ao interior e a criação de uma Comissão de Melhoramentos Municipais com o objetivo de coordenar ações de perfurações de poços e criação de açudes.

Os registros da Inspectoria de Vehiculos revelam que, naquele ano, o Recife tinha 3.485 automóveis de passeio, 1.093 caminhões, 21 motocicletas, 17 bicycletas, 252 carroças de tracção animal e 127 de tracção manual. Total: 4.985 veículos.

Os números oficiais dão conta que, até outubro de 1930, a Capital pernambucana possuía 17.905 eleitores, distribuídos em 43 secções eleitorais. A Brigada Militar do Estado - originariamente Corpo de Polícia do Estado, fundado em 8 de novembro de 1825 - apresenta um effectivo de 2.794 homens. A Polícia Civil - criada sob a designação de Inspectoria da Guarda Civil, em 7 de fevereiro de 1920 - conta com 259 agentes e a Inspectoria de Vehiculos - reorganizada em 10 de fevereiro de 1931 - tem um quadro

---

12 Lima Cavalcanti teve uma especial predileção por Estácio Coimbra e Eurico Souza Leão, este chefe de polícia daquele no governo até a Revolução.

13 Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio. Em 1934 rompeu com o governo estadual e foi eleito Deputado constituinte. Com o golpe de 1937 foi cassado e retoma a vida política após 1945.

de 90 inspetores. A vida está, aparentemente, normalizada, no final de 1930.<sup>14</sup>

Em outubro de 1931, alguns tenentes, políticos rebeldes, com o apoio de Pedro Calado, revoltaram-se a partir do 21o Batalhão de Caçadores. Pretendiam dar continuidade à revolução que pensavam ter iniciado no ano anterior. Surpreso com o movimento, o interventor pensou em entregar o poder aos revoltosos, não o fazendo porque o Coronel Muniz Faria, então reformado, apressou-se a informar que tomaria o poder para si. Os revoltosos afirmavam que não se levantaram contra o Governo Federal, mas contra o Governo Estadual. Embora houvessem contado com o apoio de populares, terminaram sendo derrotados em Afogados. O prestígio do Interventor ficou abalado por conta da revolta do 21o BC. Também o conflito entre o Diário de Pernambuco e o interventor foi fator de instabilidade.

No mesmo ano de 1931, como se viu acima, a oposição a Lima Cavalcanti começou a reagir. Um de seus adversários, Assis Chateaubriand, comprou o Diário de Pernambuco de onde saíram artigos contra o seu governo, o que levou o interventor a decretar o fechamento do Diário de Pernambuco por um tempo.

Entretanto, os principais problemas políticos chegaram por questões da distribuição de verbas federais para o apoio às populações marcadas pela seca; Carlos de Lima Cavalcanti atritou-se também com Pedro Américo de Almeida, ministro de Viação e Obras, acusando o ministério de prejudicar Pernambuco e favorecer à Paraíba e ao Ceará. Aqui tem início o estremecimento do Interventor com o poder central. Embora tivesse procurado o apoio no prestígio de João Alberto, Carlos Lima Cavalcanti ficou bastante chamuscado no incidente, talvez devido à intervenção de Agamenon Magalhães, já então feito ministro do Trabalho, por sugestão do próprio Carlos Lima. Agamenon Magalhães já visava uma atuação mais permanente no cenário pernambucano.

Os vitoriosos de 1930 e o governo estabelecido viram-se diante de vários problemas de relacionamento político nas diversas regiões do país. São Paulo rejeitava o interventor tenente João Alberto, logo teve início um movimento exigindo a realização de uma Constituinte, gerando a Guerra Civil de 1932,

---

14 <http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/parlamentares/CarlosLimaCavalcanti/06.html>

mais conhecida como Revolução Constitucionalista, que forçou a convocação de eleições para a Assembleia Constituinte.

Para o embate com as tropas paulistas, o interventor Carlos de Lima Cavalcanti organizou um Comitê Revolucionário e enviou 6.000 soldados da Brigada Militar Pernambucana para o front paulista, que retornou em outubro após a vitória das tropas do governo central.

Um incidente muito interessante ocorreu a 11 de maio de 1932, quando a Polícia Política prendeu a jovem escritora Raquel de Queiroz, então com 19 anos, que se dirigia ao Rio de Janeiro. Presa a bordo do navio Itapé, autuada, passou a ter prontuário – 0883 -na polícia de Pernambuco, fichada como “agitadora comunista”<sup>15</sup>.

Uma consequência do movimento paulista foi à convocação de uma Assembleia Constituinte; outra foi a criação de novos partidos política, entre eles o Partido Social Democrático – PSD, que teve em Agamenon Magalhães um dos seus fundadores. Em Pernambuco foram eleitos para a Constituinte, João Alberto, Sebastião do Rego Barros, João Cleófas de Oliveira, Agamenon Magalhães, Solano Carneiro da Cunha, entre outros. Cristiano Cordeiro, um dos fundadores do Partido Comunista, candidatou-se pela chapa “Trabalhador, Ocupa o teu Posto” e, apesar da grande votação, teve muitos votos impugnados, de forma que não conseguiu ser eleito<sup>16</sup>.

Após a promulgação da Constituição de 1934, a Assembleia Legislativa elegeu Carlos Lima Cavalcanti para um mandato de quatro anos (1934-38). Haviam-se apresentado como adversários João Alberto e Rui Belo, este concorrendo pela legenda “Pelo Cristianismo Social” liderada pelo Prof. Barreto Campelo.♦♦.

Carlos Lima Cavalcanti, vitorioso e certamente pensando em novas posições para o futuro, organizou um secretariado de alto nível de que participaram Nelson Coutinho, Álvaro Lins, Sílvio Granville Costa, Pedro Bernardo Carneiro, e após a revolta de 1935, Lafaiete Bandeira, Frederico Mindalo, Lauro Montenegro, Alfredo Duarte Filho e Luiz Delgado.(...)Na Secretaria da Justiça,

---

15 MACIEL, Ayrton. Carlos de Lima Cavalcanti: Todo poder ao Rei. Série Parlamentar, Século XX. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 2001.

16 Manuel Correia de Andrade, opus Cit. P.340-341.. p 35

que incluía o setor de educação Nelson Coutinho contou com o apoio de figuras do nível de Ulisses Pernambucano e de Aníbal Bruno, que procuraram modernizar o ensino e a saúde...”<sup>17</sup>

Esta fase do governo de Carlos de Lima Cavalcanti é bem lembrada pela Intentona Comunista, ocorrida no segundo semestre de 1935. Contudo, vamos chamar atenção a um evento ocorrido ainda em de 1935, quando, a 19 de janeiro passou a ter existência jurídica a Federação Carnavalesca Pernambucana – FCP - que dizia pretender manter a originalidade do folgado<sup>18</sup>. Contudo, melhor seria dizer que tal instituição visava o controle do carnaval, ao mesmo tempo em que permitia uma maior aproximação do empresariado com os grupos populares que formavam as agremiações; pretendia diminuir a antipatia da população para com empresas como a Pernambuco Tramways<sup>19</sup>. O primeiro presidente da FCP foi o Dr. J. P. Fish, gerente da Pernambuco Tramways. Figura que foi uma constante no carnaval recifense, o jornalista Mario Melo<sup>20</sup>, foi escolhido para ser o secretário da entidade.<sup>21</sup>

---

17 idem

18 VIDAL, Francisco Marcus Carvalho. A Festa do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana (1935-1949) Recife: UFPE, 2010. Mestrado em História, Mimeo.

19 The Pernambuco Tramways & Power Company Limited foi uma empresa inglesa criada em janeiro de 1913, em Londres, com a finalidade de instalar e operar linhas de bondes elétricos no Recife. Paralelamente à concessão do serviço de bondes, a empresa também explorou a distribuição de energia elétrica no Recife

20 Nascido em 1884, jornalista, escritor, geógrafo, advogado, músico, Mário Carneiro do Rego Melo morreu em maio de 1959.” Mário Melo participou também das discussões matriciais sobre a definição do conceito de patrimônio cultural no País e sobre o papel que caberia ao Estado, às elites e às camadas subalternas nesse campo, entre as décadas de 1920 e 1930. Defensor apaixonado de um museu regional para Pernambuco, envolveu-se nas discussões em torno da criação da Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais em Pernambuco, no ano de 1928. Devotado às manifestações culturais populares, desejando vê-las preservadas em sua autenticidade e tradicionalismo, livres das influências políticas e culturais trazidas pelo estrangeirismo e pela modernidade, Mário Melo foi um dos principais idealizadores da Federação Carnavalesca Pernambucana, criada em 1935, assumindo importante cargo nessa instituição ainda hoje existente. “ Rita de Cássia in Mário Melo, uma bibliografia Luiz Gaspar e Virgínia Barbosa Recife: FUNDAJ, 2012

21 Deve-se notar que essa política de aproximação dos setores de poder na sociedade para com os grupos e movimentos populares parece ser um viés da ação desde a revolução de 1930, se considerarmos que o prefeito Pedro Ernesto, do rio de Janeiro tem preocupações semelhantes para com as Escolas de Samba que surgem naquela cidades desde a segunda década do século XX.

# 04 | Tempos de Agamenon

## 4.1 PREPARANDO O ESTADO NOVO

Os anos da década de 1930 foram, em todo o mundo, anos de crise para as democracias e de ascensão das tendências fascistas. No Brasil, misturavam-se os anseios nacionalistas com os desejos de maior participação popular no processo político. As insatisfações das camadas populares, não atendidas em suas necessidades básicas, careciam de uma ação dos poderes públicos. Integralismo e Comunismo fascinavam os jovens com as suas propostas de sociedades planejadas e organizadas sob o comando de grupos capazes de definir o que seria melhor para todos.

Desde 1922 existia o Partido Comunista, nos anos 30 contava com a presença do capitão Luiz Carlos Prestes, um dos líderes do movimento tenentista, já cognominado Cavaleiro da Esperança<sup>1</sup>. Ao mesmo tempo, no cenário político, galgava espaços o Partido Integralista de Plínio Salgado. Contra o Integralismo, surge a Aliança Nacional Libertadora, formada não apenas por comunistas, mas por eles hegemônica. A Aliança Nacional Libertadora tinha um programa

Muito audacioso para a época. Lembro-me bem que, entre outras reivindicações de caráter nacional, constava a confiscação das terras dos latifundiários, sua nacionalização e distribuição gratuita a todos os camponeses sem terra (...) nacionalização das

---

1 Título de livro, misto de literatura e propaganda política, escrito por Jorge Amado.

empresas, dos bancos, das minas e das quedas d'águas e o cancelamento de todas as dívidas externas <sup>2</sup>.••.

Por outro lado, havia a Ação Integralista Brasileira - AIB, um dos muitos movimentos fascistas que vinham se organizando no Brasil desde 1922<sup>3</sup>, data dos sucessos de Mussolini na Itália. Liderado por Plínio Salgado, após derrotar outros líderes dentro do movimento, como o tenente Severino Sombra, que tinha sua base primeira em Fortaleza, CE. Este movimento tem “um caráter dúbio, que oscila entre a tendência golpista e a que pretende obter o poder através dos meios legais, isto é, do processo eleitoral”<sup>4</sup>.

Em Pernambuco a AIB teve forte atuação no interior, além da capital. Assim, formaram-se núcleos em Olinda, Goiana, Ipojuca, Gravatá, Catende, Garanhuns. “Industriais de sucesso, quer no Recife quer no interior, tinham receio do avanço comunista e olhavam com simpatia os integralistas, embora nem sempre professassem suas ideias”<sup>5</sup>.

A Aliança Nacional Libertadora, em seus discursos visava criar obstáculo à Ação Integralista Brasileira, por isso desfiava um discurso antifascista, contrário ao crescimento dos seguidores de Hitler e Mussolini que se espalhavam pelo Brasil. Contudo, não poderia deixar de mencionar, com insistência maior e crescente, a crítica às condições sociais sob as quais estavam subordinadas as camadas inferiores da sociedade, em processo de modernização. O governo Federal, temendo um fortalecimento das tendências de “esquerda”, mandou fechar a Aliança Nacional Libertadora.<sup>6</sup>

A presença marcante do Partido Comunista na sociedade, embora na ilegalidade, e a orientação do Comitern, levou ao planejamento de uma tomada

---

2 Gregório Bezerra, Memórias, Primeira Parte, p.233-234.

3 Alguns dos movimentos fascistas foram: Legião do Cruzeiro do Sul, fundada em 1922 Partido Fascista Brasileiro, fundado em 1930, Legião Cearense do Trabalho. Fundada em 1931 por Severino Sombra; Ação Social Brasileira ou Partido Nacional Fascista. de 1933, de J. Fabrine e a Ação Social Brasileira, de 1935, do bispo Dom João Becker.

4 Edgar Carone, A República Nova (1930-1937), p. 208.

5 Andrade, Pernambuco Imortal, 346. ; SILVA, Giselda Brito. A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937). Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH, 1996.

6 A ANL foi fechada em 11 de julho de 1935. “No Nordeste, principalmente em Recife, a polícia praticou atos de verdadeiro banditismo, prendendo e espancando em massa os elementos filiados à ANL”. Gregório Bezerra, idem. P. 236

de poder. Assim, em novembro de 1935, ocorreram levantes no Rio Grande do Norte, em Pernambuco e no Rio de Janeiro. Porém eles aconteceram de forma não sincronizada, facilitando, sobretudo, a repressão. Nas palavras de Gregório Bezerra:

Exatamente às nove horas da manhã, quando acabavam de chegar três elementos do Comitê Militar, recebi uma ordem do comando da revolução, por escrito, para deflagrarmos a ação militar às dez horas e quinze minutos. Ficamos desapontados com a ordem, tínhamos de cumpri-la. Àquela hora, todos os soldados estavam fora dos quartéis.♦.

Assim Costa Porto apresenta a situação da tentativa comunista no Recife:

De muito a faixa metropolitana de Pernambuco deixava perceber sinais tangíveis de fundo mal-estar social, terreno excelente para a penetração do P. C., tamanha sua importância na conjuntura nacional que Prestes ali instalara a sede do Secretariado vermelho, entregue a elementos de confiança e tarimbados na estratégia da extrema esquerda – seu cunhado, Silo Meireles, João Caetano Machado e Wilson Sousa – ajudado (sic) o caldo de cultura pelas condições miseráveis do operariado – os assalariados da cana de açúcar e trabalhadores da Pernambuco Tramways.<sup>7</sup>

Vamos continuar acompanhando o relato de Costa Porto:

Chefiando um pequeno grupo de amotinados, o Sargento Gregório Bezerra tentou tomar de assalto o Q.G. da sétima Região na Rua do Hospício, sendo, porém, repellido e, em seguida preso, sofrendo a legalidade a perda do Tenente José Sampaio Xavier, assassinado pelos rebeldes, ficando gravemente ferido o Tenente Aguinaldo de Oliveira – enquanto a contra ofensiva da Polícia civil lograva retomar as posições ocupadas pelos insurretos, restando assim, apenas o foco de Socorro, onde, de começo, a situação foi das mais agudas. Liderados pelos Tenentes Lamartine Correia de Oliveira e Alberto Molmicar Besouchet, os sediciosos teriam dominado a Vila Militar não fora a resistência dos

---

7 Costa Porto, opus. cit. P. 64

Capitães Frederico Mindelo e Everardo Vasconcelos que,... Sustentaram cerrado tiroteio,... Da manhã de Domingo até às dez horas da Segunda feira, quando esgotadas as munições – detalhe ignorado pelos mazorqueiros, - concordaram em uma “trégua de Deus”.<sup>8</sup> As forças legalistas, que contaram com a participação ativa do Monsenhor Arruda Câmara nas trincheiras, receberam reforços do 22o B. C. de João Pessoa e do 20o de Maceió. A vitória dos legalistas foi secundada por uma forte reação em todo o país. Em Pernambuco a repressão foi dirigida pelo Coronel Malvino Reis Que prendeu não só os participantes da rebelião, como também profissionais liberais, políticos e escritores, submetendo-os às maiores humilhações. Até três secretários de Estado foram feitos prisioneiros<sup>8</sup>.

É claro que a Intentona Comunista, essa tentativa fracassada, criou as condições básicas para aprofundar o sentimento anticomunista no país, acentuou o sentimento nacionalista, o que favoreceu o movimento dos Integralistas. Estes foram bem cuidados pela política do Catete que os surpreendeu, mais tarde com o golpe de 1937, estabelecendo o Estado Novo sem a sua participação. Os incidentes do levante em Recife foram negativos para Carlos de Lima Cavalcanti, pois, estranhamente, ele e as demais autoridades maiores do Estado não se encontravam em Pernambuco na ocasião.<sup>9</sup> *Por outro lado,*

O contexto nacional agravava a situação do governador pernambucano, uma vez que ele mostrou-se solidário a José Américo, como possível sucessor de Getúlio Vargas nas eleições que estavam programadas para 1937. Getúlio ainda não havia tomado qualquer decisão quanto à sucessão presidencial, embora dessas mostras de garantir a legalidade, sem demonstrar que havia alguma pretensão golpista. Entretanto, ocorreu a desincompatibilização de Armando Sales, governador de São Paulo, que pretendia concorrer ao governo federal e que não contava com o apoio varguista. O gesto de Armando Sales, lançando-se candidato, tomou, então, aspectos de uma candidatura opositora.

---

8 Andrade, Pernambuco Imortal, p.351.

9 O governador se encontrava na Alemanha; o general Manuel Rabelo estava no Rio de Janeiro; o capitão Jurandir Mamede, comandante da Brigada Militar Estava no Rio Grande do Sul nas comemorações da Guerra dos Farrapos;

O apoio explícito que Lima Cavalcanti dera à candidatura de José Américo o colocou sob a suspeição de traição pelo Catete, pois Alzira Vargas entendia que estaria havendo ‘um compromisso entre os chefes dos três estados – Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul – mediante o qual aceitariam qualquer candidato contanto que não contasse com o beneplácito federal’<sup>10</sup>.

É o momento que se aprofundam as cisões entre o governador Carlos de Lima Cavalcanti e Agamenon Magalhães. Embora houvesse sido Lima Cavalcanti que indicara Agamenon para o Ministério do Trabalho, não deixava de fazer restrições ao mesmo Agamenon enquanto Ministro da Justiça, órgão de articulação política.

Os planos de Agamenon para afastar Lima Cavalcanti do governo encaminharam-se por lembrar sua ausência nos acontecimentos de 1935, sugerindo como impróprio a presença, na equipe de governo, de três secretários comunistas. A cisão entre Lima Cavalcanti e Agamenon chegou a ponto de pensar-se o impeachment do governador.<sup>11</sup>

Entretanto, a questão real não era entre o ministro e o governador, mas era o plano de suspensão do Estado de Direito para a implantação do Estado Novo, orquestrado pelo palácio do Catete. O governador Lima Cavalcanti demorou a perceber o engodo que lhe vendia a amizade o presidente Vargas. Com o golpe de 10 de Novembro de 1937, Lima Cavalcanti deixou o Palácio das Princesas, e recebeu como cortesia especial do ditador, a Embaixada da Colômbia, só retornando a Pernambuco após o término da ditadura.

---

10 Costa Porto, opus cit. P.78

11 O deputado Ruy Ayres Bello informa que foi procurado por deputados ligados a Agamenon Magalhães para apresentar-se como candidato à presidência da Assembleia Legislativa e, dessa maneira assumir o cargo de governador após o impeachment Ruy Bello recusou o convite. MELO, Mário. Ruy de Ayres Bello, do engenho à Academia. Recife: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2001. P14

## 4.2 AGAMENON SÉRGIO DE GODOY MAGALHÃES – O ESTADO NOVO EM PERNAMBUCO

Agamenon Magalhães nasceu em 1893 em Serra Talhada, tendo sua formação básica realizada no Colégio Arquidiocesano e no Seminário de Olinda. Fez-se Bacharel em Direito (1916), foi promotor público em São Lourenço da Mata e, em 1918 entrou na política como Deputado Estadual. Participou da campanha da Aliança Liberal e, em 1932, foi organizador do Partido Social Democrata, em Pernambuco. Assumiu o Ministério do Trabalho em 1934 e, em janeiro de 1937 tornou-se ministro da Justiça, tendo participado ativamente das conspirações para implantação da ditadura do Estado Novo, sendo um dos principais articuladores da campanha anticomunista nos sindicatos.

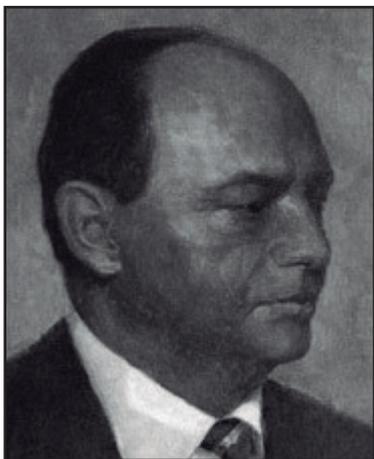


FIG. 12. Agamenon Magalhães

Com o Golpe de 07 de novembro de 1937, assumiu, interinamente, a Interventoria do Estado, o Coronel Amaro Azambuja Vilanova, comandante do 7ª Região Militar, enquanto aguardava a chegada de Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães. Este tomou posse como Interventor do Estado no dia 3 de dezembro, dando a feição de seu modo de governar.<sup>12</sup> Agamenon Magalhães

---

12 Em telegrama sigiloso a Vargas, Agamenon informou a existência de 269 presos políticos no dia de sua posse.. Dicionário histórico-bibliográfico brasileiro, vol III, FGV.

esqueceu os acordos com os deputados padre Arruda Câmara e Osvaldo Lima, e Ferreira Lima, a quem prometera a Secretaria de Segurança Pública, a Secretaria da Fazenda e a Prefeitura do Recife, respectivamente, em troca da sua traição a Lima Cavalcanti. Pois esta traição a Lima Cavalcanti não reverteu aos três mosqueteiros às secretarias que eles almejavam no Estado Novo. Agamenon formou uma equipe de noviços, em sua maioria, e quase todos ligados à Congregação Mariana, que era estimulada pelo padre Antonio Fernandes, SJ.

A Equipe de Agamenon Magalhães ficou assim formada: Justiça- Artur Moura; Segurança- Etelvino Lins; Fazenda – Manuel Lubanbo; Agricultura - Apolônio Sales; Viação – Gercino Pontes; Governo - Arnóbio Tenório; Prefeitura – Novais Filho; Educação – Nilo Pereira.

“*Vim criar a emoção do Estado Novo*” foi uma das declarações entusiasmada de Agamenon ao chegar para assumir o posto de Interventor de Pernambuco, que o culpará até 1945. Durante o governo de Agamenon, Pernambuco recebeu uma especial atenção de Getúlio Vargas que liberou créditos especiais para a repressão aos comunistas. Nesse período, podem ser contados quase trezentos presos políticos. A historiadora Dulce Pandolfi diz que “*a máquina administrativa tornou-se autoritária, repressiva e excessivamente voltada para a doutrinação política ideológica*”.

Para estar em constante ligação com a população, Agamenon Magalhães manteve um programa na Rádio Clube de Pernambuco, manteve o jornal Folha da Manhã, com duas edições diárias: a matutina voltada para o grupo de maior poder aquisitivo e distinção social, e o vespertino, focando mais diretamente os operários e as camadas mais empobrecidas. Neste jornal, Agamenon Magalhães escrevia diariamente, sempre de caráter doutrinário, explicando as ações do governo e oferecendo aos leitores a possibilidade de entender o Estado Novo. Paulo Cavalcanti<sup>13</sup> diz que a maioria de seus artigos era em um estilo “colegial”, o que facilitava a comunicação com os seus leitores. Em sua Evocação Pessoal de Agamenon Magalhães, Nilo Pereira, que foi Delegado de Educação e Propaganda durante o Estado Novo, escreve que quem compulsar a.

FOLHA DA MANHÃ verá que o nacionalismo e as ideias cristãs da Nacionalidade estão sempre presentes nos artigos editoriais,

---

13 Paulo Cavalcanti, O caso Eu Conto Como o Caso Foi, São Paulo, Alfa- Ômega, 1978, vol. I, p.p.177ss

tópico, comentários, notícias. Havia mesmo uma preocupação nesse sentido: a de mostrar que o nosso caminho era esse, o caminho que vinha desde a colonização, o jesuíta desbravando a alma do povo em formação como desbravava a floresta e levantava cidades e povoados.<sup>14</sup>

O seu programa de governo visava à urbanização da capital, recuperação do mundo rural, solução dos problemas de habitação popular, educação, saúde e transportes. No contato com os operários, aproximou-se dos Centros Educativos Operários, próximos à orientação católica da *Rerum Novarum*<sup>15</sup>, cujos objetivos eram

Dar aos operários instrução primária e profissional, educação trabalhista e cívica, e assistência médica e odontológica, desenvolvendo intensa propaganda anticomunista, e ressaltando a necessidade de cooperação entre os órgãos de representação classista e o poder público.<sup>16</sup>

No que se refere à educação, o governo do interventor levou a uma cooperação bastante acentuada com a Igreja Católica, donde a reintrodução do Ensino Religioso no currículo. A cooperação levou a formação de Centros Operários nos bairros de concentração operária: Pombal, Água Fria, Santo Amaro, Areias, Pina Afogados, Várzea, Arraial, Campo Grande, Monteiro, Cordeiro. Também nas cidades de Goiana, São Lourenço da Mata, Moreno, Nazaré da Mata,<sup>17</sup> Paulista, onde havia indústrias.<sup>18</sup> A Igreja Católica no Brasil havia criado os Círculos Católicos Operários, idealizados pelo padre Leopoldo Bretano, SJ, que muito colaboraram com a filosofia assistencialista do governo

---

14 PEREIRA, Nilo. AGAMENON Magalhães; UMA EVOCAÇÃO PESSOAL Recife: Taperoá Editora, 1973. P73

15 Carta encíclica do papa Leão XIII, publicada em 1891. Esta carta foi publicada em edição governamental por orientação do ministro do Trabalho, Agamenon Magalhães.

16 Para ver os dados gerais de Agamenon Magalhães, ver o Dicionário Histórico- Geográfico Brasileiro, Forense.

17 <http://circulooperario.blogspot.com.br/>

18 MELO FILHO, Lílian Renata de; FERREIRA, Rita Cláudia Batista. Cultura corporal e cultura do trabalho: Ações complementares no Centro Educativo Operário do Recife durante o Estado Novo.

Vargas.<sup>19</sup> Este sentimento de Neo-Cristandade, uma colaboração não oficial do Estado para com a Igreja Católica, foi o empenho para a realização do 3º Congresso Eucarístico Nacional em 1939.

A política assistencialista levou Agamenon a celebrar acordo com os usineiros, pelo qual, 5% da área ocupada da propriedade seriam destinadas ao cultivo de agricultura de subsistência. Também deu início a formação de cooperativas de pequenos produtores, chegando, em 1941, a ter 20.000 filiados nessas cooperativas.

Uma das ações mais conhecidas de Agamenon Magalhães é a Liga Social Contra o Mocambo, fundada em 2 de julho de 1939<sup>20</sup>, que pretendia erradicar os mocambos. Essas habitações eram construídas nas proximidades do centro da cidade pelos seus habitantes mais pobres. A historiadora Dulci Pandolfi diz que

A partir de 1920, de cada duas habitações construídas no Recife, uma era mocambo”<sup>21</sup> que, de acordo alguns, enfeava a paisagem da cidade do Recife, uma verdadeira Mucambópolis.

O programa pecava pelo fato de não terem os moradores dos mocambos os recursos e as rendas necessárias para pagar e manter as habitações, e também porque os afastava do habitat natural que era favorável à obtenção do alimento diário.<sup>22</sup>

Assim, enquanto os migrantes “roubavam” os espaços do mangue e criavam terra firme estabelecendo seus mucambos, em seguida eram convidados a buscar outras paragens, garantindo lucro aos especuladores urbanos. Foram sendo urbanizados bairros como Afogados, Santo Amaro, etc.<sup>23</sup> Entre 1940 e 1945 a Liga Social Contra o Mocambo a destruição de cem mocambos por semana, Asses respeito podemos ler o depoimento de Barbosa Lima Sobrinho. <sup>24</sup>

---

19 SOUZA, Janaina Timm; SILVA, Úrsula Boas da. O Pioneirismo da cidade de Pelotas, Cículo Operário Pelotense.. [http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH\\_00320.pdf](http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00320.pdf)

20 Entre 1939 e 1961 a Liga Social Contra o Mocambo construiu 5650 casas.

21 ernambuco de Agamenon. Recife, Massangana, 1984

22 Manuel Correia de Andrade, Pernambuco Imortal, vol12. P.9

23 Gominho, Zélia. Veneza Brasileira x Mucambópolis. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, 1997

24 Paulo César Marins Garcez, Habitação e Vizinhaça: Limites da Privacidade no Surgimento das Me-

Na questão do mocambo, construindo as tais casas populares. Com o programa do mocambo, ele chamou a atenção para o problema. Entretanto, fez coisas de que eu não gostaria de falar, coisas que a gente até se surpreendia quando tinha notícia. Havia mocambos que ficavam ali perto, no caminho para Boa Viagem. Eles resolveram acabar com aqueles mocambos e intimaram as famílias a sair de toda a maneira: laçavam os mocambos, os caminhões puxavam, o mocambo caía, a família tinha que sair de dentro, na corrida, para escapar de algum ferimento. Com a autoridade que tinha, ele poderia ter conseguido outra maneira de resolver isso.<sup>25</sup>

Uma discussão ocorreu entre os defensores do mocambo como uma criação do povo para melhor adequar-se ao clima. Essa vertente romântica foi abalizada pelas palavras de Gilberto Freyre. O processo de urbanização e embelezamento da cidade do Recife estava ligado ao sentimento de que era necessário higienizar a cidade, torná-la mais bela e agradável aos visitantes que recebia. Entretanto, Agamenon cultivava uma relação com o povo mais pobre, praticando uma política assistencialista e, a esse povo, em determinado momento passou a chamar de “poeira”. A historiografia tradicional parece dizer que essa relação lhe valeria o retorno ao Palácio das Princesas pelo voto em 1950; entretanto, para eleger-se sempre contou com os votos de cabresto garantidos pelos coronéis do agreste e sertão, ainda que a sua ação interviesse, também, no poder dos coronéis.

O Estado Novo era centralizador e não entendia a diversidade religiosa. Embora não houvesse o regime oficial de padroado, as relações que a Igreja Católica manteve com Getúlio Vargas foi sempre de uma “neo cristandade” não oficial<sup>26</sup>, de maneira que assim ficou garantido a não aceitação do divórcio no Brasil. Em relação ao panorama das religiões e igrejas, vamos recordar que a formação católica de Agamenon Magalhães foi muito importante para que o

---

trópoles Brasileiras, in *História da Vida Privada no Brasil, Da Belle Epoque à Era do Rádio*. São Paulo Companhia das Letras

25 Depoimento de Barbosa Lima sobrinho ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.. <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista57.pdf>

26 SILVA, Severino Vicente da. *A primeira guerra mundial na Tribuna Religiosa: o nascimento da neocristandade*. Recife. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, 1985.

catolicismo recebesse um tratamento diferenciado, o que também ocorria na relação de Getúlio Vargas que, apesar, ou talvez, por sua formação positivista, manteve boas relações com a Igreja Católica e seu Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Sebastião Leme<sup>27</sup>. Em Pernambuco, Dom Miguel Valverde criou a diocese de Caruaru em 1949, o que demonstra a formação de um novo polo econômico no Agreste<sup>28</sup>, ressaltada pela organização de uma “estrada tronco” do Agreste em direção ao sertão.

Essa relação privilegiada para com as religiões cristãs levou o governo a manter uma difícil relação os terreiros de Xangô e demais cultos religiosos não cristãos. O Estado Novo não foi simpático às manifestações religiosas não cristãs, especialmente às religiões de origem africana e nativa, ficando esses cultos: o Xangô, o Catimbó, a Umbanda, restritos à periferia da cidade. Eram praticados por gente mais simples e de pouca influência financeira e social, pessoas que trabalhavam na informalidade, com pouco acesso aos serviços sociais, sofreram perseguição; muitos líderes religiosos tiveram suas casas invadidas e os espaços de culto prejudicados em nome da uma ordem social.<sup>29</sup> Intelectuais que reconheciam a positividade das tradições africanas na formação do povo brasileiro e da sua cultura foram perseguidos. Ora, desde o final do século XIX vinha-se discutindo as relações étnicas na formação do povo brasileiro e nos diversos espaços e práticas sociais. No futebol e nas danças os brasileiros de origem africana eram estigmatizados e a luta contra ao racismo foi uma constante, uma verdadeira militância em não aceitar a exclusão social que a dita elite pretendia estabelecer no Brasil.

...(Gilberto) Freyre dá um sentido mais preciso ao raciocínio de Mario Filho e de outros jornalistas em relação ao futebol brasileiro. Ao reforçar a associação do jogo de bola com os movimentos de outras práticas culturais negras, como a capoeira e o samba, dava forma a um processo que forja para o futebol

---

27 Parece que Getúlio Vargas sentia-se obrigado a Dom Sebastião Leme por sua intervenção no desfecho da Revolução de Trinta, ao convencer Washington Luiz a deixar o Palácio do Catete e ir ao exílio.

28 O outro polo era Garanhuns, beneficiada pela ferrovia desde o século XIX, sendo caminho para as Alagoas.

29 LIMA, Ivaldo Marciano de França GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Cultura Afri-descendente no Recife: Maracatus, Valentes e Catimbós. Recife: Edições Bagaço, 2007

praticado no Brasil uma nova tradição – mostrando como o jogo ganhara uma característica que não tinha em seus locais de origem, transformando-se o futebol em legítima expressão da nacionalidade. Mais do que igualar brasileiros aos europeus, como desejariam a maioria dos intelectuais da belle époque, Freyre postulava uma superioridade de nossa formação cultural sobre a de outros países.

O reconhecimento da presença da cultura da população de origem africana tem sido uma luta secular contra a ideia e a prática da apatenação social. As artes, as diversões e a criatividade das populações afro-brasileira e dos mestiços foram duramente censuradas ao longo do Estado Novo, enquanto se buscava na Europa o modelo para o Brasil. Contudo, a presença dos brasileiros é inevitável no Brasil, e ela se fortaleceu nos Terreiros de Xangôs<sup>30</sup>, nos Maracatus<sup>31</sup>, nos Caboclinhos, nas Pretinhas de Congo,<sup>32</sup> nas Escolas de Samba. O carnaval era o grande momento coletivo da apresentação de importante ressaltar que a Liga Social contra o Mocambo, que tinha como objetivo erradicar os mocambos que, segundo alguns, enfeavam a cidade, também atingiu a cultura religiosa daquela população, em sua maioria negra, mestiça que seguia e praticava o Xangô, e o Catimbó. Foi um período de perseguição, com muitas lideranças religiosas sendo recolhidas no Hospital de Alienados. Localizado na Tamari-neira. Ulisses Pernambucano de Melo havia sido diretor desse Hospital; ele discordava das práticas de coerção aos pais de santo, impostas pela Secretaria de Ordem Pública, razão pela qual, em 1935, viu-se obrigado a demitir-se do cargo de diretor e preso no dia seguinte sob a acusação de ser comunista, tendo passado 60 dias na Casa de Detenção. Depois Ulisses Pernambucano fundou

---

30 Entre os grupos identificados no Recife, o mais destacado é o da Seita Obacumim, na Estrada Velha de Água Fria, nº 1644, no chamado Chapéu de Sol, cujo pai de terreiro mais conhecido Felipe Sabino da Costa –Pai Adão, nascido em 1877, falecido em 1936. Em 1906, ele foi a Lagos, na Nigéria, orientado por seu antecessor com o propósito de se aperfeiçoar nas tradições religiosas. Viajou constantemente à Bahia e Alagoas, difundindo e consolidando a cultura afro-brasileira. Assumiu por longo tempo a direção regional da Seita. O chefe atual é Manoel do Nascimento. in [http://www.cultura.pe.gov.br/patrimonio4\\_terreiro.html](http://www.cultura.pe.gov.br/patrimonio4_terreiro.html)

31 SILVA, Severino Vicente da. Festa de Caboclo. 2ª edição, Olinda: Associação Reviva, 2013.

32 SILVA, Severino Vicente da. Uma Nação Africana na Jurema da Mata Norte, Pretinhas do Congo. Olinda: Associação Reviva, 2011.

um Sanatório Recife, onde deu continuidade ao seu trabalho. Mais tarde, perseguido por Agamenon, migrou para o Rio de Janeiro onde faleceu em 1943<sup>33</sup>.

Outros cientistas e artistas foram perseguidos no período por desentrem do projeto social almejado pelo Estado Novo: Cícero Dias, Lula Cardoso Aires, Gilberto Freyre<sup>34</sup>, José Lins do Rego, Olívio Montenegro, Ulisses Pernambucano, Silvio Rabelo, Aníbal Fernandes, entre outros.

Tomemos a iniciativa de Waldemar de Oliveira, sob a inspiração do presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, Otávio de Freitas, em criar o Teatro de Amadores de Pernambuco – TAP, em 1941. Este é, em parte continuidade da ação de Samuel Campelo que, em 1931, havia fundado o grupo *Gente Nossa*.<sup>35</sup>

Durante o Estado Novo, Pernambuco conheceu um momento de recuperação na política nacional e, do ponto de vista da política econômica, devemos lembrar a existência do Banco Central de Pernambuco, Banco Regional de Pernambuco, Banco do Povo, Banco Auxiliar do Comércio, The British Bank South America Limited, Banque Française ET Italiene pour L’Amerique Du Sud.<sup>36</sup>

A Guerra Mundial iniciada em 1939 promoveu alguns benefícios a Pernambuco que produzia algodão e o vendia beneficiado para os países em guerra. Seu parque industrial ficou fortalecido: a Fábrica de Tecidos Paulista, em 1946 contava com 15.000 operários. Ainda em 1930, Francisco Vita ocu-

---

33 [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=151&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=151&Itemid=1) acessado em 29 de julho de 2013

34 Em outro ponto de suas memórias, o secretário (Etelvino Lins) relembra um episódio envolvendo Gilberto Freyre e se ressentido de ter provocado um conflito ao convocar Freyre a dar explicações sobre um artigo publicado no jornal. O artigo em questão mencionava um possível perigo à segurança interna do país. Conforme o próprio Etelvino, este fato foi um dos poucos em que ele reconhece ter havido certo exagero nas atitudes tomadas no período: O Artigo do sociólogo não justificaria, reconheço hoje, longe da atmosfera e das tensões da época, a providência que tomei e que deve ser levada à conta de excesso de zelo por parte de quem, como eu, imaginava estar cumprindo com rigor os deveres de vigilância que se impunham contra a terrível espionagem que iria culminar no afundamento de navios nas costas brasileiras. MOURA, José Guedes. 1945: uma campanha Eleitoral. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFRPE, 2009. P27 [http://www.pgh.ufrpe.br/pdfs/2009\\_hugo.pdf](http://www.pgh.ufrpe.br/pdfs/2009_hugo.pdf)

35 VAINSENER, Semira Adler. Teatro de Amadores de Pernambuco e Teatro Valdemar de Oliveira. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 16.01.2014.

36 ANDRADE, Leitão, Maria de Fátima. P. 174

pava o Largo da Soledade com sua fábrica de refrigerantes, produzindo gasosa e empregando 125 pessoas. A Fábrica de refrigerantes Fratelli Vita tinha concorrência de outras como, a Crush, a Cliper e também a Coca-cola, mantendo a tradição de um parque industrial voltado para a alimentação.

O sentimento do Estado Novo fazia Othon Bezerra de Melo, empresário proprietário da Fábrica de Tecidos estabelecida na Macaxeira, dizer a Agame-non Magalhães: “minhas empresas não são minhas, são dos 13.000 operários, são das famílias que vivem felizes com o trabalho nas fábricas, minha felicidade está na felicidade dos que trabalham e colaboram comigo...”, segundo Maria de Fátima Andrade Leitão.

## 05 O tempo de guerra

O Estado Novo durou o tempo da Guerra Mundial. Pode-se observar uma simpatia pela ideia de nação buscada pelo II Reich. Se nos primeiros anos, os indicadores da política de Vargas favoreceram os países do Eixo (Roma-Berlim-Tóquio), talvez lembrado de ser a Alemanha o primeiro comprador de fumo, algodão, borracha e o segundo comprador de café brasileiro. Após 1942, as simpatias para como os países do Eixo tiveram que ser esquecidas e uma nova diplomacia teve que ser seguida, agora voltada mais para os interesses dos países Aliados (Inglaterra, França, URSS, EUA). Contudo, o Algodão, mais uma vez aparece na pauta de exportação em momento crucial. De exportação secundária, se comparado ao café e ao açúcar, a cotonicultura auxilia a manter vivos os pequenos e médios agricultores. Entre 1924 e 1939 a exportação do algodão partiu de 1,9% para 17,6% do total das exportações. Em 1945 esse percentual era de 9,3%.<sup>1</sup> Nas regiões do Agreste e Sertão se faz presente e é incentivado o seu cultivo até por canções na voz de Luiz Gonzaga: *“bate a enxada no chão, limpa o pé de algodão... ouro branco que nosso povo feliz... riqueza de nossa nação”*<sup>2</sup>

---

1 LEOPOLDI, Maria Antonieta p. A economia política do Primeiro governo Vargas (1930-1945) a política econômica em tempo de turbulência. In O Brasil Republicano, volume 2. O tempo do nacional estatismo. Jorge Ferreira & Lucila de Almeida Neves Delgado (organizadores). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005 [242-285]

2 Algodão / José Dantas e Luiz Gonzaga

Bate a enxada no chão / Limpa o pé de algodão / Pois pra vencer a batalha,

É preciso ser forte, robusto, valente ou nascer no sertão / Tem que suar muito pra ganhar o pão / E a coisa lá “né” brinquedo não / Mas quando chega o tempo rico da colheita / Trabalhador vendo a fortuna se deleita / Chama a família e sai, pelo roçado vai / Cantando alegre ai, ai, ai, ai, ai, ai, (2X) / Sertanejo do norte /

Ao mesmo tempo em que incentivava a participação do agricultor no esforço de guerra para fortalecer a economia do país, Agamenon e o Estado Novo continuam a tradicional prática que não permite a completa libertação do homem do campo, como atesta o texto escrito por Marcos Costa:

...eram homens de tapinhas nas costas e fazedores de amizades, bebendo cachaça nos botecos. Além de outras atividades, eram compradores de algodão e se utilizavam desse mecanismo para fazerem politicagem. Compravam o algodão dos agricultores e emprestavam dinheiro a juros para pagar com os produtos no tempo da safra. Era a tão conhecida compra do algodão na folha, ou seja, o camponês vendia seu produto a preço atual quando na época da colheita valeria muito mais. Muitas vezes, devido aos longos períodos de estiagens camponeses tomaram emprestadas grandes quantias, sendo que na próxima safra, era preciso entregar de mão beijada tudo que colhiam, às vezes ainda ficando devendo(...) foi assim que esses homens enriqueceram e mantiveram seu prestígio político durante todo tempo em que fizeram política.<sup>3</sup>

O Estado Novo e o seu líder Getúlio Vargas continuavam a flertar com o Estado Nazista liderado por Adolf Hitler, inclusive mantendo intercâmbio cultural com o envio de jovens para o fortalecimento da cultura brasileira. Entretanto, os caminhos da guerra mudaram após a Batalha de Stalingrado (1942) e a presença dos Estados Unidos da América no conflito após o ataque à base naval americana de Pearl Harbour (1941), no Pacífico. Os novos ventos indicavam para uma vitória dos aliados, e o Brasil seguiu a tendência. Getúlio Vargas que inicialmente simpatizava com os países fascistas, viu-se, aos poucos, tomado por certo fervor democrático, o que valeu bons frutos, como a Companhia Siderúrgica Nacional. A guerra foi uma grande escola para a diplomacia brasileira. Os ataques dos submarinos alemães ao longo do litoral brasileiro geraram estímulos para a população forçar a participação ostensiva

---

Vamos plantar algodão / Ouro branco que faz nosso povo feliz / Que tanto enriquece o país / Um produto do nosso sertão.

3 COSTA, Marcos Roberto Nunes. Itapetim, Cabeça do Pajeú. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/ FIAM/ CEPE, 1984. P77

do Brasil no conflito, e a torpedeamento de barcos brasileiros<sup>4</sup> levou à formação de um sentimento antigermânico. O Brasil declarou guerra aos países do Eixo (1942).

Em decorrência desse fato, no Recife ocorreu o fechamento do Clube Alemão e os sentimentos da turba levaram à destruição de casas comerciais pertencentes aos súditos de países do Eixo. Casas de ordens religiosas que, entre seus membros, tinham padres de origem alemã ou italiana, como era o caso dos Beneditinos, Franciscanos, Carmelitas, Capuchinho, Dehonistas, foram postos sob vigilância. Padres de nacionalidade alemã e italiana só podiam sair de seus conventos ou mosteiros com passe da Secretaria de Segurança.<sup>5</sup>

O texto abaixo retrata o espírito que tomou conta do Recife nos tempos imediatos da declaração de guerra aos países do Eixo:

“A 15 agosto de 1942 cinco navios brasileiros eram afundados, quase simultaneamente, entre a Bahia e Sergipe: o Baependi, o Araraquara, o Aníbal Benévolo, o Itagiba e o Araras. Chegavam às nossas praias alguns botes salva-vidas com naufragos do Baependi. Era grande a comoção popular, todos revoltados com aqueles atos de agressão e com as inúmeras mortes, mais de oitocentos, deles resultantes. Grupos exaltados saíam às ruas e começaram a depredar os estabelecimentos comerciais cujos donos fossem alemães, japoneses ou italianos.

Antes de eminência de sérios conflitos, algumas casas comerciais fechavam suas portas e nós, estudantes, éramos dispensados pelos diretores dos colégios, com recomendações expressas para nos dirigirmos às resistências e não ficarmos nas ruas. O que quase ninguém fazia tal a nossa curiosidade em testemunhar aqueles atos de represália e que tanto aguçaram nosso patriotismo ferido já em tantas ocasiões.

Esse episódio ficou conhecido no Recife como “o quebra-quebra”, sendo inúmeras as casas depredadas, algumas por puro vandalismo, sacudindo-se, pelas suas portas e janelas, sofisticadas máquinas de escrever, dispendiosas máquinas fotográficas

---

4 Na lista de navios afundados pelos alemães contam-se a 15 de Agosto o Baependy (270 mortos) e o Araraquara (131 mortos), a 16 de Agosto o Aníbal Benévolo (150 mortos), em 17 de Agosto o Itagiba (36 mortos) e o Arará (20 mortos) que tinha parado para socorrer o Itagiba.

5 SILVA, Severino Vicente da da. Entre o Tibre e o ... [144-145]

e outros utensílios que se quebravam nas calçadas, onde eram, ainda, pisoteadas pela multidão enfurecida; noutras, havia a evidente finalidade do saque, pessoas carregando consigo pares de sapatos, canetas Parker e armações de óculos, principalmente daquelas que estavam tão em moda, a dos belos e vistosos óculos Ray-Ban.

Alguns os que participaram daquele movimento por motivos apenas patrióticos, visando pura e simplesmente à indenização dos nossos navios, lançavam material obtido nos postos de recolhimento, aumentando cada vez mais as “pirâmides” que iriam contribuir para o soerguimento da nossa Marinha.

Vi pessoalmente – quando, após as aulas do Liceu Pernambucano, eu me dirigia para a Soledade<sup>2</sup>, para pegar o bondinho da Tramways – uma turba incontrolável a invadir o prédio da Fretelli Vita, na Soledade, a depredá-lo, a lançar pedras (uma delas quebrando seu velho e bonito relógio, o nosso Big Bem, que diariamente nos advertia quanto ao horário de chegada ao colégio), e lembro-me até que, numa de suas janelas, um provável funcionário balançava uma enorme bandeira brasileira, como a dizer que aquela era uma empresa, apesar de sua origem italiana, de pessoas que nada tinham a ver com a guerra e que contribuíam talvez mais do que muitos brasileiros, para o progresso de nossa cidade e que, como tal, deveria ser preservada.

Na Sorveteria Gemba, na Praça Joaquina Nabuco, soubéramos depois, lançaram-se gás sulfúrico e depredaram-se suas instalações, o que obrigou a permanecer fechada por um longo período. Depredações semelhantes sofreram a Casa Vanthuil, a Herman Stoltz (na Marquês de Olinda quase em frente a associação comercial), o Regulador da Marinha, a Gino Luchesi, a Joalheria Louvre, a Sloper, a Casa Lohner e tantas outras, saindo os invasores, segundo testemunhas oculares com caixas e mais caixas de sapatos e com uma quantidade tal de canetas, relógios e armações de óculos que daria para abastecer várias lojas por anos a fio...

Os populares, exaltados, se dirigiam para a Praça de República, onde, da sacada do Palácio, o interventor Agamenon Magalhães dizia palavras (“prefiro errar com o povo a acertar sem ele”) que eram interpretadas como de apoio ao movimento popular e eram acolhidas com aplausos, ensurdecedores. Na pracinha do Diário usariam da palavra, entre outros, o professor Luiz de

Goes, Edgar Fernandes, Potiguar Matos, do curso pré-jurídico, o professor Barreto Campelo, da Faculdade de Direito, e Thomas Édison, Faculdade de Medicina. Cantando o Hino Nacional e o Hino de Pernambuco, exibindo bandeiras brasileiras e carregando objetos recolhidos nas lojas depredadas, os populares se dirigiam pela (rua) Princesa Izabel, para a Faculdade de Direito, onde ainda falaria outros oradores.<sup>6</sup>

Importante lembrar que, por conta do alinhamento dos Estados Unidos e União Soviética durante o conflito, a pregação anticomunista foi atenuada e até mesmo esquecida nos sermões dos párocos e nas cartas do arcebispo.<sup>7</sup>

### **5.1 O FIM DA GUERRA E O FIM DA DITADURA ESTADONOVISTA**

A política externa de Vargas operou para tirar vantagens da nova situação internacional. A permissão para a utilização de espaço brasileiro para estacionamento de tropas esteve relacionada a acordos que permitiram a criação da Companhia Siderúrgica Nacional. Sendo um dos locais de estacionamento das tropas aliadas por conta de sua proximidade com a África, que havia se tornado também campo de batalha, o Recife recebeu oficiais e soldados americanos que passaram a influir no seu cotidiano. Na medida em que retornava o sentimento democrático, retornaram à ação pública personalidades que estavam no ostracismo, como foi o caso de Gilberto Freyre, homenageado pelos estudantes no Bar Savoy. Nesses primeiros momentos, foram lançadas as bases de uma Esquerda Democrática, durante algum tempo parte da União Democrática Nacional, posteriormente tornada Partido Socialista Brasileiro<sup>8</sup>.

O processo de Redemocratização, exigido pelo desenlace da Segunda Guerra Mundial, criava novas pressões sobre o Estado Novo, obrigando Vargas a procurar um novo desenho político para a sua sustentação. Assim, em janeiro de 1945, levou Agamenon de volta ao Ministério da Justiça, com o objetivo de coordenar esse processo, prevendo inclusive uma Assembleia Constituinte. Com o retorno de Agamenon Magalhães ao palco político nacional, Pernam-

---

6 PARAÍSO, Rostand. Recife e Segunda Guerra Mundial. Comunicarte, 1995 – Recife-PE.

7 SILVA, Severino Vicente da. Entre o Tibre e o... [147]

8 Andrade, Pernambuco Imortal, p. 236-7.

bucu tem como novo Interventor Etelvino Lins de Albuquerque, Secretário de Segurança e homem de confiança de Agamenon, que governou de fevereiro a novembro de 1945. Começava o caminho na direção à democracia liberal.

Em artigo na Folha da Manhã, Agamenon Magalhães informa: “*o regime vai mudar, e eu também*”, e mais adiante explica: “*Ditadura é um bom regime se somos o martelo, mas péssimo se somos o prego.*” Agamenon Magalhães, convertido a democrata, assumiu o Ministério da Justiça e presidiu o processo de transição.

Em setembro de 1944, estudantes da Faculdade de Direito fizeram algumas manifestações contra o Estado Novo, o que levou à prisão de professores, intelectuais e alguns estudantes, entre os quais se encontrava Demócrito de Souza Filho. A 3 de março de 1945, enquanto Agamenon Magalhães tomava posse como Ministro da Justiça, no Recife ocorria uma manifestação de estudantes em apoio à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República. Nesta manifestação, quando Gilberto Freyre discursava na sacada do Diário de Pernambuco, um tiro atingiu e matou o estudante de Direito, Demócrito de Souza Filho, desde então lembrado como símbolo da geração de 45. Na ocasião também foi morto o carvoeiro de nome Elias. Este cidadão comum, de tão esquecido, parece não ter estado lá nem morrido como o acadêmico de Direito.

O comício e a morte daqueles jovens, para alguns, marca o início da derrocada do Estado Novo, embora explicações mais próximas à história dos intelectuais prefiram chamar atenção à entrevista dada por José Américo<sup>9</sup>. Contudo, em seu depoimento à Fundação Getúlio Vargas, Barbosa Lima Sobrinho prefere indicar que a queda do regime esteve mais causada pelas questões externas que internas. Para ele a famosa entrevista de José Américo apenas demonstra que o DIP já não possuía o controle que se julgava ter. Contudo, a morte de dois jovens no Recife comoveu bem mais os ânimos da sociedade.

Nesse tempo, Etelvino Lins participou da refundação do Partido Social Democrático – PSD – formado por membros da burocracia estatal e, em Pernambuco, por latifundiários algodoeiros e pecuaristas. O golpe de 29 de outubro de 1945, que depôs Getúlio Vargas, afastou Etelvino Lins da interventoria.

---

9 A entrevista foi concedida ao jovem jornalista Carlos Lacerda, foi publicada na edição do Correio da Manhã no dia 22 de fevereiro de 1945. <http://www.abi.org.br/jornaldaabi/janeiro-2009.pdf>

Etelvino Lins foi substituído por José Novais Filho, que governou de novembro de 1945 a fevereiro de 1946, sendo seguido por José Domingues da Silva, governante de fevereiro a agosto de 1946. Este colocou Pelópidas da Silveira como prefeito de Recife e Ageu Magalhães<sup>10</sup> como secretário da Saúde e Maurício Coutinho como secretário de Viação e Obras<sup>11</sup>. A partir de Agosto Pernambuco foi governado pelo General Dermeval Peixoto, até o mês de março de 1947. Amaro Gomes Pedrosa governou de março a julho de 1947 e Otávio Correia de Araújo de julho de 1947 a fevereiro de 1948.

Nesse interregno ocorreram eleições que levaram o General Eurico Gaspar Dutra ao Palácio do Catete e, nas eleições para a Assembleia Constituinte, Agamenon Magalhães foi eleito Deputado e, na Assembleia Constituinte teve atuação fundamental na produção de leis protetoras da família, dos trabalhadores. Em 1948, fez campanha para eleger José Barbosa Lima Sobrinho para governador de Pernambuco.

---

10 Amaury de Medeiros, então Diretor de Saúde Pública do Estado muito prestigiado pelo Governo de Pernambuco e pelo Governo Federal. Lutou contra a malária e a febre amarela, que então eram endêmicas. Irmão do governador Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães, foi o pioneiro em estudos anatomohistopatológicos (anatomia patológica). Exerceu altas funções na UNESCO e fundou o Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco (IPA). Morreu em 1949.

11 Desse período vem o hábito de promover a venda de pescado barato para a população na Semana Santa e a abertura da Avenida Conde da Boa Vista



# 06

## Redemocratização – democracia liberal ou o populismo 1945-1964

### 6.1 BRASIL E O MUNDO NO PÓS-GUERRA

Após a Segunda Guerra Mundial do século XX, terminada em 1945, todos os povos sentiram o peso da Guerra Fria, ou seja, o confronto político ideológico entre as duas superpotências, Estados Unidos da América do Norte e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, então as únicas possuidoras de poder de destruição da vida sobre a terra<sup>1</sup>. Embora soviéticos e norte-americanos houvessem porfiado juntos contra o nazi-fascismo teuto-nipo-italiano, as opções político-ideológicas levaram essas potências a confrontos tensos em diversas regiões do globo, logo, ainda antes do término do conflito<sup>2</sup>. Começava a era dos armamentos atômicos como fator persuasivo. As potências se confrontavam na luta para impor o domínio de sua maneira de viver sobre os demais povos e nações. Comumente este é conhecido como o período da Guerra Fria, a tensão permanente sem o confronto físico entre as potências, ainda que regionalmente, nações e grupos engalfinhassem-se em nome dos ideais propostos pelas potências. Sem confrontos tão fortes como os que ocorreram na Ásia e na África, em jornadas históricas do processo de Descolonização que pôs fim à Era dos Impérios, a América Latina também foi palco dessa disputa. A luta contra o comunismo foi uma constante na vida da república brasileira, no período após a Guerra Mundial foi intensificado em

---

1 Os Estados Unidos da América demonstraram esse poder com a explosão das bombas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945; a União Soviética passou a controlar essa tecnologia em 1948.

2 LE GOFF, Jacques. Uma breve história da Europa. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. PIRENE, Jacques-henri. Panorama da História Universal. São Paulo: Difusão Europeia do Livro; Editora da Universidade de São Paulo., 1873. P344.

decorrência das decisões da Conferência de Potsdam, que promoveu a divisão do mundo em áreas de influência das duas grandes potências. De um lado o Mundo Ocidental, liderado pelos EUA, capitalista, liberal, defensor da propriedade privada, assumindo alguns aspectos do cristianismo; do outro lado o Mundo Oriental liderado pela URSS, socialista, defensor da propriedade coletiva, assumindo postura ateia. Ao término do conflito mundial o Brasil estava atrelado ao bloco ocidental, voltado para o capitalismo, liderado pelos Estados Unidos da América do Norte. Cumpre dizer que o Brasil foi integrado neste bloco, quando ainda não havia a divisão oficializada na Conferência de Potsdam<sup>3</sup>, entre outros fatores, pela derrota dos comunistas na Intentona de 1935. Contudo, sempre houve, entre os brasileiros, aqueles que optavam por um modelo diferente de sociedade daquele oferecido pelos Estados Unidos, e essa situação aparece no processo de decisões ocorridas no período. Assim, podemos observar que o esforço em direção ao desenvolvimento industrial foi sempre marcado pelo debate entre os partidos organizados após o término do Estado Novo no que diz respeito à economia política, escondidos nas sombras criadas pelos rótulos de nacionalistas e entreguistas. Enquanto uns defendiam um modelo de cunho nacionalista que pretendia o desenvolvimento industrial combinando com a formação de um mercado interno forte<sup>4</sup>, outros pretendiam que esse desenvolvimento estivesse atrelado aos interesses dos mercados externos<sup>5</sup>, ainda que com participação de capital nacional. Em Pernambuco essa situação bipolar era carregada no barco das tensões locais, no qual ainda era notável a personalidade e ação de Agamenon Magalhães. Como em muitos estados e regiões do Brasil, a polarização estava presente na hegemonia das siglas do Partido Social Democrata – PSD e a União Democrática Nacional – UDN, ficando os demais partidos, como o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, o Partido Democrata Cristão – PDC, Partido Socialista Brasileiro, PSB, e o Partido Comunista Brasileiro – PCB, satelitizados e gravitando sob a influência dos dois mais importantes.

---

3 Conferência ocorrida a 2 de agosto de 1945 com os líderes das potências aliadas – Churchill, Stálin, Roosevelt

4 Um grupo nacionalista pressionava a sociedade nessa direção, porém sem muito sucesso. Essa foi uma postura defendida por Celso Furtado e também dos grupos mais à esquerda.

5 Esta foi apolítica praticada por Juscelino Kubistchek em seu governo para atender as metas de seu programa Cinquenta anos em Cinco. Economista mais conhecido dessa corrente foi Roberto Campos.

O reaparecimento dos partidos na vida política, o afastamento de Getúlio Vargas e as eleições para a Assembleia Constituinte de 1946 apresentaram um país distinto daquele que havia vivido o Estado, um país desejoso de democracia, mas temeroso de que esse caminho levasse a uma guinada para a esquerda, ou seja, que as forças influenciadas pelo bloco socialista liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com o crescimento possível da influência dos ideais comunistas na população. Lembre-se que durante a participação do Brasil na Guerra Mundial desde 1942, não havia a política de perseguição aos comunistas, uma vez que a União das Repúblicas socialistas Soviéticas era aliada das democracias contra o nazismo. Essa situação persiste até a eclosão da Guerra Fria, na qual ficou patente o embate entre as duas potências URSS e USA. Durante a presidência do general Eurico Gaspar Dutra, os deputados eleitos pelo Partido Comunista foram afastados do Parlamento e, em 7 de maio de 1947, o próprio partido viu-se, mais uma vez, na clandestinidade, o que confirma o atrelamento à política americana da Guerra Fria.

## 6.2 ELEIÇÕES, CONSTITUINTES, CONSTITUIÇÃO

Após a queda de Vargas em agosto de 1945, foi realizada a eleição para a Assembleia Nacional Constituinte, mas não ocorreram eleições para governadores dos Estados, pois se entendia ser necessário esperar que a nova Constituição definisse quais as regras a serem seguidas pelo país na nova situação política. Em Pernambuco, o PSD fez a maioria dos representantes de Pernambuco na Assembleia Constituinte, o que demonstra o poder desse partido e a liderança do antigo interventor Agamenon Magalhães.<sup>6</sup> Seu poder pode ser notado ainda por ter posto para substituí-lo no processo de superação do Estado Novo um seu antigo aliado. Pernambuco continuou sendo governado por Interventores até o Golpe de outubro de 45, que definiu a queda de Getú-

---

6 Bancada De Pernambuco Na Assembleia Constituinte De 1946- 1) Etelvino Lins (Senador/Psd); 2) Novais Filho (Senador/Psd); 3) Agamenon Magalhães (Psd); 4) Barbosa Lima Sobrinho (Psd); 5) Costa Porto (Psd); 6) Ferreira Lima (Psd); 7) Gercino Pontes (Psd); 8) Jarbas Maranhão (Psd); 9) Oscar Carneiro (Psd); 10) Osvaldo Lima (Psd); 11) Paulo Guerra (Psd); 12) Ulisses Lins (Psd); 13) Alde Sampaio (Udn); 14) Gilberto Freyre (Udn); 15) João Cleofas (Udn); 16) Lima Cavalcanti (Udn); 17) Agostinho De Oliveira (Pcb); 18) Alcedo Coutinho (Pcb/1º Suplente); 19) Gregório Bezerra (Pcb); 20) Souza Leão (Pr); 21) Arruda Câmara (Pdc). . 12 Psd + 4 Udn + 3 Pcb + 1 Pr + 1 Pdc = 21.

lio Vargas. Inicialmente Pernambuco foi governado pelo interventor Etelvino Lins, que havia sido secretário de Segurança durante o Estado Novo, homem de confiança de Agamenon Magalhães. Com a deposição de Getúlio Vargas, Etelvino Lins foi substituído por José Novais Filho que governou de novembro de 1945 a fevereiro de 1946; então veio o governo de José Domingues da Silva, período pequeno, de fevereiro a agosto de 1946. Foi por indicação sua, que desejava um técnico, que Pelópidas da Silveira assumiu a prefeitura do Recife<sup>7</sup>, ao lado de Ageu Magalhães, indicado para a secretaria da Saúde e Maurício Coutinho como secretário de Viação e Obras. Sobre esse tempo da Prefeitura, que aceitou por amizade, Pelópidas Silveira deu o seguinte depoimento:

Nesse período enfrentei alguns problemas, não tinha maiores ligações políticas, não era filiado a partido nenhum, fiz somente administração trabalhando em urbanização, como a abertura da Av. Dantas Barreto. Abri o trecho entre a Rua Nova e a Igreja do Carmo; iniciei o alargamento da (avenida) Conde da Boa Vista que, por coincidência vim a terminar em 1958, quando fui novamente prefeito; a Rua Dom Bosco também foi alargada. Enfim, a reforma da Praça da Independência e alguns trabalhos no bairro do Recife. Naquela época não havia nenhum organismo para regular preços, a prefeitura interferia nisso. Consegui abordar o problema de abastecimento tabelando o peixe, na Semana Santa e criando feiras livres, que deram muito trabalho. Instituí também a Semana Inglesa, isso tudo me deu uma certa identificação com o povo do Recife. Saí em agosto e somente nove anos depois, em 1955, é que fui candidato a prefeito, na primeira eleição. Recife ficou autônoma, através de uma lei proposta pelo deputado Barros Carvalho.<sup>8</sup>

A partir do mês de Agosto Pernambuco foi governado pelo interventor General Dermeval Peixoto, indicado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra até o mês de março de 1947. É sob a sua intervenção que ocorreu a eleição

---

7 Recife ficou sendo governada por prefeitos indicados por governadores, uma vez que continuou sendo considerado de "segurança Nacional". Apenas na década de cinqüenta Recife retomará a autonomia municipal e Pelópidas Silveira foi eleito.

8 Depoimento de Pelópidas Silveira ao CHIBRA da Fundação Joaquim Nabuco in Pelópidas o Homem e a obra. Jaime Gusmão (organizador) Recife: Editora Universitária, UFPE 2005. p207-208.

que levou Barbosa Lima Sobrinho ao governo de Pernambuco. O resultado da eleição foi contestado e a recontagem levou um ano na Justiça Eleitoral. Amaro Gomes Pedrosa governou de março a julho de 1947 e Otávio Correia de Araújo de julho de 1947 a fevereiro de 1948. O processo de redemocratização foi lento em quase todos os aspectos e, se a modernidade havia tocado Pernambuco, mais precisamente o Recife na terceira década do século XX, ainda em 1946 ocorria perseguições contra o Catimbó, seja dizer contra uma das tradições religiosas das camadas mais pobres da sociedade.<sup>9</sup> Embora desde o final do século XIX a República proclamasse-se laica, as tradições cristãs ainda não conviviam, culturalmente, sem problemas com outras tradições religiosas, especialmente as de origens africanas e indígenas praticadas pelos setores mais pobres da população. Naquele período essas tradições ainda não eram vistas, nem mesmo pelos setores mais educados, com a dignidade de religião. Pode-se dizer que o caminhar para a inclusão democrática tem sido extremamente lenta no Estado, o que tem favorecido a permanência quase imemorial de alguns grupos e familiares na hegemonia social. *A produção artístico-cultural, no Recife, viveu um período singular nas duas décadas que se seguiram a 1945.*<sup>10</sup> O teatro que recebera alguma renovação com o Teatro de Amadores viveu a necessidade de renovação com a criação do Teatro do Estudante de Pernambuco, logo animado e aprofundado pela ação de Hermílio Borba Filho (1917- 1976) e sua proposta de Teatro Popular do Nordeste (1960) e que seguiu inovando a linguagem teatral do Estado ao longo do período que estamos estudando e até ultrapassando-o. Personalidade artística que pertence a essa mesma geração é Ariano Suassuna em cuja obra

As histórias e narrativas populares funcionam como um húmus cuja fertilidade o torna propício para o labor da criação ou recriação artística. O tema que orienta todo o seu esforço criativo é de que, apenas sendo fiel às mais genuínas tradições culturais de seu povo, é que o artista pode almejar dar uma contribuição original ao acervo cultural da humanidade.<sup>11</sup>

---

9 TEIXEIRA, Flávio Weinstein. O Movimento e a Linha: presença do Teatro do Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964). Recife: Editora Universitária UFPE, 2007. [81]

10 Idem,[97]

11 Idem, [189]

No ano de 1948 foi fundada por Abelardo Germano da Hora a Sociedade de Arte Moderna do Recife, que diz a ter criado *porque não havia nenhuma entidade para tratar dos interesses dos artistas, que eu achava necessária*<sup>12</sup>. Este foi um projeto seminal, pois daí vieram ideias que, implementadas na prefeitura de Pelópidas Silveira, como foi a transformação do Sítio da Trindade, em Casa Amarela, espaço cultural. Algum depois, na prefeitura de Miguel Arraes, foi criado o Movimento de Cultura Popular, inspirador dos Centros de Cultura Popular – CPCs da União Nacional dos Estudantes.

### 6.3 A DÉCADA DE CINQUENTA

Os números indicam que em 1950 a população de Pernambuco era de 3.305.185<sup>13</sup> e é com tal contingente humano, que começava uma nova etapa na história de Pernambuco e do Brasil. O país começaria a deixar de ser predominante rural, e também Pernambuco, mas ainda levará uma década para a conclusão desse processo. Naquele mesmo censo Recife tinha 524.628 habitantes. Os anos cinquenta marcaram o crescimento industrial do país, e também os anos em que se tornou mais explícito o processo de acentuação das desigualdades regionais, ou elas se tornaram mais visíveis em decorrência da dinâmica do sistema. Enquanto o Centro Sul crescia, o Norte e Nordeste do país pareciam estacionados no tempo com sua tradicional estrutura de poder e concentração de riquezas nas mãos de alguns, com a população sofrendo as consequências sociais e econômicas do fenômeno geográfico e social da seca. O crescimento do parque industrial paulista, a construção de Brasília, a devastação das florestas paraenses, o desbravamento rumo ao norte do país sugaram uma grande parte da população do Nordeste para aquelas regiões e, com isso, não havia maneira de fugir das questões colocadas por um crescimento de uma economia que impedia à grande parte da população o desfrute das riquezas produzidas.

---

12 HORA, Abelardo Germano da. Arte e política a serviço do Brasil in O Pensamento das juventudes brasileiras no século XX, Michel Zaidan FILHO & Otávio Luiz MACHADO (organizadores). Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

13 IBGE - /conselho Nacional de Estatística – Serviço Nacional de Recenseamento. Volume 1. Censo Demográfico, Rio de Janeiro, 1956.

Mas, se houve um contingente humano que do Nordeste se dirigiu ao Sudeste e Sul do Brasil, também a capital pernambucana recebeu parte dessa migração. *Entre os anos de 1950 e 1960 a população do Recife saiu de 225.000 para 797.000 habitantes. A Zona Norte da cidade foi à preferida, ou a parte que lhe foi reservada pela exploração fundiária, pelos que chegavam do interior. A cidade crescia e ocupava a periferia.*

E se havia a intensificação populacional na parte norte da cidade do Recife, pode ser observado outro tipo de crescimento, qual seja a expansão pelo gosto de ver filmes como diversão. Não apenas a ida aos cinemas comerciais, mas ocorreu uma prática de se discutir os filmes em cineclubes.

A partir de 1950 a ampliação desses espaços tornou-se mais significativa. Entidades as mais diferentes entre si passara, de uma forma ou outra, a promover sessões especiais: colégios, paróquias, clubes sociais, entidades profissionais e estudantes e, claro, os cineclubes. A altura de 1954 contabilizava-se a existência de seis cineclubes na cidade<sup>14</sup>.

E, entretanto, no final da década, os problemas sociais se avolumavam especialmente na área rural, que continuavam a expelir parte de sua população para as cidades. Pablo Porfírio escreve:

Em 1958, uma intensa seca tinha atingido os Estados dessa região. As condições de vida e de trabalho, que era, em geral, de muita pobreza, foram agravadas pela ausência de chuvas. As migrações de famílias de trabalhadores fugindo dos locais atingidos pela seca eram constantes. Elas dirigiam-se para as capitais dos Estados ou mesmo para cidades do Sudeste do Brasil. Em meados da década de 1950, quase um terço da população do Brasil vivia no Nordeste, contudo, apenas 13 % da renda do país era produzida nessa região.<sup>15</sup>

---

14 TEIXEIRA, Flávio W. O movimento e a linha.... Opus cit. [86]

15 PORFÍRIO, Pablo. Medo, comunismo e revolução. Pernambuco (1959-1964). Recife: Editora Universitária UFPE, 2009. [37-38]

A Consciência dos fatos acima mencionados é que levou um setor da sociedade a promover a criação da SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE – SUDENE (1957). Buscava-se integrar o Nordeste no moderno capitalismo que se implantava no país. Diante da crise que se avizinhava a SUDENE foi um ato que pretendeu, por parte das oligarquias conservadoras, promover alguma modernização e evitar o crescimento de um movimento revolucionário que se prenunciava com a criação das Ligas Camponesas e, além do significativo número de sindicatos rurais. Note-se a viva atuação da Igreja, através da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB<sup>16</sup>, que promoveu seminários sobre a situação do Nordeste, nas cidades de Campina Grande – PB e Salgueiro, PE, onde floresceu o primeiro rascunho daquela superintendência. Recife veio a ser definida como sede da SUDENE, criada pelo presidente Juscelino Kubistchek, e promoveu um surto de crescimento regional, especialmente durante a administração de Celso Furtado<sup>17</sup>. A situação da área rural em Pernambuco, como em diversas outras regiões da América latina, chama a atenção dos Estados Unidos da América, temeroso de uma possível expansão do movimento cubano liderado por Fidel Castro. Uma das reações da potência ocidental é a criação da Aliança para o Progresso, que envia inúmeros jovens norte-americanos para a região, e também muita ajuda financeira e alimentar. Ted e Robert Kennedy Irmãos do Presidente John Kennedy visitaram Pernambuco. O Estado passava a ser um dos motivos especiais para o New York Times, gerando expectativas diversas nos seus leitores. Aos poucos, foram construídos cenários revolucionários: alguns cenários construídos nos desejos de mudanças rápidas; outros cenários construídos pelo medo das mudanças. Os discursos tornam-se mais radicais – “na lei ou na marra”, dizem uns; *“essas distribuições e redistribuições de terra estimularam o renasci-*

---

16 Criada na inspiração de Dom Hélder Câmara, seu primeiro Secretário Geral, a entidade entendeu a diversidade regional brasileira e promoveu um governo a partir das regiões, desde então e instituiu Planos de Pastoral, uma visão moderna de administração que ainda não permeava o Estado Brasileiro e teve o Presidente Juscelino na reunião de Salgueiro, onde ele ouviu o plano para o Nordeste que Celso Furtado havia preparado, a pedido dos bispos. Vide QUEIROGA, Gervásio Fernandes de. CNBB, comunhão e corresponsabilidade. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

17 Para ler o documento escrito por Celso Furtado acesse <http://www.sudene.gov.br/conteudo/download/PDEN%20-%20segunda%20edicao.pdf>

*mento, pouco depois, e com excessos muito maiores que os anteriores, da propriedade privada da terra.*”<sup>18</sup>

Na década de cinquenta do século XX, a Igreja Católica começou a sentir que outras forças e pensamentos estavam atuando nas áreas rurais. Os constantes deslocamentos populacionais provocados pela estiagem e consequente concentração fundiária começaram a solapar a unidade em torno da fé católica no campo, especialmente na área rural. Embora desde o final do século XIX a presença de Batistas e Presbiterianos começasse a ser notada no interior, foi na quarta década do século que a Assembleia de Deus, com sua forma de organização mais leve e democrática, permitindo a cada crente ser um missionário fundador de igreja, começa a ser notada em povoados e vilas. A desestruturção de propriedades por conta da venda de engenhos e sítios permitiu uma maior liberdade de movimento e de lealdades ao antigo morador e, essa liberdade levou também a novas escolhas religiosas. Por outro lado a modernidade que chega à área rural também leva consigo as ações dos partidos políticos, especialmente o Partido Comunista Brasileiro, que define como sua tarefa a organização de sindicatos rurais. A Igreja passou a ter uma atuação mais atenta na área rural com a Ação Católica Rural e com a Ação Católica Independente, mas está mais voltada para os setores sociais independentes economicamente, confiando talvez, no enraizamento de anos de catolicismo tradicional. Assim, o bispo Inocêncio Engelke de Campanha,<sup>19</sup> MG, organizou um seminário que produziu a carta pastoral intitulada CONOSCO, SEM NÓS, OU CONTRA NÓS SE FARÁ A REFORMA RURAL e, como o título do documento demonstra, é um alerta aos católicos proprietários de largas extensões de terras que até então confiavam nos poderes sobrenaturais de Nossa Senhora de Fátima.<sup>20</sup> Em Pernambuco, chamou atenção à atuação de dois jovens padres, Antônio Melo, na região do Cabo de Santo Agostinho e Paulo Crespo, no município de Jaboatão. O padre Paulo Crespo foi o coordenador do Serviço de Orientação Rural de Pernambuco, organismo criado pela Arquidiocese de Olinda e Recife, no

18 Editorial do Estado de São Paulo do dia 03/02/1960. Citado por PORFÍRIO, opus cit. [46]

19 SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. A Igreja Católica e a questão social. [http://www.seade.gov.br/producao/spp/v11n04/v11n04\\_09.pdf](http://www.seade.gov.br/producao/spp/v11n04/v11n04_09.pdf)

20 Lembremos que a aparição da Virgem aos três pastores na Cova da Iria, em Portugal, clamava contra o perigo do comunismo ateu. A Nossa Senhora de Fátima tornou-se uma das principais devoções nas propriedades rurais e engenhos da Zona da Mata desde os anos 20.

episcopado de Dom Carlos de Gouveia Coelho, para acompanhar a ação social dos católicos no campo. Consideremos também que o crescimento populacional e a dinâmica levou a Igreja Católica promover a criação de duas novas dioceses: a diocese de Afogados da Ingazeira, no Sertão, no ano de 1956, e a diocese de Palmares, na Zona da Mata Sul, em 1962. É resposta da única instituição nacional organizada, além das Forças Armadas, aos problemas sociais decorrentes das secas no sertão e da exploração secular do massapé em seu encontro com as relações de trabalho e novas pertenças que chegam com a modernidade.

Devemos lembrar, ainda, que este foi o período no qual ocorreu a fundação da Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco, inicialmente como objetivo de promover sepultamentos cristãos aos lavradores, e que veio tornar-se a primeira das Ligas Camponesas, no Engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão, com a assessoria do deputado Francisco Julião. Presionados pelas urgências, a Assembleia Legislativa de Pernambuco aprovou decreto de desapropriação do Engenho Galileia, sancionado pelo governador Cid Sampaio. Enquanto felicitam-se os camponeses, setores conservadores da sociedade pensavam como o deputado Drayton Djain, ausente naquela sessão: *...quero declarar aos meus que se aqui estivesse votaria contra o projeto “Galiléia”, porque acho um precedente perigoso, criado para um Estado pobre.*<sup>21</sup>

## 6.4 GOVERNADORES DO PERÍODO

BARBOSA LIMA SOBRINHO (1947- 1951)

Como dito anteriormente, o governo Dutra pretendeu diminuir o poder do PSD, especialmente o de Agamenon Magalhães em Pernambuco; parece ter sido esta a função do general Demerval Peixoto na Interventoria do Estado, ali posto pelo presidente Eurico Gaspar Dutra. Após a promulgação da Constituição de 1946 foi tempo de eleições. Agamenon Magalhães voltou a Pernambuco para coordenar a campanha de José Barbosa Lima Sobrinho, candidato gerado no seu projeto, que enfrentava Neto Campelo Junior, candidato do presidente

---

21 PROFÍRIO, Pablo. Opus cit. 43

Eurico Gaspar Dutra. Nessa campanha ficou famosa a frase: “*Pernambuco não se governa de botas e esporas*”<sup>22</sup>, uma afirmativa de Agamenon Magalhães denunciando a interferência do governo federal na escolha do eleitorado pernambucano ao enviar o general Peixoto como interventor para o Estado.

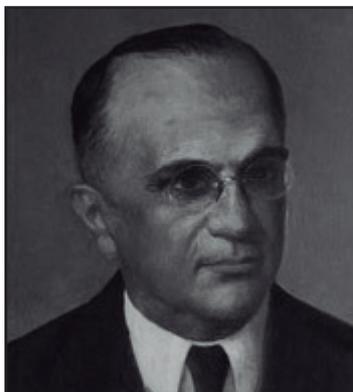


FIG. 13. Barbosa Lima Sobrinho

Nas eleições de 1947, o Partido Social Democrático, dominado por Agamenon Magalhães lançou como candidato a governador Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho<sup>23</sup>, que havia sido o primeiro presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool<sup>24</sup>, durante o Estado Novo. Esta candidatura confrontava-se com as forças da UDN e dissidentes do PSD que tinham como candidato Manuel Neto Carneiro Campelo, e as forças de esquerda, que, próximas do Partido Comunista, apresentaram Pelópidas Silveira, um engenheiro que havia

---

22 LIMA FILHO, Andrade. *China Gordo: Agamenon e sua época*. Recife: Editora Universitária UFPE, 1976. P 103.

23 Barbosa Lima Sobrinho era membro da sucrocrazia; seu tio havia sido presidente de Pernambuco no início da República, começou sua vida política sob os auspícios de Agamenon Magalhães. Foi, durante muitos anos, presidente de honra da Associação Brasileira de Imprensa. Nascido a 22 de janeiro de 1897 e morreu em 16 de julho de 2000.

24 O Instituto do Açúcar e do Alcool foi criado em 1 de junho de 1933 e estabeleceu cotas para a produção do açúcar entre os diversos Estados produtores. Pernambuco ficou com 40% das cotas permitidas para o Nordeste. Esse procedimento de cotas estabelecidas veio, a longo prazo, ser prejudicial para a indústria açucareira pernambucana, pois lhe travava o crescimento.

sido prefeito da cidade do Recife logo após o fim do Estado Novo. Assim, foi tenso o clima durante a interventoria de Demerval Peixoto, como também o processo eleitoral que levou Alexandre Barbosa Lima Sobrinho ao governo de Pernambuco, uma vitória do PSD de Agamenon Magalhães sobre a UDN que apresentara Neto Campelo. Embora Neto Campelo houvesse vencido na Capital, Barbosa Lima foi o vencedor com os votos do interior do Estado, votos garantidos pelos currais eleitorais dos coronéis de Petrolina (Clementino Coelho), Salgueiro (Veremundo Soares), Serrita (Chico Romão), Limoeiro (Chico Heráclito). Vencedor por pouco votos, Barbosa Lima Sobrinho fez um governo baseado em obras como a abertura de estradas. Barbosa Lima

... Formou um secretariado em que o setor de segurança permaneceu como nos governos anteriores, fazendo uma forte repressão, mas em outros setores colocou pessoas que faziam uma política mais aberta. Na educação colocou o professor Sílvio Rabelo que o ajudou a fundar e instalar uma Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras, depois federalizada, para a qual nomeou como catedrático, sem concurso público, professores conceituados e políticos que não haviam tido sucesso eleitoral<sup>25</sup>.

Na governança do Estado, Barbosa Lima Sobrinho aponta Antônio Baltar como o principal responsável pelas ações de seu governo na construção das “estradas tronco”, que eram necessárias para o desenvolvimento de Pernambuco, pois permitiam a ligação entre as regiões do estado. Até o final dos anos quarenta Pernambuco continuava com a mentalidade dos senhores de engenhos e proprietários de longa extensão de terras que, voltados para seus interesses pessoais, construíram poucas estradas que comunicassem as regiões entre si, afetando sobremaneira a movimentação das riquezas produzidas no Estado. A pouca urbanização parecia tornar desnecessário tais caminhos e as distâncias que os interessavam estavam servidas pelos carros de bois e pelas ferrovias.<sup>26</sup> As obras de estradas iniciadas na gestão de Barbosa Lima foram continuadas no governo de Agamenon Magalhães, graças a um imposto específico, um projeto que foi organizado por ele (Barbosa Lima) e Miguel Arraes,

---

25 Andrade, Pernambuco Imortal, p.374.

26 Ainda no ano de 2013 cerca 50% das estradas de Pernambuco são de barro.

seu secretário<sup>27</sup>. Foi no governo de Barbosa Lima que se iniciou a construção da atual Ponte do Pina, que liga o Recife à Boa Viagem.

#### A VOLTA DE AGAMENON 1951 -1952



FIG. 14. Agamenon Magalhães

O governo de Barbosa Lima Sobrinho parece ter sido um atalho para o retorno de Agamenon Magalhães ao governo de Pernambuco. Candidato ao governo de Pernambuco pelo PSD, Agamenon Magalhães procurou ser consagrado pelo voto popular. Enfrentou a candidatura de João Cleófas de Oliveira, candidato pela UDN, apoiado por Getúlio Vargas<sup>28</sup>. “*Vim encontrar em Pernambuco o ilustre engenheiro João Cleófas. Este é o nome que aconselho aos vossos votos, por ter sido escolhido pelo PTB*”, disse Getúlio Vargas a respeito de seu candidato em comício no Parque 13 de maio. A mordacidade de Agamenon Magalhães, homem do sertão, foi terrível e repetida durante a campanha, tornado o mote da campanha, opondo o sertão esquecido ao litoral dos usineiros e da cana de açúcar: “*Quando eu soube povo do Recife, que o usineiro João Cle-*

27 Depoimento de Barbosa Lima no CPDOC

28 Aparentemente esdrúxula a disputa o apoio de Getúlio Vargas a João Cleófas contra seu sempre aliado Agamenon Magalhães, esse situação é decorrente da necessidade getulista de impedir a perpetuação de Agamenon no poder.

*ófas era candidato a governador de Pernambuco, tremi por vós!*” Na luta entre os sertanejos e usineiros da Mata, saíram-se melhor os candidatos do PSD, amparados por votos garantidos nos currais eleitorais dos coronéis sertanejos e do Agreste, cujos votos suplantavam as vitórias udenistas na capital.

Eleito, Agamenon Magalhães governou até a sua morte em 24 de agosto de 1952, sem completar metade do mandato, no qual pretendeu dar maior ênfase à construção de rodovias, preocupado com uma maior integração das regiões do Estado.

ETELVINO LINS – 1952-1954



FIG. 15. Etelvino Lins

Com a morte de Agamenon Magalhães, o deputado Antônio Torres Galvão, presidente da Assembleia Legislativa, assumiu o governo do Estado<sup>29</sup>, com a responsabilidade de presidir o pleito que escolheria o governador para completar o tempo de mandato do finado governador Agamenon Magalhães.

Nas tratativas eleitorais foi celebrado um acordo político pelo qual Etelvino Lins sairia candidato e garantia que na próxima eleição João Cleófas teria assegurado a indicação de seu nome como candidato pelo PSD na próxima eleição. Este “Governo de Acordo” entre as forças pessedistas, que durou até 1955, garantiu a Etelvino Lins a exposição necessária para que alimentasse e

<sup>29</sup> Torres Galvão era membro da Assembleia de Deus, um de seus líderes na cidade de Paulista, onde assumia cargo de direção nas indústrias dos Lundgrens.

fortalecesse o seu projeto de tornar-se presidência da República. Etelvino Lins colocou como Prefeito do Recife José do Rêgo Maciel. No interior cuidou de rodovias e promoveu a construção de escolas e ginásios. O suicídio de Getúlio Vargas provocou mudanças de rumo na política nacional e local, afetando diretamente o projeto presidencial do governador de Pernambuco. Etelvino Lins não conseguiu a candidatura presidencial pelo PSD e então procurou a política de cooperação com a UDN local enquanto preparava seu próprio candidato ao governo de Pernambuco.

#### OSVALDO CORDEIRO DE FARIAS -1955 – 1959



FIG. 16. Osvaldo Cordeiro de Farias

Ao término do seu governo, Etelvino Lins não respeitou o acordo celebrado com a UDN por ocasião da morte do “China Gordo”, acordo que garantia a candidatura de João Cleófas ao governo do Estado, e apresentou Cordeiro de Farias como candidato do PSD. Em entrevista a Aspásia Camargo<sup>30</sup>, o general Cordeiro de Farias<sup>31</sup> informa que a sua candidatura foi uma ideia de Etelvino para impedir uma ação continuísta de Getúlio Vargas. A presença de

30 FARIAS, Osvaldo cordeiro de. Meio século de combate: Diálogo com Cordeiro de Farias. Aspásia Camargo & Walder de Goes. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981 p 461ss

31 Osvaldo Cordeiro de Farias (\*1901 +1981) foi eleito para o Governo de Pernambuco numa coligação que envolvia PSD, PDC e PL. Fez um governo voltado para a assistência ao sertão, para a construção de açudes e estradas. Ocupou o cargo entre 1955 e 1958, renunciando ao mandato um mês antes de sua conclusão para assumir a presidência da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que exerceu durante dois anos.

Cordeiro de Farias seria uma barragem à ideia de continuidade de governo de Getúlio. Localmente, Etelvino Lins pretendia fazer surgir um governo de conciliação dos partidos em Pernambuco e para isso conseguiu seduzir João Cleófas, então ministro da agricultura de Getúlio Vargas, a apoiar Cordeiro de Farias. Inicialmente, Cleófas admitiu esse apoio, contudo, por influência de Getúlio Vargas, veio a assumir sua candidatura, dividindo a UDN e recebendo apoio do Partido Comunista na voz de Luiz Carlos Prestes; ao mesmo tempo, as forças de esquerda concorreram ao governo apresentando a candidatura do jornalista Osório Borba, que recebeu expressiva votação, apesar da máquina administrativa e da oposição das forças da Igreja, em luta contra o comunismo. Cordeiro de Farias ganhou com a diferença de 40 mil votos, e governou sob forte oposição.

Em seu depoimento a Aspásia Camargo, Cordeiro de Farias lembra a influência que os coronéis do interior tinham sobre a política de Pernambuco. Cordeiro de Farias afirma, como a justificar a sua política de conciliação com aqueles:

Hoje existem estradas, telefone, rádio, aviação, alterando aqueles velhos hábitos que levavam famílias rivais a lutar durante decênios (...). Mas tudo isso é fruto da fraqueza econômica do Nordeste. É com muito desapontamento e tristeza que temo pelo futuro de Pernambuco, pois a debilidade econômica do estado ainda é muito grande. Durante o meu governo o orçamento de Pernambuco e sua taxa de crescimento econômico eram superiores aos da Bahia. Hoje é ela quem lidera o desenvolvimento regional.<sup>32</sup>

É em seu governo que ocorreu a administração do último prefeito do Recife, indicado, não eleito diretamente, que foi o médico Djair Brindeiro. A administração de Djair Brindeiro agiu decisivamente no combate, aos enxames de muriçocas que infernizavam a vida dos recifenses, utilizando o DDT. Na descrição de Flávio Weinstein, temos um retrato daqueles tempos:

Também para o cotidiano de vasta camada de pobres da cidade, o inverno trazia uma série interminável de incômodos e mesmo

---

32 CAMARGO, Aspásia. Cordeiro de Farias. Opus cit. P475

de pequenas tragédias. Vivendo predominantemente em zonas ribeirinhas ou, o que estava se tornando mais comum, nas encostas dos morros que circundavam a planície recifense, essas populações precisavam conviver com as águas lodosas que entravam em seus casebres trazendo a indesejável companhia de ratos, baratas e toda a fauna pouca recomendável, ou o que era ainda mais dramático, se viam diante do perigo cada vez mais frequente de deslizamento das encostas e desabamento de suas moradias.<sup>33</sup>

E nesse período ocorreu a primeira eleição para a escolha do prefeito da capital, sendo o engenheiro Pelópidas Silveira<sup>34</sup>, o escolhido pela população. A respeito do primeiro prefeito eleito da cidade do Recife, Pelópidas Silveira, de prática política de cunho socialista e direcionada para os setores mais carentes da cidade<sup>35</sup> e que já governara a cidade na década anterior, assim expressou-se Cordeiro de Farias:

Durante o meu governo o prefeito foi Pelópidas Silveira. Mantivemos boas relações. Nunca tive problemas com ele. Homem vivo, inteligente, sabia que o momento esquerdista não tinha chegado, nem podia chegar para Pernambuco, de modo que houve uma colaboração muito grande. Não Houve problemas.<sup>36</sup>

Sobre seu governo ele diz ter aberto estradas, escolas, hospitais e promoveu a utilização da energia de Paulo Afonso em Pernambuco, além de armazéns e silos<sup>37</sup>.

---

33 TEIXEIRA, Flávio Weinstein. O Movimento e a Linha: presença do Teatro do Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964). Recife: Editora Universitária UFPE, 2007. P 80

34 Sobre o governo de Pelópidas Silveira ver a dissertação de mestrado de Taciana Mendonça Santos, Alianças políticas de Pernambuco: as frentes do Recife (1955 – 1964) Mestrado de História, UFPE. 2008. (mimeo).

35 Eleito com 66.7% dos votos, sem fugir das tendências modernizadoras, Pelópidas realizou um governo voltado para a ampliação da cidadania, realizando concursos públicos, reestruturando carreiras e e salários, promoveu ,mudanças no sistema de arrecadação, disciplinou o uso do solo e medidas para atender as carências alimentares da população mais pobre. Promoveu a pavimentação da Avenida Conde da Boa Vista, da Avenida Norte da Estrada da Imbiribeira, e promoveu a retificação e construção do Canal Derby-Tacaruna.

36 CAMARGO, Aspásia. Opus cit. P482

37 CAMARGO, Aspásia.. Cordeiro de Farias, opus cit. 480.

Minha obra em Pernambuco não foi uma obra de encher os olhos. Sempre me orientei no sentido de resolver problemas básicos e primários, construindo estradas, escolas, postos de saúde, armazéns e silos. E sempre me pautei pela absoluta austeridade.<sup>38</sup>

Seu projeto de reformar a política fiscal do Estado provocou forte reação dos grupos produtoras e empresariais que levou à realização de um lockout, no dia 9 de novembro de 1956, organizado pela Associação Comercial de Pernambuco e pelo Centro de Indústria de Pernambuco. No ano seguinte, a 13 de março, ocorreu uma greve geral.<sup>39</sup> Sobre este tema, leiamos o depoimento do ex-governador:

Em 1957, houve grande resistência quando decidi cobrar impostos, pois os ricos não tinham o hábito de pagá-los corretamente. Essa resistência já foi articulada por Cid Sampaio que se preparou com grande antecedência para se lançar candidato à minha sucessão.<sup>40</sup>

A eleição do ano seguinte foi vencida por Cid Sampaio – UDN, que derrotou o Jarbas Maranhão - PSD, a aposta perdida de Etelvino Lins. Cid Sampaio, como vimos, foi um dos líderes do lockout e, sua postura em dificultar a transição administrativa do Estado, indo viajar na Europa, logo após a eleição, levou Cordeiro de Farias a renunciar o governo de Pernambuco. Em suas palavras:

Sempre fui partidário de um processo organizado de transferência de comando, como fiz na Escola Superior de Guerra com Juarez Távora. Assim, perdi o elan, sinceramente e entendi que minha missão estava encerrada. Renunciei de comum acordo com as pessoas que me tinham apoiado, entregando o governo a meu secretário de Justiça, Otávio Correia de Araújo.<sup>41</sup>

---

38 CAMARGO, Aspásia. Opus cit. P492-493

39 COELHO, Fernando. Direita volver. O golpe de 1964 em Pernambuco. Recife: Edições Bagaço, 2004. P 74

40 CAMARGO, Aspásia. P 490.

41 CAMARGO, Aspásia. Opus cit. P 496

## CID FEIJÓ SAMPAIO (1958-1963)



FIG. 17. Cid Feijó Sampaio

Em 1958, como resultado da aliança de forças da Frente Popular do Recife com setores industriais pernambucanos, ocorreu a eleição de Cid Feijó Sampaio, o candidato da União Democrática Nacional, UDN, derrotando as forças do Partido Social Democrático - PSD, que vinham dominando a política pernambucana desde 1930, sob a liderança de Agamenon Magalhães e Etelvino Lins. Cid Sampaio, usineiro e engenheiro, recebeu o apoio do Partido Comunista Brasileiro, sendo Gregório Bezerra um dos seus maiores cabos eleitoral. Por conta do apoio dos comunistas à sua candidatura, Cid Sampaio recebeu oposição firme do arcebispo católico Dom Antonio de Almeida Moraes Junior que, pelo mesmo motivo, anos antes já havia se oposto à candidatura de Pelópidas Silveira à prefeitura do Recife. Entretanto, a comunidade católica, especialmente do Recife, não seguiu a orientação do Arcebispo.

No final dos anos cinquenta, já havia setores da Igreja Católica em desacordo com tradicional apoio às forças conservadoras e viu-se, mais uma vez, nos jornais um forte debate entre leigos católicos e as orientações da Cúria Metropolitana no que diz respeito ao voto<sup>42</sup>. As estratégias da liga Eleitoral

---

42 SILVA, Severino Vicente da. Os católicos diante das eleições (1955-1961). Estudo sobre a Arquidiocese de Olinda e Recife. In Revista Eclesiástica Brasileira, FASC. 194. Petrópolis, Vozes, 1989 [340-370]; SILVA, Severino Vicente da. Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da igreja progressista na arquidiocese de olinda

Católica, pensada nos anos trinta, já não produzia os mesmos efeitos. Os tempos eram mais democráticos e a separação Trono/Altar fazia-se mais clara, pois que os tempos democráticos não permitiam a manutenção da neocris-tandade pensada pelo Cardeal Dom Sebastião Leme. Mas parece ter sido de certa forma, a insatisfação das classes produtoras que ofereceu condições para a formação de uma frente política, em que estavam presentes setores do Partido Comunista, com o socialista Pelópidas Silveira, ao lado do também engenheiro, o udenista Cid Sampaio.

Cid Sampaio era um membro muito ativo da UDN e vinha sendo considerado, há algum tempo, como uma das figuras de maior destaque entre um grupo de industriais pernambucanos que fazia campanha pela industrialização e pelo desenvolvimento do Estado<sup>43</sup>.

A liderança de Cid Sampaio devia-se, em parte da campanha que havia realizado, quando à frente da Federação de Indústrias de Pernambuco, contra o Código Tributário, por entender que ele estaria beneficiando mais as atividades econômicas do interior – região na qual os políticos do PSD tinham seus redutos eleitorais, em detrimento dos interesses das indústrias e outras atividades próprias das regiões urbanas, nas quais a UDN mantinha seus redutos<sup>44</sup>.

A aliança que levou Cid Sampaio ao palácio do governo esperava a realização de uma política voltada para a industrialização do Estado e o encaminhamento de soluções para os problemas vividos na área rural. Os trabalhadores do Engenho Galileia, da cidade de Vitória de Santo Antão, receberam apoio de deputados, o culminou com a desapropriação das terras do Engenho em seu favor. Foi essa, em Pernambuco, a primeira desapropriação de terras do engenho em favor dos moradores. Tal acontecimento logo após a Revolução Castrista em Cuba, alimentou a ilusão e o medo de uma revolução semelhante no Nordeste Brasileiro.

Governando entre 1959 e 1963, Cid Sampaio marcou seu governo com duas ações: a primeira foi à criação da Companhia Pernambucana de Borracha Sintética - COPERBO com o estabelecimento do distrito industrial no Muni-

---

e Recife. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006.

43 Roberto Aguiar, Recife: da Frente ao Golpe, p. 193

44 *ibidem*

cípio do Cabo. A COPERBO foi bastante popularizada com o Bônus BS, que caiu na simpatia popular, por conta dos sorteios para os que juntassem notas fiscais por suas compras: os selos valiam ações da COPERBO. Entretanto, os altos preços do álcool e a política de exportação do melaço determinada pelo governo federal em 1965, levaram a COPERBO à crise, sendo posteriormente comprada pela PETROBRAS em 1993.

A outra ação foi uma resposta ao movimento das Ligas Camponesas articuladas pelo advogado, então deputado, Francisco Julião. As Ligas Camponesas surgiram inicialmente como uma associação de auxílio mútuo, visando garantir assistência aos doentes e a certeza de um enterro decente, tendo inclusive recebido apoio do proprietário das terras do Engenho Galileia. É sobre a orientação do deputado Francisco Julião que a associação dos lavradores de Galileia assumiu um discurso voltado para o estabelecimento de uma reforma agrária. Mas, podemos verificar que a ação de Francisco Julião e sua expansão é um contraponto às ações do Partido Comunista e às atividades dos padres Melo e Crespo que organizavam sindicatos sem o conteúdo da luta de classes.

Foi ação de Cid Sampaio a criação da Companhia de Revenda e Colonização – CRC. Esta companhia objetivava promover a posse da terra para famílias camponesas e facilitar a comercialização dos produtos agrícolas. Pressionado pelo movimento camponês, Cid Sampaio promoveu a desapropriação dos engenhos Galileia, Barra e Terra Preta, todas do Município de Vitória de Santo Antão. Contudo, a CRC deu uma maior atenção à comercialização; talvez por isso, o montante de terras desapropriadas com esse fundo foi irrelevante, considerando a concentração tradicional das terras. Entretanto, a CRC foi o passo inicial para a criação do Banco do Estado de Pernambuco – BANDEPE, que se tornou fonte indutora e financiadora do crescimento do Estado.

O surto de desenvolvimento que o país passava veio a atingir Pernambuco como o demonstra a criação da televisão Jornal do Comércio, da TV Rádio Clube. Também foi a época áurea da fábrica Rozemblit de Disco que lançou o selo Mocambo, uma série de discos de 78 rotações, além de compactos e longplays. A fábrica pertenceu ao grupo Rozemblit, e foi que garantia um espaço para os músicos e cantores locais, ao mesmo tempo em que recebia artistas das demais regiões do país e mesmo do exterior.

Após o primeiro ano de governo, a aliança que levava Cid Sampaio ao governo desfez-se, e o seu secretário da Fazenda, que deixou o governo, candidatou-se à Prefeitura do Recife, foi eleito e realizou uma administração que deu continuidade a ação de Pelópidas Silveira.

Assim foi realizada a inauguração do Sítio da Trindade, iniciado na gestão anterior a pedido de artistas como Abelardo da Hora; ampliou o sistema de transportes coletivos. Marcante foi à atuação do Movimento de Cultura popular que mobilizou muitos setores da população objetivando superar o atraso do Estado em atender as demandas educacionais que carregava um déficit de quase cinquenta mil crianças sem escolas. Miguel Arraes, posteriormente, foi eleito governador pela Frente Popular do Recife. Já estavam em movimento forças sociais mais populares e, no campo, verificava-se, desde o início da década, uma disputa pelo campesinato que se organizava em Ligas Camponesas e nos sindicatos de orientação católica.

“A área produtora de cana de açúcar se expandira por porções marginais à região da Mata, provocando a expulsão de produtores rendeiros e parceiros de seus “sítios”, passando a haver certa reação destes, dando origem à formação das Ligas Camponesas, presididas por Zezé da Galiléia e lideradas por Francisco Julião. (...) O chamado movimento camponês se expandira, preparando o ambiente para novas reivindicações em defesa de seus direitos e para a implantação de um movimento sindical no campo, organizado em alguns municípios pelos comunistas (Palmares) e em outros pela Igreja Católica (Jaboatão e Cabo)”<sup>45</sup>

Considerando a bacia leiteira de Pernambuco, especialmente aquela que se formou no Agreste, foi criada a Companhia de Industrialização do Leite de Pernambuco – CILPE, abastecendo a capital.

---

45 Cordeiro de Farias. Idem. P.375

## MIGUEL ARRAES DE ALENCAR (1963-1964)



FIG. 18. Miguel Arraes de Alencar

Miguel Arraes de Alencar foi eleito governador do Estado tendo por base uma larga composição que contava com o apoio das forças de esquerdas e com uma parte do Partido Democrático Social (PSD), setores progressistas da Igreja Católica, estudantes e líderes sindicais da zona rural, envolvidas em programa de educação e cultura, conhecido como Movimento de Cultura Popular, criado à época em que exerceu o direção da Prefeitura Municipal do Recife.

Secretário da fazenda tanto de um governo do PSD (Barbosa Lima Sobrinho), como de um governo da UDN (Cid Sampaio), havendo ainda disputado eleições para deputado estadual no sistema de forças de uma e outra agremiação. Arraes, na verdade, nunca foi comunista, nunca foi pessedista, nem udenista. Foi, como sempre, ele próprio.<sup>46</sup>

Arraes assumiu a Prefeitura do Recife com a firme intenção de realizar um governo de tendência popular, não populista, aberto a todas as forças atuantes na comunidade<sup>47</sup>.

---

46 Cordeiro de Farias. Idem. P.375

47 Memorial do Movimento da Cultura Popular. Coleção Recife, Vol. XLI, Recife, p.21

Quando Miguel Arraes assumiu o governo em 1963, João Cleófas disse no dia seguinte a posse: *O comunismo assumiu o poder em Pernambuco*<sup>48</sup>. Naquele instante, nos diz Arlindo Soares,

O governo da Frente do Recife assumiu o poder político em Pernambuco numa situação em que nenhum setor significativo das classes dominadoras apostava mais em uma saída de conciliação para a crise do país<sup>49</sup>

O governo de Miguel Arraes apresentou diretrizes sob a pressão das forças populares, desejosas por reformas de base, que estavam sendo discutidas no plano da política nacional<sup>50</sup>.

Ao tornar-se governador, em 1963, Miguel Arraes criou a Secretaria de Assistência Social, o que pode ser visto como uma tentativa de influenciar e controlar os vários movimentos políticos e acontecimentos que, genericamente falando, eram rotulados de questões sociais. Assim, o Estado de Pernambuco fez com que seu aparato burocrático concorresse com as burocracias, já em funcionamento do Ministério do Trabalho, da Igreja Católica, e do Partido Comunista, bem como de algumas outras organizações menores, a exemplo das Ligas Camponesas, no controle e condução do movimento trabalhista<sup>51</sup>

O Banco do Estado de Pernambuco, BANDEPE, que havia sido criado com títulos subscritos pela Companhia de Revenda e Colonização - CRC, também criada no governo de Cid Sampaio buscando criar e apoiar colônias agrícolas no Estado, com o objetivo de diminuir as tensões sociais na área rural. No governo de Arraes, contudo, a CRC procurou desenvolver mais uma política

---

48 Soares, 1982, p. 85.

49 (Idem, 95).

50 Eram as reformas Bancária, Agrária, Administrativa, capitaneadas pelo ministro Celso Furtado, primeiro superintendente da Sudene.

51 AGUIAR, Roberto de Oliveira. Recife, da Frente ao Golpe: Ideologias Políticas em Pernambuco. Recife, Editora Universitária, UFPE, 1993. P. 170-171.

comercial de assistência a pequenos e médios produtores com a venda de alimentos, de materiais agrícolas, de vestimentas abaixo do preço<sup>52</sup>.

Com isso, o governo Arraes visava investir na produção, quebrar o poder dos intermediários. Entretanto, era um governo visado pelos setores conservadores e que reagiam à possibilidades de mudanças, ainda que não estruturais, inclusive

instalou-se no Recife uma Secção da Aliança para o Progresso<sup>53</sup>, visando desenvolver programas que angariassem simpatias aos americanos e difundisse a propaganda, mantendo um numeroso coro de informantes<sup>54</sup>.

O governo de Arraes é mais famoso pela sua pertinácia em fazer cumprir o Estatuto do Trabalhador Rural, garantindo a sindicalização e a assinatura das carteiras de trabalho na zona canavieira em pouco mais de um ano. Para tal intento, foi celebrado o Acordo do Campo, entre os usineiros e os trabalhadores rurais. Isso lhe valeu pressão por parte dos proprietários de terra (fornecedores de cana), comerciantes e industriais, que passaram a sonegar os impostos, em que pese uma sensível movimentação econômica nas cidades da zona da Mata, por conta dos salários recebidos pelos trabalhadores que então puderam escapar dos barracões das usinas, de maneira a ativar o comércio local. As condições da política nacional e a conjuntura internacional, entretanto não o permitiam realizar as reformas que seus aliados progressistas e revolucionários pretendiam, em que pese às alianças que havia realizado para garantir a sua eleição<sup>55</sup>, seu governo teve que manter um caráter nacional reformista e confrontar-se com uma oposição de direita, ao mesmo tempo em que era assediado por forças mais radicais de esquerda desejosos de uma ação mais firme na direção das mudanças sociais. As questões políticas nacionais, a agudização dos problemas sociais e a radicalização política, levaram à eclô-

---

52 Andrade, 1991, p. 65.

53 Programa do Governo norte americano, instituído após a decisão dos líderes da Revolução Cubana em assumir o comunismo para aquela ilha do Caribe.

54 Andrade Pernambuco Imortal, p.336.

55 Coronéis do interior, que vieram pelas mãos de Paulo Guerra foram, Chico Heráclio de limoeiro; José Abílio, de Bom Conselho.

são do movimento de 1964, liderado pelo Exército juntamente com setores da sociedade civil, temerosos do que julgavam ser a imposição de uma república sindicalista no Brasil. Vários líderes civis foram afastados da vida política, entre eles Miguel Arraes de Alencar.

A construção da República Liberal foi marcada por incidentes como o suicídio do presidente Getúlio Vargas, pressionado por grupos políticos que ele denunciou em sua Carta Testamento; a tentativa de impedir, sem sucesso, a posse de Juscelino Kubistchek, foi outro momento de tensão vivido pela construção da democracia liberal. Empossado, Juscelino promoveu uma política de contentamento aos diversos grupos econômicos e políticos que dominavam a cena brasileira, de forma que, enquanto promovia o desenvolvimento nacional fazia concessões aos nacionalistas e aos interesses internacionais. O Brasil industrializava-se procurando uma convivência do capital nacional com o capital estrangeiro. Não por acaso Juscelino é conhecido como “presidente bossa-nova”, lembrando o jeito jazzístico de fazer samba. A escolha de seu sucessor veio tornar mais dramática a situação, uma vez que o presidente eleito, Jânio Quadros, renunciou sete meses após a posse, provocando uma crise política, na qual os setores conservadores, com o apoio do Exército, recusavam posse ao vice-presidente João Belchior Goulart. Ele era visto como herdeiro de Vargas, de quem havia sido Ministro do Trabalho, e sob a alegação de que ele seria um comunista, ou a eles aliado, e que pretendia transformar o Brasil em uma república sindicalista, à moda de Perón, militares e civis puseram-se a respeitar a ordem constitucional, sendo necessárias negociações que levaram à diminuição dos poderes presidenciais com a adoção do Parlamentarismo. O sistema Parlamentar, imposto em setembro de 1961, estava fadado a ser brevemente superado, e o foi em janeiro de 1963, através de um plebiscito que fez retornar o presidencialismo.

Miguel Arraes governou nesse tempo de excitação política. As mobilizações de grupos sociais até então silenciados fizeram a tradição conservadora brasileira temerem a revolução, que, parece se iria ocorrer, perdeu a hora. Nos quartéis, militares e civis conspiravam contra o governo do presidente João Goulart. Os governadores de São Paulo (Ademar de Barros), de Minas Gerais (José de Magalhães Pinto) e Guanabara (Carlos Lacerda) foram agentes fundamentais nesse roteiro. A queda de Goulart pôs fim ao governo de Miguel

Arraes. Preso pelo dispositivo militar, Miguel Arraes foi enviado para a ilha Fernando de Noronha, onde passou nove meses. Posteriormente foi transferido para o Rio de Janeiro onde se refugiou na embaixada da Argélia, país que o recebeu como exilado. Voltou com a anistia em 1982.

No dia seguinte, 2 de abril, foi deposto o prefeito do Recife, Pelópidas Silveira, cassado com votos de vinte vereadores, sendo aprisionado no 7º RO. O Estado passa a ser governado por Paulo Guerra, que havia sido eleito vice-governador com Arraes e a capital passa ter como prefeito Augusto Lucena, também eleito vice-prefeito com Pelopidas. Tem início a Ditadura Militar.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Roberto de Oliveira. Recife, da Frente ao Golpe: Ideologias Políticas em Pernambuco. Recife, Editora Universitária, UFPE, 1993.
- ANDRADE, Manuel Correia de, Pernambuco Imortal, vol12.
- ANDRADE, Manuel Correia de. História das usinas de açúcar de Pernambuco. 2ª. Edição. Recife: Editora da UFPE, 2001.
- ANJOS, João Alfredo dos. A Revolução pernambucana de 1911. Movimento popular liderado pelo general Dantas Barreto contras a oligarquia do conselheiro Rosa e Silva. Recife Prefeitura do Recife/ Secretaria de Cultura/ Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2009.
- ARRAIS, Raimundo. Recife, culturas e confrontos. Natal: Editora Universitária EDUFRN, 1998.
- BARROS, Natália Conceição Silva. Joaquim Inojosa e a produção intelectual como escrita de si. In Camila Aparecida Braga Oliveira; Helena Miranda Mollo; Virgínia Albuquerque de Castro Buarque (orgs). Caderno de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual. Ouro Preto: EdUFOP, 2011.(ISBN: 978-85-288-0275-7) . <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2011/paper/viewFile/633/295>
- BRAGA, Sérgio Soares. Quem foi quem na Assembléia Nacional Constituinte de 1946 : um perfil socioeconômico e regional da Constituinte de 1946. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1998.
- CARONE, Edgar. A República Nova (1930-1937),
- CAVALCANTI, Paulo., O caso Eu Conto Como o Caso Foi, São Paulo, Alfa-Ômega, 1978, vol. I,
- COELHO, Fernando. Direita volver. O golpe de 1964 em Pernambuco. Recife: Edições Bagaço, 2004.

- COSTA PINTO, João Alberto da. GILBERTO FREYRE: CULTURA E CONFLITOS POLÍTICOS EM PERNAMBUCO (1923-1945). In <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/revistaplurais/article/viewFile/67/92>.
- COSTA PORTO, José da. Os tempos de Dantas Barreto. Recife: Editora Universitária, UFPE, 1973.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. Itapetim, Cabeça do Pajeú. Recife: Centro de Estudos de História Municipal / FIAM/ CEPE, 1984.
- COUCEIRO, Silvia Costa. “Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920” Tese doutoral, Departamento de História, UFPE, 2003.
- COUCEIRO, Sylvia Costa. Médicos e “charlatões”: conflitos e convivências em torno do ‘poder de cura’ no Recife dos anos 1920. Mneme – Revista Virtual de Humanidades, n. 10, v. 5, abr./jun.2004 (Dossiê História Cultural).
- DELGADO, Luiz. Gestos e vozes de Pernambuco. Recife: editora Universitária UFPE, 1970
- DUARTE, Rui. História Social do Frevo. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A. S/d.
- FARIAS, Osvaldo cordeiro de. Meio século de combate: Diálogo com Cordeiro de Farias. Aspásia Camargo & Walder de Goes. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981
- FERRAZ, Arisson de Souza. Cabrobó, Cidade Pernambucana. São Paulo de Piratininga: Editora Safady Limitada, 1966.
- GARCEZ, Paulo César Marins. Habitação e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras, in História da Vida Privada no Brasil, Da Belle Epoque à Era do Rádio. São Paulo Companhia das Letras
- GOMINHO, Zélia. Veneza Brasileira x Mucambópolis. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, 1997
- GUSMÃO, Jaime A. Pelópidas. o Homem e a obra. Jaime Gusmão (organizador) Recife: Editora Universitária, UFPE 2005.

- HOFFNAGEL, Marc. Tensões e conflitos na consolidação da República em Pernambuco: a Revolta de Triunfo. Recife: Revista CLIO – Revista de Pesquisa Histórica. Volume 28.2
- [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=520&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=520&Itemid=1)
- [http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W\\_Oliveira2.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W_Oliveira2.pdf)
- LE GOFF, Jacques. Uma breve história da Europa. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- LEVINE, Robert, Pernambuco e a Federação Brasileira, 1889-1937, in História Geral da Civilização Brasileira, Tomo III, vol. I org. de Boris Fausto, São Paulo, Difel, 1975
- LIMA FILHO, Andrade. China Gordo: Agamenon e sua época. Recife: Editora Universitária UFPE, 1976.
- LIMA, Heitor Ferreira. História político-econômica e industrial do Brasil. Coleção Brasileira vol. 347. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1ª edição, 1975.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Cultura Afrodescendentes no Recife: Maracatus, Valentes e Catimbós. Recife: Edições Bagaço, 2007
- MACIEL, Ayrton. Carlos de Lima Cavalcanti: Todo poder ao Rei. Série Parlamentar, Século XX. Recife: Assembleia Legislativa de Pernambuco, 2001
- MAXWELL, Kenneth. Por que o Brasil foi diferente? O contexto da independência. In viagem incompleta: a experiência brasileira. Formação: histórias. Carlos Guilherme MOTA (organizador) São Paulo: SENAC, 2000.
- MELLO, Evaldo Cabral de. A outra independência. O federalismo pernambucano de 1817 a 1824. São Paulo: Editorial 34, 2004.
- MELO FILHO, Lílian Renata de; FERREIRA, Rita Cláudia Batista. Cultura corporal e cultura do trabalho: Ações complementares no Centro Educativo Operário do Recife durante o Estado Novo. in [http://www2.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/397LilianFilho\\_e\\_RitaClaudia.pdf](http://www2.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/397LilianFilho_e_RitaClaudia.pdf)

- MELO, Mário. Ruy de Ayres Bello, do engenho à Academia. Recife: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2001
- MENEZES, José Rafael de. O educador Pe. Felix Barreto. Recife: Comuncarf Editora, 2000
- MOREIRA, Fernando Diniz. A construção de uma cidade moderna: Recife (1909-1926). Dissertação de no Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes e Comunicação, UFPE, Recife, 1964. Mimeo.
- MOURA, José Guedes. 1945: uma campanha Eleitoral. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFRPE, 2009. P27 [http://www.pgh.ufrpe.br/pdfs/2009\\_hugo.pdf](http://www.pgh.ufrpe.br/pdfs/2009_hugo.pdf)
- OLIVEIRA, Paulo Fernandes Associação cristã de moços: aspectos do esforço civilizador brasileiro na cidade de recife no final da primeira década do século XX. II Simpósio Nacional Processo Civilizador. Recife: 2009.
- PARAÍSO, Rostand. Recife e Segunda Guerra Mundial. Comunicarte, 1995 – Recife-PE.
- PEREIRA, Nilo. Agamenon Magalhães; uma evocação pessoal. Recife: Tape-roá Editora, 1973.
- \_\_\_\_\_. Pernambuco de Agamenon. Recife, Massangana, 1984
- PIRENE, Jacques-henri. Panorama da História Universal. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Ritos da Universidade de São Paulo., 1873.
- PORTO, Costa, Os Tempos de Lima Cavalcanti. Secretaria de Educação de Pernambuco, Recife, 1977
- PROFÍRIO, Pablo. Medo, Comunismo e Revolução. Pernambuco (1959-1964). Recife: Editora Universitária, UFPE, 2009.
- QUEIROGA, Gervásio Fernandes de. CNBB, comunhão e corresponsabilidade. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- SANTOS, Taciana Mendonça. Alianças políticas de Pernambuco: as frentes do Recife (1955 – 1964) Mestrado de História, UFPE. 2008. (mimeo).

- SILVA, Severino Vicente da . Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da igreja progressista na Arquidiocese de Olinda e Recife. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2010
- \_\_\_\_\_ A primeira guerra mundial na Tribuna Religiosa: o nascimento da neo cristandade”. Recife. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, 1985. Mimeo.
- \_\_\_\_\_ As religiões no Brasil: trilhas antigas e novas. In História das Religiões no Brasil, vol1. Sylvana Brandão (organizadora). Recife: Editora Universitária UFPE, 2001.
- \_\_\_\_\_ Aspectos da religiosidade no médio São Francisco. In Traduções e tradições: a cultura imaterial em Pernambuco. Isabel Cristina Martins Guillen (organizadora). Recife: Editora Universitária, UFPE, 2008.
- \_\_\_\_\_ Os católicos diante das eleições (1955-1961). Estudo sobre a Arquidiocese de Olinda e Recife. In Revista Eclesiástica Brasileira6, FASC. 194. Petrópolis, Vozes, 1989 [340-370]
- \_\_\_\_\_ Protestantismo no sertão do Médio São Francisco. In Os sertões: espaços, tempos movimentos. Suzana CAVANI e Tânia BRANDÃO (organizadoras). Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.
- \_\_\_\_\_ Festa de Caboclo. 2ª edição. Recife: Associação Reviva, 2011.
- \_\_\_\_\_ Uma Nação Africana na Jurema da Mata Norte, Pretinhas do Congo. Olinda: Associação Reviva, 2011.
- SOIHET, Raquel. O povo na rua: manifestações culturais como manifestação da cidadania in Brasil Republicano, volume 2. O tempo do Nacional Estatismo. Jorge Ferreira & Lucila de Almeida Neves Delgado (organizadores) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SILVA JUNIOR, Waldemar Alves da. O coronelismo em Salgueiro, uma trajetória política do coronel Veremundo Soares. (1920-1945). Recife: Edições Bagaço, 2008.
- SOUZA BARROS. A década 20 em Pernambuco [uma interpretação] Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985

- SOUZA, Janaina Timm; SILVA, Úrsula Boas da. O Pioneirismo da cidade de Pelotas, Cículo Operário Pelotense. [http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH\\_00320.pdf](http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00320.pdf)
- SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. A Igreja Católica e a questão social. [http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n04/v11n04\\_09.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v11n04/v11n04_09.pdf)
- SOUZA, Robério Américo do Carmo. Vaqueiros de Deus: a expansão do protestantismo pelo sertão cearense nas primeiras décadas do século XX. Tese doutoral. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.
- TEIXEIRA, Flávio Weinstein. O Movimento e a Linha: presença do Teatro do Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964). Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.
- VIDAL, Francisco Marcus Carvalho. A Festa do Estado e o brinquedo para os populares: histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana (1935-1949) Recife: UFPE, 2010. Mestrado em História, Mimeo.

\*As fotos dos governadores foram retirados do site <http://www.pe.gov.br/>



**ANOTAÇÕES PARA UMA VISÃO DE PERNAMBUCO NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

**FORMATO**

digital

**TIPOGRAFIA**

Swiss 721 Cn BT

Minion Pro

Editoração eletrônica



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

[www.ufpe.br/edufpe](http://www.ufpe.br/edufpe) | [livraria@edufpe.com.br](mailto:livraria@edufpe.com.br) | [editora@ufpe.br](mailto:editora@ufpe.br)



# Livro-Texto

A Pró-Reitoria Acadêmica (Proacad) e a Editora da Universidade Federal de Pernambuco (EdUFPE), apresentam a obra *Anotações para uma Visão de Pernambuco no Início do Século XX*, de autoria de Severino Vicente da Silva, o 37º título editado pelo Programa Livro-Texto.

Esta Coleção publica o material produzido pelos professores da UFPE. Trata-se de uma proposta que visa à publicação de exemplares de qualidade acadêmica a um baixo custo de aquisição para o aluno, além de dar a possibilidade concreta de publicação para o professor. Estimula, ainda, o docente a produzir seu próprio material, oportunizando correções e atualizações em cada nova impressão. O padrão de cores utilizado nas capas identifica a área do conhecimento e, conseqüentemente, o Centro Acadêmico onde a disciplina é ministrada: laranja para Humanas, verde para Saúde e azul para Exatas.

Espera-se que os alunos, incentivados pelas publicações adequadas aos programas das disciplinas que vêm estudando, criem o hábito de adquirir livros e construam, progressivamente, — como estudantes e futuros profissionais — suas bibliotecas particulares.